



LETRAMENTOS NA VIDA

iniciação à pesquisa na
formação de professores

Márcia Mendonça
Rafael Mota
Luís Fernando Moreira da Costa
Maria Clara Salla Nogueira
organizadores



Pedro & João
editores



UNICAMP



CAPES



LETRAMENTOS NA VIDA

iniciação à pesquisa na
formação de professores

Márcia Mendonça
Rafael Mota
Luís Fernando Moreira da Costa
Maria Clara Salla Nogueira
organizadores

 **Pedro & João**
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Márcia Mendonça; Rafael Mota; Luís Fernando Moreira; Maria Clara Salla Nogueira [Orgs.]

Letramentos na vida: iniciação à pesquisa na formação de professores.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 211p. 15 x 20 cm.

ISBN: 978-65-265-0797-1 [Digital]

1. Letramentos. 2. Etnografia. 3. Linguística Aplicada. 4. Educação. I. Título.

CDD – 370

Capa, projeto gráfico e diagramação: Rafael Mota

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Márcia Mendonça

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/ Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).


Pedro & João
editores

Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023



Sumário



Prefácio

Mais lupas, por favor!.....	9
Flávia Danielle Sordi Silva Miranda (UFU)	

Capítulo 1

Letramentos sob múltiplos olhares: uma experiência de formação inicial de estudantes-pesquisadores	18
Márcia Mendonça Rafael Mota	

Capítulo 2

Letramentos em uma cantina	37
Ana Clara Mendonça Urbinatti Larissa Netto Otsuka Marcos César Marconato Junior Vaida Victor Garrafão	

Capítulo 3

Letramentos em uma biblioteca	62
Gabriela de Oliveira Foschiani Giovana Mourad Vicenssuto Gustavo Solera Damasena Luiza Salmazo Posi	

Capítulo 4

Letramentos em uma feira livre.....	89
Cora Weeck Graudenz Giovana De Oliveira Mello Júlia Araujo Neto Juliana Andreotti Marcos Germano Roberta Geovana Nunes Pereira	

Capítulo 5

Letramentos em um museu.....111

Bruna Rolim

Natália Ordine

Carla Diaz

Izadora Alcatrão

Carolina Moreira

Marina Bittencourt

Capítulo 6

Letramentos em um ensaio de viola133

Giovanna Victória de Souza

Izabella Pessato

Julia Castro De Barros

Karen Beatriz Aguiar Sousa

Lais Brusamarello de Souto

Mariana Lins Wolmer

Capítulo 7

Letramentos em um laboratório.....164

Ana Caroline Damasceno dos Santos

Isabella Freitas Cazuny dos Santos

Noemy Ingrid De Castro

Thomás Moura Regueira

Vittoria Ali Stabile Chahin

Capítulo 8

Letramentos em um sebo.....181

Amani Musstafa Zoghbi

Lucas Padula D'avila

Luiza Batista Melo da Silva

Victor Teixeira Turatti

Referências.....205

Prefácio



Mais lupas, por favor!

por FLÁVIA DANIELLE SORDI SILVA MIRANDA
Universidade Federal de Uberlândia

 que esperar de um livro cuja capa é repleta de lupas? Deve ter sido seu pensamento como leitor, quando chegou a esta obra. Foi exatamente o que me ocorreu, quando vi, na rede social de uma das organizadoras, em meados de 2023, a publicação de parte de uma imagem com elas — ainda sem referência ou outras informações — prenunciando a publicação de uma nova obra na área. “Naturalmente, algo muito bom e sobre pesquisa!”, imaginei, enquanto rolava a tela do meu celular, a considerar o que me provocava a figura em questão e de quem vinha a postagem, uma incrível professora que tive na Unicamp. Pouco tempo depois, qual não foi a minha surpresa e imensa satisfação, quando aquela, a Márcia, fez-me o convite para prefaciar um livro encabeçado por ela, Rafael Mota, Luís Fernando Moreira da Costa e Maria Clara Salla Nogueira e, logo na primeira página, venho a reconhecer as mesmas lupas da já referida foto, então agregadas ao título *Letramentos na vida*: iniciação à pesquisa na formação de professores.

O livro é escrito colaborativamente por autores, que são professores-pesquisadores em formação na Universidade Estadual de Campinas, e registra minietnografias realizadas por eles como trabalho de uma disciplina da graduação em Letras, na qual os

organizadores foram a professora (Márcia) e os auxiliares (Rafael, Luís Fernando e Maria Clara). Uma nova surpresa eu tive ao descobrir que, afortunadamente, a obra possuía mais lupas do que eu pensava. Além da capa, há outras, dispostas ao longo dela, que envolvem a indicação dos números de páginas, em sua parte inferior, o que oportuniza metaforicamente puxá-las da marcação do rodapé e direcioná-las para ler com mais profundidade seu conteúdo relacionado à leitura e à escrita, na *teoria e na prática*, evocando Street (1984), e também o nome da disciplina em que tudo começou: “Letramentos: teoria e prática”.

Neste prefácio, pois, com muita gratidão aos organizadores por me possibilitarem um primeiro e privilegiado olhar de leitora, compartilho as reflexões que o manusear dessas lupas, com lentes de aumento (e de contentamento!), oportunamente, gerou em mim.

Para começar, posiciono minha lupa para observar o sumário do livro, onde já noto a essencial semelhança entre seus capítulos: textos que se alinham pela noção de “Letramentos”, sempre no plural, já grafada no início do título principal e repetida em todos os outros títulos dos capítulos, indiciando a perspectiva na qual se fundamentam os trabalhos. Ainda, é neste paratexto que os leitores já poderão, com a passagem de suas próprias lupas, notar a distintiva singularidade de cada produção, com relatos de diferentes contextos com os quais se pode ter contato “na vida”, a outra expressão que aparece no nome da obra. A partir disso, é permitido aos leitores concentrarem lentes de aumento em aspectos que lhes interessem sobre letramentos que ocorrem em variados espaços de uma universidade e até mesmo fora dela. Dessa forma, os organizadores e autores efetivam, tam-

bém *na teoria e na prática*, uma abordagem da leitura e da escrita que emerge da academia.

Na apreciação entusiasmada de todas as minietnografias, pude visualizar, com a visão propiciada pela lupa, acontecimentos reais que revelavam indissociação entre a teoria e a prática e entre os letramentos e a vida, nas ações dos autores-estudantes, à medida que, ao desenvolverem seus trabalhos, mobilizaram conceitos teóricos explorados na disciplina da graduação para entrarem em campo, estarem no campo e analisarem o campo. Nesse sentido, a organização homogênea de todos os capítulos, estruturados sempre nas mesmas seções, foi uma boa estratégia dos organizadores para que os leitores também percebam, por meio de suas lentes particulares, essa integração teórico-prática, quando são chamados a conhecer diferentes momentos das pesquisas e também de suas variadas representações multissemióticas, com escritas, gráfico e boas fotografias, compostos com outras e variadas lentes, a dos próprios autores.

Em todos os capítulos, as lupas podem ser postas por nós em seções com funções diferentes, que vão de uma apresentação genérica e até informal do trabalho, passando por diferentes fases e registros. Há sempre a exposição de um momento de contextualização dos trabalhos, na parte “Abrindo a conversa”, em que os autores expõem expectativas, incômodos, dificuldades, avaliações e até frustrações, entre outros aspectos, fazendo com que fiquemos mais próximos deles e de suas visões sobre o que foi realizado. Na sequência, lemos “O planejamento”, com perguntas e respostas que confrontam expectativas da professora e dos orientadores com decisões dos autores-estudantes, deixando

explícitos os vários e diferentes processos de uma investigação. É somente depois que os textos trazem a seção “A pesquisa”, a mais próxima dos textos acadêmicos tradicionais, constituída por tópicos como “Fundamentação teórica”, “Metodologia” e “Descrição e análise dos dados”, indicativas de um trabalho primoroso dos envolvidos. Os textos se encerram com “Considerações finais” e “Referências”, compondo a totalidade de uma obra característica de uma “escrita de pesquisa como dispositivo material que participa diretamente da produção de saberes” (RODRIGUES; FISCHER, 2021, p. 92). E quantos saberes!

Por outro lado, o livro permite que sejam colocadas lupas nesses trabalhos agrupados sob o escopo genérico dos letramentos, somando-os ao rol de pesquisas etnograficamente orientadas (cf. LILLIS, 2008), particularmente no âmbito dos Novos Estudos dos Letramentos (cf. STREET, 2003), e que podem ser úteis a outros pesquisadores, sobretudo em estágio inicial, como foi o caso dos próprios autores, ingressantes na universidade e na pesquisa.

Ademais, o conteúdo da obra enseja direcionarmos as lupas para o próprio conceito de letramento(s), tantas vezes reduzido e/ou valorizado em apenas uma de suas facetas, a do letramento escolar (cf. BUNZEN, 2010), o que é concretamente desmistificado pelo livro com as análises dos dados gerados fora da escola e das salas de aula da universidade. Ao mesmo tempo, convidamos a pôr as lupas na vida em sua toada ordinária, com a ética necessária, perante os desafios e singularidades de contextos diversos, com respeito pelos participantes em suas ações cotidianas, ao trazer uma escuta valorativa de “significados do letramen-

to” (KLEIMAN, 1995) para as pessoas que vivem os letramentos, seja por meio das entrevistas transcritas, seja nos relatos escritos pelos autores. Ética muito necessária, haja vista que, ainda hoje, vivenciamos cenários extremamente intolerantes, infelizmente.

Em outra instância, o livro relembra os leitores, pelo destrinchar de tantas etapas do processo investigativo que experienciaram seus autores, desde pergunta/hipótese inicial até a escrita de pesquisa (RODRIGUES; FISCHER, 2021) com a publicação dos resultados, a olhar, também com lupas para trajetórias pessoais, conflitos e subjetividades subjacentes aos Letramentos Acadêmicos (LEA; STREET, 1998; FIAD, 2011; FISCHER, 2020).

Além disso, eu não poderia encerrar o prefácio sem um agradecimento especial à Márcia, Rafael, Luís Fernando e Maria Clara pela oportunidade de, nesta condição de prefaciadora, ter sido favorecida a olhar com uma lupa para minha própria formação como professora-pesquisadora-pessoa, ao retomar lugares pelos quais eu também passei e práticas letradas de que participei como estudante da Unicamp, inclusive tendo frequentado muitos dos locais que foram o campo das minietnografias, como a biblioteca, a feirinha ou o museu. Tal identificação, fez-me ler cada capítulo com grande avivamento. Particularmente, agradeço aos envolvidos nesta publicação por amplificarem uma memória especial, do ano de meu ingresso na graduação em Letras da Unicamp, quando cursei uma dupla de disciplinas — “LA-102 – Práticas de Letramento” e “LA-103 – Letramento” — em 2005, que hoje compõem a “LA-104 – Letramentos: Teoria e Prática”, contexto de onde emerge este livro. Compartilho com os autores-estudantes dos trabalhos lidos que eu, naquele momento da graduação,

também conhecia o conceito “letramento(s)” e, na situação, fiz minha primeira pesquisa de campo, adentrando a área de estudo na qual hoje sou uma pesquisadora. Resgato essa história pessoal para refutar quaisquer possíveis resistências dos leitores acerca do que poderiam dizer e como poderiam escrever alunos de graduação. A obra por si comprova quão ricas e vigorosas são suas palavras, reverberando o frescor de suas iniciações na pesquisa. Oxalá, em breve, os mesmos autores sejam lidos em outras publicações, já como pesquisadores veteranos.

Em contrapartida também destaco o mérito e generosidade de seus organizadores, os quais souberam tão bem mobilizar letramentos na teoria e na prática, por meio desta notável empreitada, apostando que os professores em formação tinham muito a dizer sobre o que aprenderam, viveram e poderiam, portanto, serem autores. Foram, assim, os responsáveis por pedir mais lupas para olharmos os letramentos, a universidade, a formação de professores, a pesquisa, enfim, a vida! É como se o gesto de publicar a obra suplicasse: “mais lupas, por favor!”

Acredito que, assim como eu, outros pesquisadores irão se reconhecer em suas trajetórias na leitura desta obra. Adicionalmente, eu penso que professores serão motivados a implementar práticas, como o desenvolvimento de minietnografias no contexto de suas disciplinas acadêmicas; leitores verão eventos de letramentos (HEATH, 1983) de seu dia a dia retratados em textos da universidade e outros estudiosos se sentirão instigados a trabalhar com os múltiplos letramentos (STREET, 2014).

Finalmente, este livro é um profundo lócus para ampliar discussões sobre letramentos em diferentes contextos. Pode ser, ainda,

base para reflexões sobre ética, vida e subjetividade do pesquisador, igualmente pertinentes para a área da Linguística Aplicada (cf. MOITA LOPES, 2013) e outras, para a humanidade. Dito isso, retiro minhas lupas para que os leitores possam colocar as suas.

Ribeirão Preto, 8 de setembro de 2023.

Capítulo 1



Letramentos sob múltiplos olhares: uma experiência de formação inicial de estudantes-pesquisadores

por MÁRCIA MENDONÇA
e RAFAEL MOTA
Universidade Estadual de Campinas

OS LETRAMENTOS ESTÃO NA VIDA

Em um dia qualquer, você se vê em uma cantina universitária e ao pedir um lanche percebe que o atendente, após digitar algo no computador, imprime uma comanda com algumas informações e a entrega para você, que imediatamente a passa para outro atendente, que lê o que está escrito, prepara e entrega o seu lanche a você. Em outro lugar, alguém entra em uma biblioteca, procura pelo livro de interesse na prateleira e depois de encontrá-lo vai ao terminal de empréstimo, onde preenche um formulário online e leva o material. Em outro lugar, uma pessoa visita um laboratório universitário de biologia e se depara com uma enorme quantidade de avisos e orientações sobre como usar equipamentos e anotações dos experimentos realizados pelos pesquisadores, textos estes fixados nas paredes e nos materiais de uso pessoal. E em outro local, alguns jovens assistem a um ensaio de viola e percebem que grande parte da interação entre

o professor e os estudantes de música se dá pela leitura das partituras que ali se encontram mediando o bom desenvolvimento da aula e sincronia dos instrumentos...

O que todas essas situações têm em comum? Respondemos: temos aqui a leitura e a escrita mediando as relações sociais. Boa parte do que fazemos em nossa vida cotidiana está alicerçada em práticas de leitura e escrita dos mais diferentes textos, sejam eles escritos, imagéticos, sonoros, táteis etc. Relacionamo-nos com textos da mesma forma como nos relacionamos com nossos entes queridos, com o nosso trabalho, com as nossas paixões... Ler e escrever está em todos os lugares, faz parte da nossa vida porque simplesmente nos constituem enquanto sujeitos sociais. Os letramentos estão na vida, estão por aí, aproximando, registrando e constituindo histórias de vida, navegando por entre lugares distantes, moldando a vida de quem vem e de quem vai. Ler e escrever sustentam boa parte das interações nas sociedades ditas grafocêntricas, emoldurando práticas e estabelecendo potências e limites para o que fazemos. Permanecem com grande importância, mesmo considerando o turbilhão de semioses que hoje permeiam nosso cotidiano.

Olhar atentamente para essas práticas da vida na universidade, por sua vez, não é um trabalho simples (e nem deve ser!). Primeiro porque o próprio olhar é outro: aqui nós queremos saber, em primeiro lugar, *o que acontece* e também *com quem, onde e quando*. A partir daí, podemos derivar reflexões e conclusões sobre *por que e para que*, bem como sobre possíveis impactos dessas práticas na vida social. Segundo porque, em algum momento, uma investigação sobre as práticas de leitura e escrita

na vida em sociedade acabará desvelando as histórias de vida das pessoas que constituem essa sociedade. Hoje, parece ser contra-producente tratar de fenômenos essencialmente sociais — como o são o ler e o escrever — sem trazer à tona os sujeitos leitores e escritores que configuram essas práticas, acompanhados também de seus mundos, ideias, valores e posturas diante da vida.

Questionamo-nos, portanto, quem são esses sujeitos que se constituem por meio do ler e do escrever; o que eles fazem com essa escrita e com essa leitura; com quem fazem, onde e quando fazem. Nos interessamos, também, pelos porquês e pelos “para-quês”: por que e para que se escreve e lê em uma sociedade tão moderna?

Este livro nasce, portanto, desses questionamentos, concebidos dentro de uma sala de aula de graduação e inspirado pelos estudos socioculturais do letramento de base antropológica, desenvolvidos no Ocidente desde a década de 1980 e que produziram um conjunto de produções fundamentais, das quais citamos os trabalhos de Heath (1982, 1983), Street (1984, 1995), Barton e Hamilton (1998) e, no Brasil, Kleiman (1995), Tfouni (1995), Rojo (1998), Soares (1998), entre tantos outros. Na trilha das investigações etnográficas sobre letramentos, nosso interesse é compreender melhor a dinâmica de usos da linguagem em contextos reais, mediando interações, participando das trocas interativas e constituindo relações identitárias e de poder que emergem dessas trocas, que nelas são tensionadas, e que com elas produzem efeitos de sentido diversos sobre os sujeitos participantes.

Olhar tais situações, consideradas como *eventos de letramento* a serem desvendados e compreendidos, exige formular a per-

gunta — nem ingênua, nem simples — atribuída ao trabalho básico de antropólogos: “Afinal, o que está acontecendo aqui?”. A partir desta pergunta e munidos de um olhar que se lança para além do aparente, os usos da linguagem passam a ser considerados *práticas sociais* que se configuram em eventos de letramento. Inicia-se, pois, a ação de circunscrever, delimitar, “cercar” um objeto de pesquisa a partir das lentes fornecidas por certa perspectiva teórica, saber essencial na formação de pesquisadores.

No âmbito da formação inicial, esse percurso deve ser mediado, assim acreditamos, por atividades variadas e gradativas, de modo que as percepções dos estudantes sobre tais eventos auxiliem a compreender que as práticas de letramento em um determinado ambiente estão imbricadas a uma série de valores, contextos, comportamentos, ideias etc. e que qualquer evento social em que a escrita e a leitura estejam mediando as relações sociais está moldado por tais crenças, seja ele a compra de um lanche, o empréstimo de um livro, a visita a um laboratório de biologia ou o ensaio de viola. O que mais vai se destacando nesse processo, é importante pontuar, é a pesquisa científica como poderoso instrumento para desvelar essas complexas relações e como ele se transforma em vetor principal na formação de professores-pesquisadores na universidade.

Assim, neste primeiro capítulo, apresentamos a experiência de formação de estudantes-pesquisadores de um curso de licenciatura em Letras, na tentativa de evidenciar como se deu a imersão desses sujeitos nos letramentos acadêmicos necessários ao trabalho de pesquisa que foi desenvolvido, no caso, a produção de minietnografias.

O CONTEXTO

As minietnografias produzidas foram propostas no contexto da disciplina LA104, denominada *Letramentos: teoria e prática*, ministrada no primeiro semestre de 2022 no curso de Letras da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Essa disciplina tem o papel de introduzir os ingressantes nos estudos dos letramentos de matriz sociocultural, na formação de professores, perspectiva valorizada na formação inicial de professores da área de Letras no Brasil. Isso porque consideramos fundamental compreender que ler e escrever são ações sociais complexas, apreendidas no âmbito de interações específicas e que, por isso, não equivalem a meras técnicas nem a habilidades sociocognitivas. Carregam consigo perspectivas de mundo, tensões, subjetividades e traços identitários tecidos nas relações estabelecidas nos diversos eventos de letramento de que os sujeitos tomam parte.

Como é comum nos currículos dos cursos superiores, o programa da disciplina pode sofrer pequenos ajustes a depender do docente que a ministra, mantendo a sua configuração geral — ementa, objetivos e boa parte do conteúdo programático. No semestre letivo em que desenvolvemos este trabalho, durante os meses de março e julho, a ementa trabalhada foi a seguinte:

Introdução aos estudos dos letramentos como processo histórico-ideológico de apropriação da cultura da escrita. Sensibilização para mitos e preconceitos que cercam os conceitos (alfabetização, alfabetismos, letramentos) e que sustentam certos enfoques que orientam a escolarização. Revisão do conceito de letramentos a partir das práticas multiletra-

das contemporâneas. A disciplina inclui necessariamente um trabalho de pesquisa no campo.

A partir dessa ementa, alguns tópicos foram abordados, conforme apresenta o quadro a seguir:

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A emergência histórica da noção de letramento

- 1.1 Alfabetização e letramento: conceitos e relações
- 1.2 Alfabetização, letramento, letramentos

2. Enfoques dos letramentos

- 2.1 Modelos de letramento: autônomo e ideológico
- 2.2 Os Novos Estudos do Letramento (New Literacy Studies): letramentos situados
- 2.3 Práticas de letramento, eventos de letramento e comunidades de práticas
- 2.4 Novos e multiletramentos

3. Os letramentos no Brasil

- 3.1 Letramentos no Brasil: dados de pesquisas
- 3.2 Letramentos impressos e letramento digital

4. Letramentos escolares, novos e multiletramentos

- 4.1 Práticas de letramento escolar e ensino de língua materna
- 4.2 Desafios do ensino de língua materna face aos novos e multiletramentos

A bibliografia básica da disciplina foi composta de obras que consideramos relevantes para as aprendizagens previstas e, ao mesmo tempo, inteligíveis para os estudantes — leitores recém-

-ingressos na universidade que se depararam com os desafios inerentes à participação nessa comunidade, antes desconhecida, a acadêmica. Os textos que os alunos deveriam ler estão indicados no quadro a seguir:

BIBLIOGRAFIA

AÇÃO Educativa. INAF Brasil 2018: resultados preliminares. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro, 2019.

BATISTA, A.; VÓVIO, C.; KASMIRSKI, Paula. Práticas de leitura no Brasil, 2001-2011: um período de transformações. *In*: RIBEIRO, V.; LIMA, A.; BATISTA, A. Alfabetismo e letramento no Brasil: 10 anos do INAF. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 189-237.

BUNZEN, C. Os significados do letramento escolar como uma prática sociocultural. *In*: VÓVIO, C. et al. (Org.). Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em Linguística Aplicada. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010, p. 99-120.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. Letramentos em uma escala humana. *In*: _____. Letramentos. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 35-49.

KLEIMAN, A. É preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas: Cefiel/Unicamp, 2005.

ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012, p. 11-31.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 13-26.

STREET, B. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014. (Ler capítulos 1, 3 e 5)

Além dessas indicações, cada grupo de alunos deveria buscar fundamentação específica para auxiliar na descrição e na análise do evento de letramento escolhido.

A disciplina propôs a recobrir duas dimensões, a teórica e a prática, tal como indica o seu subtítulo. Considerando que os ingressantes ainda eram inexperientes na vida acadêmica, a dimensão prática poderia ter ficado restrita a atividades sobre textos estudados e algumas análises de materiais e situações, o que também foi realizado. No entanto, não nos contentamos com isso. Consideramos que seria possível — e necessário — promover a inserção das(os) estudantes em *eventos de letramento acadêmico*¹ fundamentais à formação para a pesquisa e, por consequência, em *práticas de letramento acadêmico* relevantes a essa formação.

Tomamos aqui o conceito de Heath (1982, p. 53) para evento de letramento: “qualquer ocasião em que algo escrito é constitutivo da interação e dos processos interpretativos dos participantes, ou seja, é o que podemos observar que as pessoas estão fazendo quando estão usando a escrita e a leitura” e o de práticas de letramento como o comportamento e as conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita, conforme nos define Street (1993).

Nessa perspectiva, propusemos a realização do que denominamos de “minietnografia”. Sabemos que a investigação etnográfica feita por pesquisadores formados exige o domínio de um conjunto de informações e habilidades com as quais os estudantes ingressantes ainda não sabiam manejar. Nosso objetivo não era reproduzir as condições de trabalho vivenciadas por pesquisadores experientes, tampouco impor as exigências da comunidade acadêmica em relação à investigação a ser realizada. Com uma visada pedagógica, planejamos que grupos de estudantes iriam a campo com o intuito de descrever, preliminarmente, um evento de letramento em contexto não escolar. A finalidade era propiciar experimentação de diferentes etapas da investigação, que incluíam, por sua vez, diversas práticas de letramento e múltiplas aprendizagens, potencializadas pelo protagonismo exercido pelos estudantes-pesquisadores em formação.

Desse modo, a proposta de elaboração de minietnografias na turma de ingressantes funcionaria também como uma produção acadêmica, mas, muito especialmente, como um dispositivo de aprendizagem, pois permitiria aos(às) estudantes um conjunto de vivências de investigação em campo, impossíveis de serem

proporcionadas apenas dentro da sala de aula. Essas aprendizagens dizem respeito a papéis sociais desempenhados na vida acadêmica, mobilização de conhecimentos teóricos e metodológicos inerentes às práticas acadêmicas; familiarização com gêneros acadêmicos e produção de textos nesses gêneros ao longo das etapas da pesquisa, aspectos que discutiremos a seguir.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO ACADÊMICO NA PROPOSTA: ETAPAS, GÊNEROS, PRÁTICAS

As etapas de realização da minietnografia percorridas no semestre foram alternadas com o estudo de textos teóricos sobre o tema dos letramentos e atividades² que também pudessem contribuir para a realização das minietnografias. Previmos um percurso formativo conforme o quadro a seguir:

PERCURSO FORMATIVO

1. Preparando a pesquisa

- 1.1 Pré-projeto
- 1.2 Projeto

2. Realizando a pesquisa

- 2.1 Ida preliminar a campo
- 2.2 Elaboração de notas de campo
- 2.3 Dados preliminares: descrição piloto (versão 1)
- 2.4 Descrição do evento de letramento (versão 2)

3. Registrando e socializando a pesquisa

- 3.1 Relatório minietnográfico (versão 1)
- 3.2 Relatório minietnográfico (versão 2)
- 3.3 Pôster (versão 1)
- 3.4 Pôster (versão 2)
- 3.5 Sessão de apresentação de pôsteres

Nessas diferentes atividades, nossa hipótese era de que os(as) estudantes assumiriam papéis sociais usuais na vida acadêmica, tais como:

- o estudante/estudante-pesquisador que busca se apropriar de conceitos explorados em sala de aula, revisitando o que já conhece, elaborando e reelaborando conceitos, percepções e pontos de vista;
- o estudante-pesquisador que começa a entender o que significa fazer uma pesquisa e o que significa uma pesquisa de campo;
- o estudante-pesquisador que planeja sua pesquisa, negocia com os pares, revisa e modela um projeto;
- o estudante-pesquisador que prepara a ida a campo, fazendo incursões preliminares, conversas, negociações etc.;
- o estudante-pesquisador que arrisca (e se arrisca) apresentar seu trabalho de pesquisa para a comunidade acadêmica.

Exercer esses papéis constitui uma importante etapa no processo de (auto)formação enquanto pesquisador, uma vez que mobiliza uma série de conhecimentos e posturas que, em conjunto, emolduram, impactam, constroem o sujeito que pesquisa, que

questiona, que refuta ou comprove hipóteses, que se envolve com seu objeto de pesquisa, de fato. As atividades ora propostas, partindo do planejamento até a elaboração do texto final, tinham como interesse desenvolver também a percepção dos estudantes sobre o fazer científico, calcado em etapas organizadas e sequenciadas para que os resultados da minietnografia planejada pudessem trazer evidências consistentes sobre as relações entre as práticas de uso da leitura e da escrita, os locais em que acontecem e os sujeitos sociais que delas participam.

Foram realizadas quatro etapas de investigação, com atividades e procedimentos específicos conforme mostra a Figura 1:



Figura 1: Fases da minietnografia.

Fonte: Os Autores.

Em um primeiro momento, consideramos pertinente e fundamental discutirmos, do ponto de vista teórico, as principais questões sobre os letramentos em uma perspectiva sociocultural. Para isso, os estudantes foram constantemente solicitados a ler e discutir textos de referência que pudessem fundamentar suas reflexões a respeito de como os letramentos se materializam em diferentes práticas sociais. Essas discussões também foram acompanhadas por pequenas reuniões em grupos, nas quais buscamos relacionar o estudo das práticas de letramento com a etnografia como modelo de pesquisa. Buscamos, juntamente com os grupos de estudantes, configurar a melhor forma de não só coletar os dados de pesquisa, mas principalmente de analisá-los sob a perspectiva sociocultural a partir de princípios metodológicos imbricados na condução etnográfica, conforme nos apresentam Barton e Hamilton (1998).

A segunda etapa — a qual denominamos de “pré-campo” — teve como principal objetivo que os estudantes participantes da disciplina pudessem delinear os principais aspectos que sustentariam a minietnografia a ser produzida, como por exemplo, a escolha do ambiente de pesquisa, objetivos, metodologia de coleta e análise de dados etc., como forma de alinhar os princípios teóricos estudados em sala com a prática da pesquisa científica. Tal atividade concretizou-se no planejamento e na elaboração de um pré-projeto e de um projeto de pesquisa, escritas nas quais também desenvolvemos os letramentos acadêmicos dos estudantes. Acreditamos que o processo de elaboração desses textos, auxiliaria os estudantes a compreenderem de forma mais clara não só as atividades a serem desenvolvidas — necessárias na produção

de minietnografia — como também se aperceberem do fazer científico necessário para assumirem a identidade de estudante-pesquisador. Especialmente no delineamento do pré-projeto, os estudantes puderam propor um possível campo de pesquisa, a justificativa para sua investigação e os objetivos da pesquisa, o que envolve conhecimentos da área e habilidades de articulação entre princípios dos letramentos e perguntas de pesquisa plausíveis e pertinentes em relação aos tópicos de estudo.

Ao todo, foram elaborados sete projetos de pesquisa, envolvendo os procedimentos de coleta e análise de dados em contextos universitários (dentro do campus), como biblioteca, cantina, ensaio de viola em graduação do curso de Música, feira livre, laboratório de pesquisa; e não universitários, como museu e sebo.

Escolhidos os ambientes de realização da minietnografia e delineados os procedimentos de coleta e análise dos dados, iniciamos a terceira etapa do trabalho — a ida a campo. Conforme se poderá observar nas seções introdutórias de cada capítulo nesta obra, essa etapa foi a de que os estudantes mais gostaram, uma vez que podiam “ver acontecendo” as práticas de letramento nos lugares visitados. Com efeito, as “relações em campo” (HAMMERSLEY; ATKINSON, 2022), com suas tensões e peculiaridades demarcam com grande ênfase o fazer etnográfico, uma vez que os papéis assumidos pelo pesquisador também são moldados pelo ambiente de pesquisa, na intrínseca relação entre pesquisador, ambiente e participantes da pesquisa.

Essa mesma etapa também se caracterizou por uma espécie de política etnográfica, isto é, foram explorados e vivenciados os procedimentos éticos e políticos para acesso e permanência no

campo de pesquisa, bem como pela coleta de dados, através dos registros fotográficos (BARTON et al., 1994; HAMILTON, 2000), notas de campo (EMERSON, FRETZ, SHAW, 2011) e demais formas de apreensão das práticas de letramento nos eventos selecionados. Aqui também os estudantes solicitaram as autorizações necessárias para a realização da pesquisa através da entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para preenchimento pelos participantes, e realizaram os registros tanto em notas de campo, quanto com entrevistas e fotografias.

Na última etapa do percurso formativo que propusemos, os estudantes se debruçaram sobre as diferentes fases da escrita e publicação do texto final, no caso, o relatório de pesquisa. Prezando pelo desenvolvimento e qualidade do processo de elaboração das minietnografias, resolvemos dividir esse momento em diferentes fases, todas elas acompanhadas pela professora da disciplina e seus monitores. Nossa intenção era que os estudantes, durante a escrita do texto, também refletissem sobre a melhor forma de analisar os dados gerados e apresentar os resultados, relacionando as descobertas com o que foi estudado em sala de aula, além de assumir uma postura de observação e análise diante das práticas de letramento observadas e seus respectivos artefatos.

“DO RESIDUAL AO COMPLEXO”, DO COMPLEXO AO RESIDUAL

Para finalizar este capítulo, recorreremos à formulação de Signorini (1998) acerca dos objetos de pesquisa em Linguística Apli-

cada. Segundo a autora, há na constituição destes objetos uma tensão entre aquilo que é *residual*, ou seja, objetos de estudo constituídos numa tradição disciplinar, e aquilo que é *complexo*, que foge ao espectro de objetos e aparatos teórico-metodológicos previsíveis. Essa tensão se manifesta por meio de um percurso, que:

[é] orientado para o reconhecimento e a verificação do que prevê o aparelho conceitual de referência [residual] para um percurso orientado para a busca e a criação de novos conceitos e novas alternativas teórico-metodológicas [complexo] a partir e em função de uma redefinição do objeto de estudo. (SIGNORINI, 1998, p. 101)

Embora reconheçamos essa tensão e esse percurso, aqui, entretanto, invertamos os sinais: tendo descrito o complexo — todo o processo envolvido na proposta de realização de minietnografias —, podemos vislumbrar, talvez, o residual, as (des)aprendizagens possíveis e iniciais dos estudantes envolvidos.

Creemos que a experiência permitiu aos estudantes aprender um pouco sobre o que significa fazer pesquisa de campo, como se empreende uma minietnografia, o que são letramentos na perspectiva histórico-cultural, como se pode descrever um evento de letramento, como se percebem as práticas sociais de uso da linguagem nesses eventos e, muito especialmente, que gêneros acadêmicos as instituições universitárias costumam exigir para conceber, planejar, realizar, registrar e socializar uma pesquisa. É, porém, a apreensão do conceito de práticas de letramento e sua mobilização em tarefas complexas dentro de contextos autênticos, certamente, o objetivo mais complexo a ser atingido e que deman-

da mais tempo do aprendiz. Podemos afirmar que não alcançamos esse objetivo completamente, mas contribuímos nessa direção, já que a experiência também possibilitou que nós, formadores, pudéssemos vislumbrar a gradual aproximação dos estudantes em relação aos conhecimentos e “modos de fazer” mencionados. E, nesse processo, pudemos refletir sobre a própria experiência pedagógica em termos de seus alcances e limites para a aprendizagem dos estudantes.

Notas

- ¹ Consideramos aqui como “eventos de letramento acadêmico” situações em que a escrita ou a leitura constituem práticas sociais realizadas na/relacionadas à academia, com finalidades variadas.
- ² Propusemos uma descrição de caráter etnográfico de uma cena do filme *Narradores de Javé* (2004), na qual Antônio Biá vai ao encontro de Vicentino, respeitável cidadão de Javé, para fazer o primeiro registro da história do vilarejo. A tarefa de registrar a história do local fora atribuída a Biá, único morador que sabia ler e escrever, a fim de evidenciar o valor cultural e histórico de Javé e, assim, evitar a inundação da cidade, decorrente da construção de uma represa, prevista para iniciar em breve.

Capítulo 2



REFEIÇÕES

SELF-SERVICE - 6,50

MARMIÇA FINIÇA - 7,90

PRATO UNIVERSITÁRIO
COM BOLA DE LARANJA - 3,40

12 PRATO UNIVERSITÁRIO
COM BOLA DE LARANJA - 39,30

Marmite Executiva - 2,90

Marmite Tradicional - 2,90

MINI EXECUTIVA - 2,90

MINI TRADICIONAL - 2,90

SORVETES DE MASSA

Letramentos em uma cantina

Ana Clara Urbinatti

Lai Otsuka

Marcos César Marconato Junior

Vaida Victor Garrafão

ABRINDO A CONVERSA

Quando o nosso grupo foi formado e passou a fazer reuniões, logo começamos a nos questionar sobre o ambiente onde nossa minietnografia seria feita. Entre algumas ideias boas, porém de difícil execução, e outras simplesmente absurdas, surgiu a ideia de explorar o funcionamento de uma cantina da Universidade Estadual de Campinas. A possibilidade de realizar o trabalho na única cantina aberta da Universidade após o fechamento em massa que ocorreu durante a pandemia de Covid-19 veio como uma salvação para nosso estado de confusão diante de um trabalho tão desafiador para alunos do primeiro semestre. Então, no dia em que finalmente concordamos que a Cantina do Bello, do Instituto de Biologia da UNICAMP, seria o centro de nosso estudo, iniciamos as preparações para realizar nossa primeira minietnografia.

Imediatamente, começamos a enfrentar dificuldades que nos tiraram de nossa zona de conforto ao nos depararmos com a necessidade de entrar em contato com a gerência do estabelecimen-

to e pedir a permissão e colaboração deles com nossa pesquisa. Por sorte, fomos bem recebidos logo em nossa primeira tentativa de comunicação. Em seguida, outros empecilhos não previstos foram surgindo, como a dificuldade de encontrar um horário em que todos os integrantes do grupo estivessem disponíveis para realizar as visitas. Felizmente, o estabelecimento escolhido pelo grupo era de fácil acesso a todos, já que estava dentro da própria Universidade e não muito longe do local onde todos integrantes estudavam — o Instituto de Estudos da Linguagem. Quando nós conseguimos achar um horário para ir juntos ao local, descobrimos que as dificuldades ainda estavam longe de acabar. Fomos desafiados pela própria realização das visitas, já que, sem experiência, não sabíamos por onde começar nossas observações, tão pouco quais perguntas deveríamos fazer à equipe do local que se disponibilizou para responder às entrevistas. Entretanto, com o tempo e com o acompanhamento de nossos orientadores, aos poucos fomos ficando seguros de nossas habilidades e conseguimos superar os obstáculos para concluir a pesquisa de campo.

Depois da coleta, restavam duas grandes partes do trabalho: a análise dos dados e o registro de tudo em forma de texto, seguindo os moldes estipulados. Nesse momento, uma de nossas integrantes teve que se retirar da disciplina por motivos pessoais, o que causou uma nova dificuldade para o grupo. Mesmo assim, possuíamos todos os dados da coleta, os quais a integrante havia ajudado a recolher, além de que já tínhamos uma direção encaminhada em relação à nossa análise, o que fez com que nós conseguíssemos contornar esse desafio sem grandes problemas. Em relação à escrita do texto em si, conseguimos mesclar aprendiza-

dos antigos nossos com as instruções específicas que recebemos da professora, o que resultou em um trabalho que agradou muito a todos do grupo. Com a ajuda dos orientadores, fizemos algumas mudanças e alterações até chegarmos na versão final, que serviu como base para o pôster que fizemos e apresentamos para a comunidade que estava circulando pelo Instituto de Estudos da Linguagem, durante uma manhã de terça-feira.

Todo o processo, apesar de bem denso e cansativo, foi muito positivo para o grupo. Nós tivemos a oportunidade de vivenciar situações que certamente serão muito úteis no decorrer de nossas vidas, principalmente as acadêmicas. Por isso, também achamos muito legal que essa experiência tenha acontecido logo no início da graduação, para a maior parte do grupo, já que ela criou uma base que nos guiará durante o resto do curso. Pudemos aprender, além de todo o processo e as fases de uma pesquisa, mesmo que em pequena escala, partes mais concretas disso, como a estrutura própria que um texto acadêmico deve ter e como seguir as etapas para que as visitas e entrevistas aconteçam de forma ética, com autorização de todas as pessoas envolvidas.

Assim, conseguimos concluir nosso trabalho, mas não sem muito esforço, dedicação e ajuda. Nas páginas seguintes, está o resultado dessa minietnografia, baseada em estudos de letramentos realizados por nós na Cantina do Bello. Escolhemos analisar, mais de perto, de que forma a leitura e a escrita estavam presentes no funcionamento interno do estabelecimento quanto à organização e comunicação entre funcionários e, por vezes, entre clientes e funcionários, principalmente nos momentos de venda e entrega de produtos. Com base nesse evento de letramento e em

conceitos de estudiosos do assunto, registramos, no decorrer do trabalho, todo o processo da pesquisa — desde partes teóricas até as explicações de como a pesquisa foi realizada, além de, por fim, o mais importante: as descrições e análises do evento de levantamento escolhido.

Esperamos que gostem do trabalho apresentado. Boa leitura!

O PLANEJAMENTO

1. Qual o espaço social selecionado pelo grupo para a realização do trabalho de campo?

Escolhemos realizar o trabalho na Cantina do Bello, que está situada próxima ao Instituto de Biologia (IB), na UNICAMP. O local é um estabelecimento comercial alimentício popular entre os alunos.

2. Por que esse espaço foi escolhido?

Escolhemos esse espaço por conta de sua popularidade entre estudantes da Universidade. Também achamos interessante o fato de ter sido uma das únicas cantinas a permanecer aberta mesmo após o fechamento das atividades presenciais da faculdade. Levamos em consideração que alguns aspectos sobre o modo de organização do estabelecimento eram interessantes de se observar e poderiam se relacionar bastante com o trabalho a ser realizado.

3. O espaço escolhido é de fácil acesso para o seu grupo?

Devido ao fato de o estabelecimento estar situado no campus da

Universidade e próximo ao Instituto de Estudos da Linguagem (onde ocorrem as aulas da disciplina LA-104), o acesso é muito facilitado a todos do grupo. Além disso, em uma conversa com um dos responsáveis pelo estabelecimento, recebemos uma pré-autorização para a realização da pesquisa no espaço indicado.

4. Algum(ns) dos membros do grupo já frequenta(m) esse espaço?

Algumas pessoas do grupo já frequentaram o espaço e, inclusive, o utilizam semanalmente para adquirir cafés, salgados, doces, sorvetes, entre outros serviços oferecidos.

5. Em qual semana o grupo pretende fazer a coleta de dados?

Pretendemos realizar a coleta de dados em dois dias diferentes, em algum momento nas próximas duas semanas (entre 11 e 22 de abril de 2022).

6. Há alguma hipótese sobre o papel das práticas de escrita e leitura nesse espaço?

A hipótese que o grupo sustenta é a de que os eventos de letramento que ocorrem no local (Questão 7) podem contribuir para o melhor funcionamento do estabelecimento. Acreditamos que essas práticas podem deixar o processo mais eficaz e produtivo, além de criar um ambiente agradável para clientes. Achamos, inclusive, que as práticas podem ter tido um grande papel para o fato de a cantina ser uma das únicas abertas no retorno às aulas presenciais.

7. O grupo imagina quais eventos de letramento ocorrem nesse espaço?

Uma das hipóteses levantadas quanto aos eventos de letramento no local é a respeito da forma de organização dos pedidos entre os próprios funcionários. Observamos a presença da escrita e da leitura por meio de bilhetes de papel, que são utilizados entre o momento de compra e retirada dos pedidos. Também pensamos sobre a questão de organização externa de atendimento ao cliente, já que existem alguns cardápios e informações escritas nas paredes do estabelecimento e a existência de alguns cardápios físicos móveis, pouco utilizados. Outro possível evento de letramento está relacionado às atividades realizadas pelos clientes durante o tempo de permanência no local, já que é utilizado tanto para lazer, quanto para encontros acadêmicos e reuniões, além de somente para o consumo dos alimentos.

8. Quais instrumentos de coleta de dados vocês pretendem utilizar para o trabalho de campo (ex. notas de campo, entrevistas, análise de documentos)?

Pretendemos usar nossas notas de campo para a pesquisa, além de possíveis entrevistas com funcionários e clientes da cantina.

9. Vocês pretendem abordar algum dos participantes para a realização do trabalho? Ou pretendem apenas observar as interações sociais de modo amplo?

Pretendemos observar as interações sociais de modo amplo no local, mas, além disso, também temos a ideia de abordar pelo menos dois participantes para a realização de uma entrevista: um

funcionário e um consumidor. Entretanto, ainda não temos certeza sobre quais seriam nossas perguntas e como elas se encaixariam com o resto do trabalho.

A PESQUISA

O trabalho apresentado se trata de uma minietnografia realizada para a disciplina “Letramentos: Teoria e Prática”, ministrada pela professora Márcia Mendonça, no curso de Letras da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A investigação ocorreu na Cantina do Bello, localizada no Instituto de Biologia da UNICAMP, em Barão Geraldo, Campinas - SP (Figura 1). Lá, foi analisado, principalmente, o evento de letramento da organização interna dos funcionários do estabelecimento nos momentos de venda e entrega dos produtos.



Figura 2.1: Logomarca do estabelecimento.
Foto: Os Autores.

Com essa análise, o objetivo do trabalho é entender como a leitura e a escrita medeiam as interações sociais, em reais situações, a partir de uma perspectiva e sob a ótica dos estudos de letramentos, como uma forma de complementação dos estudos realizados na disciplina. Também é possível perceber a relevância do presente trabalho, já que, na maior parte das pesquisas relacionadas a letramentos, são estudadas essas práticas em ambientes educacionais, e, muitas vezes, a presença dos letramentos em ambientes não diretamente relacionados ao ensino não é levada em consideração.

Nas seguintes páginas, ocorrerão as explicações e análises em relação à pesquisa. A primeira seção, “Fundamentação teórica”, explora as teorias científicas e conceitos que baseiam e sustentam a pesquisa. A segunda seção, “Metodologia”, explica e especifica a forma como o estudo foi realizado. A terceira seção, “Descrição e análise dos dados”, conta com a descrição dos aspectos considerados relacionados ao evento escolhido, além de uma análise sobre a relação desses aspectos com o conceito de letramentos. Por fim, a quarta e última seção, “Considerações finais”, condensa e resume o estudo, como forma de conclusão.

Fundamentação Teórica

No trabalho apresentado, será analisado o evento de letramento da organização interna das vendas de um comércio, no caso, uma cantina, estudado a partir de uma minietnografia. Para isso, define-se a ideia de etnografia. Segundo Fetterman (1998), ela pode ser entendida como a ciência que descreve um grupo ou

cultura, por meio da coleta e análise de dados. Essa coleta deve ser feita de uma perspectiva interna, enquanto a análise, de uma externa.

Paralelamente, uma outra base teórica que sustenta a maior parte deste estudo é o conceito de letramentos. Ele é compreendido como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). O letramento não está relacionado somente à ideia de uma pessoa possuir ou não o conhecimento puro de saber ler e escrever, mas sugere uma imersão no mundo da escrita, a partir do uso e da apropriação de práticas sociais de leitura e escrita, em um contexto determinado (SOARES, 2009).

Esse conceito, então, não pode ser desassociado da perspectiva social. Por isso, as atuais pesquisas sobre letramentos fazem parte de contextos de uso da “língua real”, em que a leitura e a escrita se configuram em situações sociais e linguísticas verdadeiras, em um contexto real e constituídas de significado, e não em exemplos hipotéticos ou inventados somente para o estudo (STREET, 2014).

Nesses trabalhos, o conceito é analisado por meio de eventos e práticas de letramento. Um evento de letramento, segundo Heath (1982), é um momento ou situação em que as interações entre os participantes e suas habilidades de interpretação necessitam, obrigatoriamente, da presença de algum material escrito para que ocorram. Já uma prática de letramento é mais abrangente e, segundo Street (2014), envolve tanto os eventos de letramento quanto a base do funcionamento e da organização socio-

cultural referentes ao uso de leitura e escrita que estão por trás do evento em si.

Mais especificamente, a respeito da presença de eventos de letramento em comércios, Lopes (2004) afirma, no seu estudo etnográfico de uma comunidade periférica de Teresina (PI), que os setores sociais que contam com a maior frequência de práticas sociais intermediadas pela escrita e leitura, na comunidade, são os que envolvem transações comerciais, e, ainda, coloca a escrita como indispensável para a segurança dessas transações. Sobre isso, ela adiciona:

Em virtude da natureza das atividades comerciais, a escrita é um recurso do qual as pessoas lançam mão para atingir os seus objetivos práticos e, assim, sendo, essa escrita é responsável por uma parte considerável da escrita existente na comunidade. (LOPES, 2004, p. 120)

Nesse estudo, Lopes (2004) descreve como a escrita e a leitura nas atividades comerciais se mostram muito importantes em situações tais quais o registro físico das transações realizadas, como uma forma de organização das despesas e ganhos de um determinado estabelecimento ou família. Além disso, também merecem destaque os textos escritos em “placas, letreiros, cartazes de anúncios publicitários relativos aos produtos ali comercializados, em diferentes tamanhos e formatos” (LOPES, 2004, p. 105), muito presentes nas fachadas dos comércios da vila estudada.

Metodologia

Para a realização desta minietnografia, foram utilizados alguns instrumentos para a coleta de dados. Primeiramente, o grupo entrou em contato com o gerente da cantina, para pedir permissão e notificá-lo a respeito do planejamento das duas visitas que foram realizadas ao local. Nelas, ocorreu uma observação minuciosa do ambiente e do funcionamento das vendas do estabelecimento, realizada pelos integrantes do grupo por uma perspectiva externa da visão de um cliente. Essas observações foram feitas em dois períodos de uma hora, em dias diferentes, e foram descritas em notas de campo, para que pudessem ser acessadas após o momento da coleta, na análise dos dados. Também foram tiradas fotografias da estrutura física do estabelecimento, como forma de deixar o relatório de pesquisa mais completo e fácil de ser compreendido.

Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com permissões escritas dos participantes, com dois funcionários da cantina que se mostraram dispostos a explicar mais detalhes sobre o funcionamento do local. As perguntas realizadas já haviam sido previamente organizadas pelo grupo, porém de forma em que o roteiro pudesse sofrer alterações no momento da entrevista, de acordo com o rumo que a conversa estivesse tomando e baseado nas informações que foram sendo apreendidas. O foco das entrevistas era compreender o funcionamento interno da cantina; por isso, em geral, as dúvidas apresentadas estavam relacionadas ao sistema e ao ponto de vista dos funcionários sobre ele. Essas entrevistas também foram registradas em formato de

notas de campo, nas quais foi possível identificar aspectos mais internos do funcionamento das vendas, não perceptíveis àqueles que não trabalham na cantina.

Com esses dados em mãos, o grupo pôde partir para a análise. Para isso, um dos aspectos analisados foi a forma como o cenário influencia as interações mediadas pela escrita e leitura na cantina, além de quais objetos e artefatos fazem parte dessas interações. Também foi importante analisar quem eram as pessoas presentes no local e quais eram os diferentes papéis que elas desempenhavam para que essas interações acontecessem. Então, foram observadas, por exemplo, quais eram as variadas funções exercidas pelos funcionários e como elas se relacionavam para que, com a presença da leitura e da escrita, as vendas ocorressem da melhor forma possível.

Por fim, o foco do estudo caiu sobre o evento de letramento escolhido, relacionado à organização interna dos funcionários no momento de venda e entrega dos produtos. Mais especificamente, foi analisado o sistema de códigos e comandas utilizado pela cantina, como forma de organização interna, que se mostrou essencial para a agilidade do trabalho, além da comunicação mais clara e eficiente entre os funcionários.

Descrição e análise dos dados

Dado o evento de letramento escolhido, relacionado à organização interna dos funcionários do estabelecimento no momento das vendas, principalmente com a utilização de comandas e códigos, a ambientação do local foi um importante tópico a ser

analisado. A cantina é formada por uma área externa e uma interna. A externa possui mesas com cadeiras, onde os clientes podem circular e também se sentar para consumir os produtos comprados, além de diversos cartazes colados nas paredes com fotos, nomes e preços de alguns produtos vendidos no local (Figura 2). Também há alguns cardápios móveis em uma mesa na parte externa, com todos os principais produtos vendidos, seus respectivos preços e, ainda, os códigos de alguns deles.

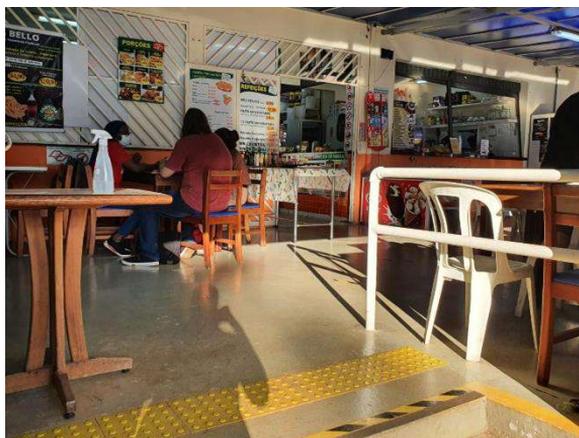


Figura 2.2: Área externa da Cantina do Bello.
Foto: Os Autores.

Nessa área externa, foi possível identificarmos algumas semelhanças quanto ao uso da leitura e escrita no cenário da cantina analisada e nos estabelecimentos comerciais do estudo de Lopes (2004). Em ambos os casos, a escrita em forma de cartazes grandes e bastante visuais, expostos em paredes, é muito utilizada. Com isso, o local pode se tornar mais atrativo para os clientes, que conseguirão saber o que é vendido sem ter que efetiva-

mente entrar na cantina. O próprio ato de comprar também pode ser influenciado pela presença dessas placas e cardápios, já que o cliente, para decidir o que consumir, não precisa observar todos os produtos expostos e buscar se informar sobre seus preços: essa informação já está disponível para ele de forma mais clara e simples. A presença dessa escrita permite com que uma comunicação seja feita entre os clientes e o estabelecimento, mas sem que se faça necessária uma interação direta, o que facilita e agiliza o funcionamento das vendas, reduzindo filas e tempo de espera.

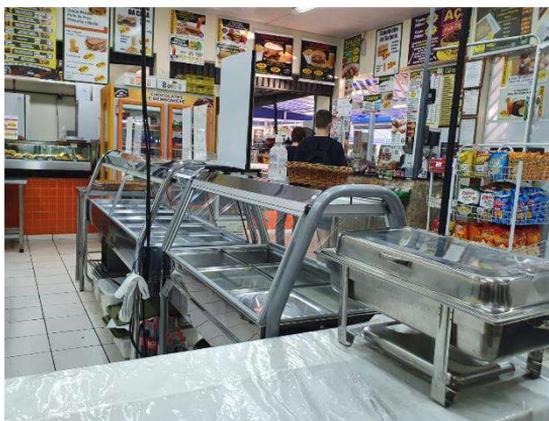


Figura 2.3: Área interna da Cantina do Bello. A área de distribuição de alimentos fica à esquerda e os caixas ficam à direita. **Foto:** Os Autores.

Na parte interna, há uma área onde os clientes podem circular, com geladeiras com produtos à venda, cartazes nas paredes e nas geladeiras, balcões de self-service, dois caixas e a área de entrega dos produtos. O espaço do caixa, onde os pedidos são realizados, é fisicamente separado do espaço de entrega dos produtos, onde os itens são entregues aos clientes (Figura 3). Essa

organização do ambiente foi ilustrada em um mapa realizado por nós, fora de escala, para melhor compreensão (Figura 4).

No espaço de entrega, onde somente funcionários podem circular, existem três seções diferentes, embora não exista uma barreira física entre elas. São elas: a seção de salgados, a de sorvetes e a de bebidas e pastéis. Junto a esse espaço de entrega, está a cozinha. Os ambientes são separados por paredes, porém uma delas apresenta uma abertura, por onde os alimentos são entregues e onde está uma impressora de comandas.

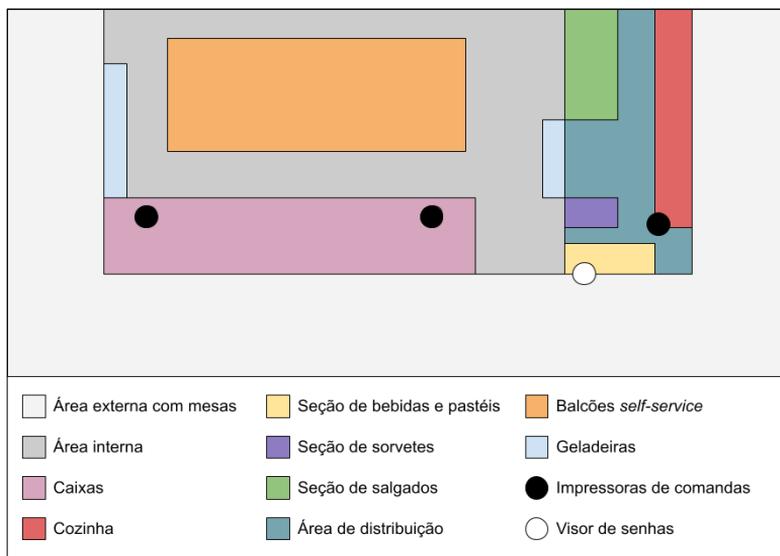


Figura 2.4: Mapa simplificado e legendado da cantina (fora de escala).

Fonte: Os autores.

A respeito do cenário, é importante ressaltar como o local onde os pedidos são realizados, no caixa, é separado do local onde os clientes podem receber as comidas compradas, nas áreas

de entrega, o que impossibilita uma comunicação direta entre os funcionários dessas duas áreas. Ou seja, para que os funcionários da área de entrega consigam ter essa comunicação, é necessário algum outro método que possa permitir que todos estejam trabalhando em sincronia. Para isso, a cantina em questão se utilizou das comandas de papel, com informações impressas, e, consequentemente, da habilidade de leitura e escrita dos funcionários do local, que deveriam escrevê-las ou lê-las, de acordo com a sua função.

Então, percebe-se que as relações sociais são bastante afetadas e modificadas pela presença da escrita e da leitura, e que elas são essenciais para a comunicação e o funcionamento da cantina, o que permite que a situação seja classificada como um evento de letramento (STREET, 2014). O principal artefato que medeia as interações do evento é a comanda. Ela consiste em um papel impresso automaticamente no caixa, que contém algumas informações pré-estabelecidas e comuns a todas as comandas — como o endereço e nome do local, entre outras informações — e os pedidos de cada cliente, informados junto com a data e horário da compra, os códigos de cada item, nome escrito e valor de cada item, a forma de pagamento e troco e, nos casos de ser um pedido que ainda será preparado — e, portanto, não será entregue na hora —, o número do pedido (Figuras 5 e 6).

Para isso, um computador é utilizado para registrar e criar a comanda, e uma impressora a imprime no momento e local do pedido, para entregá-la ao cliente. Se o pedido tiver um número, ou seja, não for de pronta entrega e for ser preparado pela cozinha, a mesma comanda também é impressa em outra impressora, entre a cozinha e a área de entrega.



Figuras 1.5-1.6: Nas comandas de pedido há um código numérico, destacado acima em vermelho. **Fonte:** Os autores.

Além disso, para os pedidos com número, existe um painel de senha que mostra o número do pedido que acabou de ficar pronto, junto com um sinal sonoro, para que os clientes possam ver o número e pegar suas comidas. Também existem os cardápios e cartazes com informações escritas a respeito dos produtos vendidos, que podem facilitar a escolha do cliente antes do momento de ir ao caixa fazer a compra.

Quanto aos participantes presentes no evento de letramento, é possível observar algumas diferentes funções entre eles. Os principais participantes, além dos clientes — que fazem os pedidos e compram no estabelecimento —, são os funcionários do local, que podem ser separados em subcategorias, nessa observação, para facilitar o entendimento. Há os operadores de caixa, que tomam os pedidos dos clientes e os transformam nas comandas; os cozinheiros, que leem o pedido impresso na comanda e o preparam; e os atendentes, que entregam o pedido aos clientes.

Há, também, alguns garçons que orientam aqueles que não estão familiarizados com o funcionamento do local, guiando-os para suas respectivas seções, de acordo com as comandas, e respondendo eventuais dúvidas.

Nessa situação, há uma relação social diferente entre os clientes e os funcionários e os próprios funcionários entre si. Essa primeira relação seria de vendedor/comprador, enquanto a segunda seria de colegas de trabalho, porém de setores diferentes e, portanto, com funções distintas. É possível observar que a utilização estudada dos recibos interfere na primeira relação, uma vez que a comunicação oral, a partir do caixa, fica em segundo plano, tornando-se opcional. Esse fato causa um certo distanciamento entre os clientes e funcionários, principalmente durante os horários de maior movimento, quando a equipe lida com mais comandas em um menor período de tempo.

Nas interações, a leitura e a escrita estão presentes, principalmente, nas comandas geradas a partir do pedido dos clientes. Assim, quem cria esse material são os operadores de caixa, quem distribui são os clientes ou o sistema que imprime a comanda direta na cozinha e quem analisa são os cozinheiros e os atendentes. Esse artefato, embora limite a interação vendedor/comprador, cumpre a função de aumentar a praticidade do estabelecimento, que precisa ser dinâmico ao atender os clientes nos horários de pico.

Portanto, considerando esses aspectos relacionados ao cenário, artefatos e participantes presentes nas interações mediadas pela leitura e escrita, é possível partir para a análise do evento de letramento em si, do funcionamento interno de organização e comunicação do estabelecimento quanto aos pedidos dos clien-

tes, com a utilização das comandas. Por meio dessas comandas impressas com os pedidos, os participantes conseguem ter uma melhor comunicação no processo de compra no estabelecimento.

O evento de letramento começa quando um cliente faz seu pedido no caixa. Nesse momento, o operador de caixa o anota no computador, utilizando códigos pré-determinados, específicos do estabelecimento. Cada código indica um produto, e, ainda, existem códigos para especificidades do pedido, como pedir para tirar algum ingrediente, por exemplo. Esse sistema é particular dessa rede de lojas, e os operadores de caixa já têm todos os códigos decorados, o que acelera o processo no momento de realização do pedido. Isso acontece porque todos os novos funcionários recebem um treinamento de 15 dias para aprender e se adaptar ao sistema, porém, na Cantina do Bello, todos estão trabalhando há pelo menos 5 anos. Aqui, percebe-se a forte presença de letramentos, principalmente relacionados à leitura e escrita utilizadas no funcionamento do sistema digital e no entendimento dos próprios códigos.

Em seguida, a comanda é gerada e entregue ao cliente, que faz o pagamento. Agora, caso o produto comprado seja da seção de salgados, o cliente se dirige até essa área e entrega a comanda ao atendente que estiver lá. Após o cliente escolher qual salgado quer, o atendente lê a comanda, confere se o cliente realmente comprou um salgado e o entrega a comida que escolheu. Então, caso ainda existam outros produtos na comanda que ainda não foram recebidos, o atendente faz um pequeno rasgo no papel para indicar que o salgado já foi entregue àquele cliente. Caso contrário, a comanda é guardada com o atendente. Um processo muito semelhante a esse ocorre também na seção de sorvetes.

Se o produto comprado for da seção de bebidas e pastéis, no momento em que o cliente recebe sua comanda, uma igual também é impressa na impressora localizada entre a cozinha e a seção de bebidas e pastéis. Então, os cozinheiros leem a comanda e já sabem o que preparar. Eles também têm um cardápio ao lado da impressora, ao qual podem recorrer caso não se lembrem de algum dos códigos com as especificidades do pedido. Quando a comida fica pronta, ela é levada até a área de entregas e o número do pedido é anunciado pelo painel de senhas, para que o cliente, que leu a comanda e descobriu o número de seu pedido, possa buscá-la quando vir que o número foi anunciado. Então, ele entrega a comanda, os atendentes a leem para conferir se corresponde ao número e ao pedido, guardam a comanda, caso não exista mais nada nela que ainda não tenha sido buscado pelo cliente, e entregam o produto comprado.

Percebe-se, nesse processo, como a prática de escrita e de leitura tem um papel muito importante para que as interações sociais envolvidas no processo de compra ocorram. Tanto os clientes quanto os funcionários têm acesso às comandas escritas, e, assim, ao lê-las, conseguem saber o que foi pago, como preparar o pedido, o que entregar, quando buscar, entre outras informações. Nessa situação, todos esses agentes envolvidos no evento apropriam-se dos usos de escrita e leitura que fazem parte do funcionamento do local, como uma forma de se inserir no contexto social e praticar as interações necessárias, o que é exatamente a base da ideia de letramentos (SOARES, 2009). Nota-se, novamente, a manifestação da praticidade desejada pelos funcionários, que, por meio dessa prática, têm a possibilidade de otimizar

seu tempo de trabalho, diminuindo a interação oral com os clientes. Por isso, esse sistema de funcionamento com o uso de comandas com códigos é visto como positivo pelos funcionários, que dizem que facilita e agiliza o processo, além de deixar a comunicação mais clara e eficiente.

Além de praticidade, o uso das comandas também pode ser importante para a organização e registro das vendas realizadas, já que, com o sistema utilizado, essas informações ficam guardadas e podem ser acessadas futuramente. Por mais que o modo como isso ocorra se diferencie do registrado por Lopes (2004), essa ideia da utilização da escrita e leitura como forma de registro de transações comerciais descrita pela autora também pode ser identificada na cantina analisada.

Entretanto, também há algumas interações envolvidas no processo de venda que não contam com a presença de leitura e escrita, como a compra dos produtos dispostos nas geladeiras, que podem ser retirados antes ou depois do pagamento, pelos próprios clientes. Nesse caso, a organização é feita somente por meio da observação visual dos funcionários, que se comunicam verbalmente.

Considerações finais

A presente investigação tratou de uma minietnografia de um evento de letramento encontrado na Cantina do Bello, em Barão Geraldo, Campinas (SP), relacionado à organização interna e comunicação dos funcionários do local no momento de vendas. Ela foi produzida a partir de uma minietnografia realizada no local,

com o uso de instrumentos como a observação, as notas de campo, as entrevistas semiestruturadas e as fotografias do ambiente. Isso tudo foi efetuado com a autorização das pessoas envolvidas, com o objetivo de realizar uma coleta de dados, que foram analisados, depois, sob a ótica dos letramentos sociais.

Durante o processo de coleta de dados, o grupo foi capaz de observar a presença das práticas de leitura e escrita na cantina e a forma como elas afetam as relações vendedor/comprador e de colegas de trabalho, a partir do ponto de vista dos funcionários. Com isso, foi possível atingir o objetivo de compreender, ativamente, como ocorriam essas práticas de letramentos em ambientes fora do meio educacional, os quais, muitas vezes, são deixados de lado nas pesquisas relacionadas a esse assunto. Além disso, as análises obtidas serviram como um ótimo complemento aos estudos realizados em sala de aula a respeito da leitura e escrita mediando interações sociais, já que foi possível comprovar, na prática, como ocorriam e a sua importância.

Após a análise, foram encontrados resultados relacionados a como a leitura e a escrita estão presentes na maior parte da comunicação interna entre os funcionários e até mesmo entre os funcionários e clientes, por meio das comandas impressas, principalmente. Esse processo conta, ainda, com o conhecimento das pessoas que trabalham no local a respeito do funcionamento do sistema dos códigos que são impressos nas comandas. Também foi possível encontrar alguns aspectos não previstos anteriormente pelo grupo, tal qual a forma como algumas compras eram realizadas sem o envolvimento de qualquer forma de leitura e escrita, como a de comidas refrigeradas nas geladeiras do local.

Todavia, como um todo, o grupo conseguiu observar a presença forte dos letramentos nas interações realizadas no evento escolhido, já que, com as comandas, a leitura e escrita são grande parte do funcionamento do local, principalmente naquilo relacionado à clareza e eficiência da comunicação, o que também deixa o trabalho mais rápido. Nota-se como todo o sistema organizacional da cantina foi criado em torno do uso social da escrita e da leitura, e que elas constroem a base das interações sociais do local, sendo impossível desvinculá-las do processo de vendas. O uso dos letramentos no estabelecimento influencia em diversos aspectos do seu funcionamento, desde a praticidade e rapidez dos processos até formas de registros e organização interna e, ainda, uma maior atração de clientes. Sendo assim, é possível se dizer que o objetivo principal da pesquisa, de observar os letramentos em ambientes não relacionados à educação, foi atingido.

Além disso, também foi possível estabelecer uma relação entre o que foi observado e o que diziam as teorias de letramentos lidas e colocadas na seção “Fundamentação teórica”. Percebeu-se como a escrita e a leitura foram colocadas em uma situação de interação social, em um contexto real, não sintético, e se mostraram essenciais para que essas interações ocorressem, como previsto pelos estudos dos autores referenciados.

Capítulo 3



BIBLIOTECA CENTRAL CESAR LATTES

Letramentos em uma biblioteca

Gabriela Foschiani
Giovana Mourad
Gustavo Damasena
Luiza Salmazo

ABRINDO A CONVERSA

Após um semestre de muitos questionamentos e discussões acerca do que são letramentos, nos foi proposta a análise de um evento de letramento. Havia muita ansiedade para colocar em prática tudo o que aprendemos e a possibilidade de desenvolver uma pesquisa de campo tornava tudo ainda mais animador.

A escolha do ambiente de análise foi o primeiro desafio para a realização do projeto. Após recebermos um “não” do primeiro local que escolhemos para analisar — uma creche que trabalha com crianças ainda não alfabetizadas —, um pequeno desânimo tomou conta do grupo, que optou, então, recorrer à Biblioteca Central da Unicamp. Criada há mais de trinta anos e localizada no coração da Unicamp, a Biblioteca Central César Lattes (BC) é o abrigo diário de centenas de livros físicos e digitais, pesquisas, periódicos e também de diversos estudantes, como nós. A BC conta com diversos ambientes amplamente utilizados pelo corpo docente e discente para as mais diversas finalidades. Como poderá

ser lido em nossa pesquisa, além da consulta de livros, a biblioteca é um espaço utilizado também para estudo, descanso, lazer, entre outros.

Foi baseado nestas considerações que iniciamos nossa minietnografia. A priori, ocorreu a coleta de dados por meio da observação do ambiente. Por mais que frequentássemos a Biblioteca Central, detalhes nunca antes notados chamaram a atenção no processo, tais como os elementos facilitadores de acessibilidade presentes naquele espaço, algo que, ainda que óbvio para o espaço de uma biblioteca, foram um divisor de águas em nossa investigação.

Posteriormente, realizamos o período de entrevistas com os frequentadores da biblioteca. As questões eram semiestruturadas, gravadas e transcritas. Além delas, contamos com um formulário online, divulgado entre os estudantes de diversos cursos de graduação que também auxiliaram no processo de compreensão do que acontecia no ambiente (e de que maneira acontecia), questões absolutamente centrais em uma descrição etnográfica. Apesar de divertidas, as entrevistas foram mais um pequeno fator de desânimo para o grupo: a sensação era de que, por entrevistarmos somente graduandos, os resultados eram bastante parecidos e chegamos a acreditar que não havia muito o que se observar ali além do que já havíamos constatado nos primeiros momentos da pesquisa. Felizmente, olhando para trás, vemos que não podíamos estar mais enganados.

O ponto de mudança no rumo de nossa pesquisa foi, surpreendentemente, uma entrevista com uma funcionária do local muito prestativa e atenciosa, a quem agradecemos imensamente pela

participação e auxílio. Descobrimos com seu auxílio que além das evidentes demandas de letramentos dos alunos, a Biblioteca Central da Unicamp atende também diversos outros setores, pertencentes ou não à comunidade acadêmica. Dentro dela, podemos citar os professores e pós-graduandos. Além destes, é necessário dar ênfase aos alunos com deficiência visual e auditiva, que têm acesso ao Laboratório de Acessibilidade (LAB), ambiente que propicia o acesso desses estudantes a livros. Um fato extremamente interessante é que o LAB fornece serviços que abrangem também os vestibulandos com deficiência visual, que podem acessar versões narradas dos livros que caem no vestibular e, assim, realizar suas práticas de letramento. Ademais, outros grupos também têm acesso ao letramento facilitados pela biblioteca. Por exemplo, os funcionários da biblioteca, seus filhos, idosos do projeto UNIVERSIDADE da Unicamp¹ e um total de oito moradores de rua que a frequentam, têm acesso a livros, artigos físicos e digitais e a internet graças à BC.

Acreditamos que seja possível imaginar, então, a nossa satisfação com os resultados da coleta de dados. A partir disso, nos dedicamos à análise e sistematização dos dados coletados, além da escrita da minidescrição etnográfica em si. Foi muito recompensador ver nosso trabalho tomando forma e, apesar de todas as dificuldades nessa parte, recebemos todo o auxílio necessário da professora Márcia e dos auxiliares da disciplina, Luís Fernando, Maria Clara e Rafael Mota, que também nos ensinaram tanto. Com o trabalho finalizado, vivenciamos ainda a última experiência incrível proporcionada por essa disciplina, a apresentação das conclusões da pesquisa nos corredores do IEL da Unicamp.

Nossa pesquisa confirmou a hipótese de que as práticas de letramentos são amplas, diversas e abrangem muito mais do que a concepção tradicional de leitura e escrita. Ela também reiterou a importância da Biblioteca Central César Lattes não só para o meio acadêmico, mas para toda a sociedade ao seu redor. Mas, mais do que isso, ela foi o primeiro contato que tivemos com a pesquisa científica, que nos proporcionou um aprendizado que, ainda que com altos e baixos e muito esforço envolvido, marcou profundamente nossa experiência universitária, a qual somos muito gratos de ter tido a possibilidade de vivenciar.

O PLANEJAMENTO

1. Qual o espaço social selecionado pelo grupo para a realização do trabalho de campo?

O espaço selecionado pelo grupo é a Biblioteca Central César Lattes da Universidade Estadual de Campinas, especificamente o acervo disponível no 1º andar do prédio.

2. Por que esse espaço foi escolhido?

A biblioteca é um ambiente com grande potencial para análise por ter diversas práticas de leitura e escrita para serem exploradas, além de ter uma grande circulação de pessoas.

3. O espaço escolhido é de fácil acesso para o seu grupo?

Sim, considerando que a biblioteca se localiza no campus da universidade, torna-se fácil o acesso para o grupo como um todo.

4. Algum(ns) dos membros do grupo já frequenta(m) esse espaço?

Sim, todos os membros do grupo frequentaram ou frequentam o local.

5. Em qual semana o grupo pretende fazer a coleta de dados?

Na semana do dia 10 de abril e na semana do dia 17 de abril de 2022.

6. Há alguma hipótese sobre o papel das práticas de escrita e leitura nesse espaço?

Há duas hipóteses sobre o papel das práticas de escrita e leitura: pratica-se a leitura e a escrita ali para estudo por parte dos estudantes, bem como entretenimento no ler das obras pertencentes ao acervo.

7. O grupo imagina quais eventos de letramento ocorrem nesse espaço?

Principalmente a leitura e estudo dos livros, além da realização de trabalhos para a universidade, como pesquisas para iniciação científica.

8. Quais instrumentos de coleta de dados vocês pretendem utilizar para o trabalho de campo (ex. notas de campo, entrevistas, análise de documentos)?

Pretendemos produzir notas de campo e realizar entrevistas.

9. Vocês pretendem abordar algum dos participantes para a realização do trabalho? Ou pretendem apenas observar as interações sociais de modo amplo?

Além de observar as interações que ocorrerão no espaço, pretende-se entrevistar funcionários, alunos e docentes.

A PESQUISA

A Biblioteca Central César Lattes foi escolhida para a realização de uma minidescrição etnográfica por ser um importante componente das estruturas que facilitam os estudos, interações e pesquisas dentro da universidade, além de estar presente na vida dos estudantes com constância. Portanto, este relatório diz respeito aos eventos de letramento na Biblioteca Central da Unicamp e tem como objetivo analisar tais eventos de letramento supridos por esse equipamento universitário, com enfoque na consulta e empréstimo de livros. O tema foi levantado pelo fato de existirem necessidades de diversos grupos distintos para a realização de práticas sociais de leitura e escrita, e a biblioteca buscar atender a essas demandas a fim de possibilitar o acesso de todos esses grupos a tais atividades.

A metodologia utilizada foi a observação do ambiente, com enfoque na relação entre o local e aqueles que o frequentam. Ademais, foram entrevistados estudantes da universidade que frequentam regularmente à biblioteca, funcionários e visitantes externos. Usou-se, para isso, entrevistas presenciais semiestruturadas, além de um questionário online, o que possibilitou maior

abrangência em termos quantitativos. Foram, ainda, realizados registros em fotografia e vídeo do espaço para entendimento mais profundo acerca do ambiente e o modo como este se relaciona com o público. Por fim, analisaram-se dados estatísticos acerca do público frequentador, acervo, entre outros aspectos.

Inicialmente, havia a expectativa de abranger, com o estudo, os estudantes da graduação, pós-graduação, funcionários internos e professores. Contudo, uma entrevista com uma funcionária da Biblioteca Central alterou por completo o enfoque da pesquisa. Descobriu-se que além dos docentes e discentes outros grupos fazem uso da biblioteca com frequência, dentre eles a população local, como os idosos ligados ao projeto UniversIDADE, crianças filhas de funcionários — que apesar de não estudarem na universidade, consultam o material oferecido na biblioteca —, oito moradores de rua que encontraram um ambiente para passar o dia e realizar leituras e pesquisas online e, por fim, uma parcela de estudantes com alguma deficiência física, que possuem acesso ao Laboratório de Acessibilidade e encontram auxílio para a realização de seus estudos e leituras. Entre as múltiplas práticas de letramentos que podem ser observadas no ambiente, optou-se pelo aprofundamento na questão da consulta e empréstimo de livros.

A partir da análise do ambiente e das relações tecidas com as pessoas, pôde-se inferir que a Biblioteca Central busca suprir diversas demandas que envolvem as práticas de letramentos. Muito além de um local de estudo para o público universitário, a biblioteca é um ambiente vivo em que livros e obras — e, consequentemente, as práticas de letramentos a eles relacionadas —

são acessíveis para uma parcela populacional mais ampla que a de universitários matriculados na Unicamp. Assim, grupos minoritários não ligados à universidade têm acesso ao universo letrado com relativa facilidade, o que é essencial para que haja, cada vez mais, uma população letrada com auxílio de um local com tamanha responsabilidade como a Unicamp.

Fundamentação Teórica

Para a compreensão geral desta minietnografia, é necessário ter certo conhecimento acerca dos conceitos nos quais se baseia esta pesquisa: o conceito de letramento, seus derivados e suas aplicações no meio social.

“Letramento” é um termo relativamente recente no meio linguístico brasileiro, visto que ele surge no país em meados dos anos 80, através de aparições em diversas obras voltadas tecnicamente à área de linguagem. É, porém, em 1995 que o termo é apresentado de forma mais incisiva como tema central do livro *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*, de Ângela Kleiman. Com isso, o conceito se mostrou relevante no léxico dos estudiosos da Educação e das Ciências Linguísticas (SOARES, 2000).

A origem da palavra “letramento” se situa no campo dos Estudos Sociais e foi criada por sociólogos mediante a necessidade de um novo termo que se desprendesse do conceito de “alfabetização”. Esse termo originou-se da tradução da palavra em inglês *literacy* que, de acordo com o *Webster’s Dictionary*, significa “o estado e condição que uma pessoa capaz de ler e escrever assu-

me, acarretando a alteração em âmbitos socioeconômicos, linguísticos e econômicos aos quais estas ações são relacionadas”. Assim como citado, a necessidade de criação da palavra em questão é oriunda da insuficiência lexical do termo comumente utilizada — alfabetização — que, por sua vez, traduz o estado ou qualidade de alfabetizado, resumido no conhecimento sobre a tecnologia de ler e escrever, simplicidade parelha ao seu antônimo, analfabetismo, que consiste na falta de conhecimento total acerca dessas tecnologias (SOARES, 2000).

A insuficiência lexical desses termos se dá por não englobarem em seu significado o conceito geral de letramento, ou seja, a incorporação do domínio desta tecnologia ao contexto social, bem como o estado e condição de quem a incorpora nas práticas do cotidiano. Junto ao conceito de letramento, surge também o conceito de “práticas sociais de letramento”, comuns no dia a dia e que se realizam em “cenários” considerados “eventos de letramento”. Os eventos de letramento propiciam o desenvolvimento dessas tecnologias de leitura e escrita num contexto social, seja ele cotidiano ou não. Como, por exemplo, a leitura de um livro, a escrita de anotações, ou o ouvir e contar uma história (STREET, 2014).

Os eventos de letramento são a base para a análise de letramento por serem observáveis, concretos — mediados por textos escritos — e repetíveis (BARTON; HAMILTON; IVANIČ, 2000). Segundo Heath (1982, p. 50), os eventos de letramento são ocasiões em que a linguagem escrita é parte integrante da natureza das interações dos participantes e de seus processos e estratégias interpretativas. Nelas, os participantes interagem e compartilham

conhecimentos a partir de e sobre o material escrito, seguindo regras formuladas pela comunidade em que vivem. Estas regras são evocadas quando inferidas as práticas de letramento a partir da análise do evento.

Segundo Street (1993, p. 12 *apud* BARTON; HAMILTON; IVANIČ, 2000, p. 7), as práticas de letramento não são unidades observáveis de comportamento, uma vez que também envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais. Conforme o mesmo autor (STREET, 2014), elas têm um nível maior de abstração em relação aos eventos. Referem-se ao comportamento e aos conceitos construídos social e culturalmente, que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita. Elas incorporam não só eventos de letramento como ocasiões empíricas, mas também as alegações ideológicas e relações de poder pré-estabelecidas e reafirmadas com aquelas práticas de letramento.

As práticas sociais de escrita e/ou leitura são mediadas pelos agentes de letramento, que, conforme Silva Filho e Rodrigues (2012), são agentes humanos (indivíduos ou grupo) que medeiam “semioticamente a aprendizagem sobre algum uso social da modalidade escrita da língua”. Já as “agências de letramento” são ambientes (instituições ou grupos sociais) em que se promovem eventos de letramento, os quais são mediados pelos agentes de letramento (SILVA FILHO; RODRIGUES, 2012).

Atualmente, o desenvolvimento do conhecimento e a aquisição de informação são os pilares do âmbito socioeconômico do país; dessa forma, as bibliotecas apresentam-se como uma potência de democratização do conhecimento e na formação de cidadãos, visto que se adapta às demandas sociais de conhecimen-

to e aos avanços tecnológicos. Dessa forma, o letramento informacional e a aprendizagem no decorrer da vida, que estão estritamente relacionados com o papel das bibliotecas universitárias, são mais bem disseminadas na Era da Informação. Tal fato é resultado da atual exigência sobre os indivíduos acerca da capacidade de assimilarem a “avalanche” de informações cotidiana, lidar com essas e continuar uma constante aprendizagem e absorção de ideias (ALVES; SUAIDEN, 2016).

Segundo Gasque (2010), “o letramento informacional constitui um processo que integra as ações de localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas [...]”. Tal aprendizado se desenvolve ao longo de toda a vida, sendo assim considerado um direito humano básico em um mundo digital e a biblioteca se apresenta como potencial para promover a inclusão social em todas as nações. No Brasil, o letramento informacional tem sido mais relacionado ao contexto da educação, recebendo mais destaque no âmbito das bibliotecas escolares e universitárias (ALVES; SUAIDEN, 2016).

Metodologia

O ambiente escolhido para a pesquisa foi a Biblioteca Central César Lattes, localizada no campus da Universidade Estadual de Campinas, por se tratar de um espaço com um grande número de pessoas em circulação, dado que é a principal das 30 bibliotecas do Sistema de Bibliotecas da Unicamp.

Seguindo as orientações do Comitê de Ética do Ministério da Saúde para pesquisas com seres humanos, o grupo pediu permissão aos responsáveis do recinto para utilizar o espaço na pesquisa através de Carta de Anuência. Ademais, os participantes foram informados sobre os reais propósitos da investigação, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que permite o uso de seus dados para a pesquisa, mantendo em sigilo suas identidades.

O evento de letramento descrito compreendeu o acesso e as interações das comunidades internas da UNICAMP com a biblioteca. A equipe alternou suas idas ao estabelecimento, comparecendo na manhã do dia 28 de abril, no dia 3 de maio e na manhã do dia 5 de maio de 2022, conciliando horários de picos de visita ao ambiente — fornecidos pela funcionária da biblioteca — e da disponibilidade dos investigadores.

O método qualitativo, diferentemente do quantitativo, vislumbra os aspectos socioculturais complexos e pluralistas relevantes para a compreensão do que realmente acontece em um determinado contexto de letramento e por quê (AUGUSTO et al., 2017). Dentre os métodos qualitativos, a etnografia possui diversas vantagens, como a coleta de dados em cenários naturais e reais, interferindo o menos possível, e o emprego de vários métodos — equilibrando os pontos fortes e fracos de cada um —, integrando-os na análise (MORGAN-TRIMMER; WOOD, 2016). Desta forma, a metodologia escolhida foi a qualitativa do tipo etnográfico. O grupo coletou informações por meio dos seguintes instrumentos: observação participante, entrevistas semiestruturadas, fotografias do ambiente, gravações de áudio, análise de

documentos computados, notas de campo e, à parte, um questionário online com questões fechadas e encadeadas, complementando os dados colhidos presencialmente. Durante a coleta, levou-se em conta as seguintes questões: “O que está acontecendo no ambiente?”, “Quem participa do evento?”, “Onde, quando e como ocorre o evento?”, “Como é organizado o ambiente?”, “Quais artefatos são utilizados pelos participantes?”, conforme sugestões de parâmetro para análise de Street e Lefstein (2007, p. 193-199).

A observação foi a base para a investigação, dado que é por meio da perspectiva humana que é possível interpretar e descrever a realidade de um contexto de letramento. As fotografias foram utilizadas para auxiliar na descrição do ambiente. As gravações de áudio facilitaram o registro oral das entrevistas. As notas de campo complementaram a observação visual. As entrevistas e o questionário adotaram a “abordagem da percepção do usuário” em relação aos serviços prestados pela biblioteca (AUGUSTO et al., 2017), descrevendo o perfil (idade e curso), os artefatos que usam, a frequência ao ambiente do evento, seus objetivos no evento e os significados que atribuíam àquele espaço e evento. Os documentos, as entrevistas e o questionário serviram de apoio à observação participante para a triangulação dos dados.

A partir da análise do evento, inferiu-se uma série de práticas, dentre elas o empréstimo e a devolução de livros. Questionou-se sobre o papel da escrita naquele contexto; as relações e papéis sociais; as identidades sociais que as perpassam, construídas a partir de um conjunto de concepções, valores, crenças e regras sociais; os sentidos de valor produzidos (em relação aos ar-

tefatos e ao evento), bem como os papéis sociais desenvolvidos (STREET; LEFSTEIN, 2007, p. 193-199).

Descrição e análise dos dados

A Biblioteca Central Cesar Lattes conta com um grande espaço de utilização pelos usuários com quatro andares, acessados por escadas ou elevador. Conta com espaço para descanso, mesas para estudos, computadores com acesso liberado, um laboratório de acessibilidade, uma sala de capacitação e outra destinada à cultura coreana, além do acervo de livros e periódicos.



Figura 3.1: Fachada da Biblioteca Central Cesar Lattes, na Unicamp.

Foto: Os Autores.

Nesse ambiente, os principais artefatos de leitura e escrita utilizados são os diversos tipos de livros encontrados no acervo comum, tanto os aplicados nos estudos dirigidos pelos cursos da instituição, como de estatística, economia e ensino, quanto livros voltados ao entretenimento e à literatura infantil, tornando esse ambiente de interesse comum a todos. Além deste acervo, há computadores e espaços individuais majoritariamente utiliza-

dos para estudo. Esses materiais contribuem consideravelmente para as práticas de letramento dos alunos da instituição, levando em consideração que muitos não teriam acesso a tantos livros e computadores fora desse ambiente.

Além disso, deve-se ressaltar os materiais trazidos pelos próprios estudantes, com a finalidade de desenvolver seus estudos, já que muitos utilizam fichários e cadernos. Dos 40 estudantes entrevistados, constatou-se que 80% deles utilizam esses materiais que, junto ao ambiente e os artefatos da biblioteca, também contribuem para as práticas de letramento que ocorrem no local. Vale ressaltar, também, as edições para deficientes visuais, com livros em braile e audiolivros, disponibilizados pelo Laboratório de Acessibilidade (LAB), que contribui significativamente com as práticas de letramentos do ambiente, viabilizando o estudo de pessoas com deficiência no ambiente acadêmico. Isso pode ser expresso pelos dados, obtidos pelos funcionários da biblioteca: entre 1 de janeiro e 5 de maio de 2022, 46 livros adaptados para deficientes visuais foram retirados para empréstimo.

O LAB foi criado oficialmente em dezembro de 2002 e foi implementado através de recursos do FAPESP (projeto de infraestrutura aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e de outro projeto aprovado pela Pró-Reitoria de Graduação (PRG) da Unicamp (SBU, 2022).

Sobre os objetivos do LAB, Pupo et al. (2004) dizem:

Visando proporcionar aos usuários com deficiência, na Unicamp, um ambiente adequado às suas necessidades educacionais especiais, que garantam o direito de realizar estudos

e pesquisas com maior autonomia e independência, o LAB tem como objetivos específicos: promover acessibilidade aos usuários com necessidades especiais aos serviços e produtos do Sistema de Bibliotecas da Unicamp - SBU, disponibilizar os equipamentos aos usuários com necessidades especiais para estudos, pesquisa e lazer, promover apoio didático considerando as necessidades específicas e conforme disponibilidade de seus equipamentos e recursos humanos, orientar quanto ao uso das TIC's disponíveis, proporcionar um ambiente adequado aos usuários, pesquisadores e estudiosos em inclusão e acessibilidade, criar e disseminar o uso de novas ferramentas de apoio que complementem a educação dos usuários com necessidades especiais, divulgar serviços e produtos interna e externamente, estimular a autonomia e a independência acadêmica dos usuários, e produzir material adaptado. (PUPO; BONILHA; CARVALHO, 2004)

Em outras palavras, o objetivo do LAB é conceder aos alunos o direito de estudar em ambientes inclusivos de ensino e aprendizagem e proporcionar atendimento ao público externo (SBU, 2022). De acordo com funcionária da biblioteca entrevistada, o LAB conta com serviço de audiodescrição, ampliação de textos, audiolivro etc., que são disponibilizados aos alunos, contribuindo com suas práticas de letramento. Além disso, os funcionários do laboratório trabalham na adaptação das obras obrigatórias do vestibular, visando um processo seletivo acessível a todos os candidatos, contribuindo, assim, contribuindo para o letramento do público externo, para tornar mais acessível o ingresso na universidade.

Assim, neste ambiente e com estes artefatos, os universitários podem realizar diversas práticas de letramento. Ainda sobre a en-



Figura 3.2: Livros em Braille.
Foto: Os Autores.

trevista com os estudantes, quando perguntados sobre quais práticas realizam na Biblioteca Central, pode-se inferir que 62,5% deles utilizam a biblioteca para realizar seus estudos sob a premissa de ser um local silencioso, confortável e que dispõe de recursos como internet, por exemplo. Um total de 27,5% afirmou utilizar as dependências para a consulta ou retirada de livros e, ao serem questionados, praticamente a totalidade dos entrevistados informou que são livros ligados a seus cursos, indicados por professores para estudo. Apenas um entrevistado afirmou ler livros da biblioteca por lazer. Existe ainda uma parcela dos entrevistados, 32,5%, que frequenta a Biblioteca Central para descansar, ler, dormir, utilizar o celular, entre outros. O gráfico a seguir ilustra bem tais objetivos.

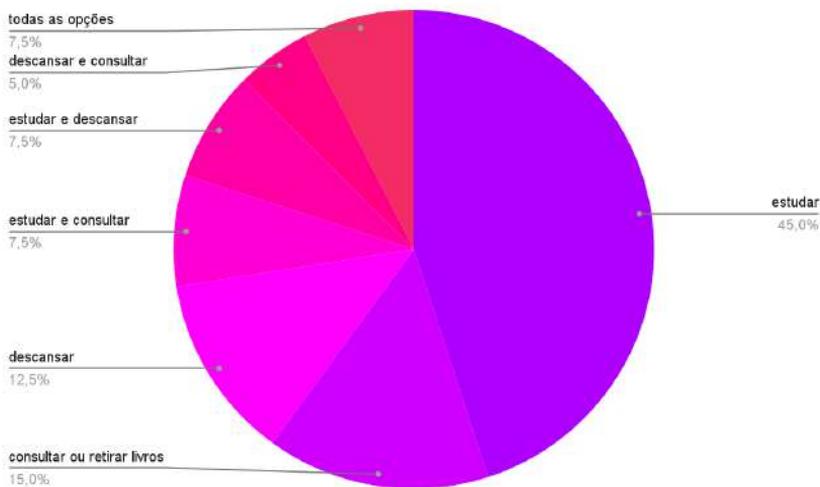


Gráfico 3.1: O que os frequentadores fazem na Biblioteca Central.

Fonte: Os Autores.

A partir dos dados, inferiu-se que a biblioteca tem múltiplos usos e busca suprir diversas demandas de letramento. De acordo com uma funcionária, a biblioteca tem que ser um lugar vivo e, por isso, há uma tentativa de tornar o ambiente útil e acolhedor aos alunos. A Biblioteca Central, assim, supre diversas demandas de letramento; contudo, deve-se dar maior atenção à prática de consulta e empréstimo de livros, tendo em vista que este é um dos principais objetivos do ambiente.

Para consultar ou retirar um livro é necessário que os estudantes, a princípio, saibam como encontrá-lo, o que é possível a partir de um computador disponibilizado no local. Neste computador, ao pesquisar pelo nome, tema ou autor do livro, o sistema indica uma numeração que varia de acordo com o local onde

está o livro. A partir de tal prática, é estabelecida uma relação de poder, baseada numa relação hierárquica entre aluno-universidade, a qual permite o acesso àquele conhecimento de forma regularizada e controlada. Tal controle é respeitado pelo aluno a partir do entendimento e cumprimento dessa prática de hierarquização entre ele e a Universidade como um elemento provedor daquele evento de letramento.



Figura 3.3: Computador para pesquisa no acervo.
Fonte: Os Autores.

Outra forma de encontrar o livro é procurando por ele na estante, visto que os livros são organizados por tema. Contudo, essa prática pode ser mais complicada devido ao tamanho do acervo. Também é possível localizar o material no local pedindo ajuda ao bibliotecário que, nesse caso, é um importante partici-

pante desse evento de letramento, já que, de acordo com Santos e Souza Machado (2014):

O bibliotecário tem que direcionar as situações de interação e aprendizado, nessas situações ocorre trocas múltiplas de experiência em que todos aprendem, estas experiências têm que fazer sentido para todos os participantes e estes devem levá-las e utilizá-las em suas trajetórias de vida. (SANTOS; SOUZA MACHADO, 2014)

Assim, conclui-se que, ao ajudar o aluno e se envolvendo no evento, o bibliotecário se torna um agente de letramento, podendo também contribuir com o evento ao auxiliar o aluno no empréstimo formal de livros, normalmente realizado de forma autônoma pelo próprio aluno na máquina de autoempréstimo, que possui ao seu lado um manual de uso. Contudo, quando a máquina apresenta algum erro ou quando o aluno não sabe utilizá-la, o bibliotecário pode realizar o empréstimo, participando, novamente, dessa prática de letramento. Dessa forma, percebe-se relação hierárquica entre bibliotecário-aluno, socialmente baseada no conhecimento dele acerca do acervo e funcionamento de sistemas relacionados ao empréstimo, bem como a autorização institucional para disponibilizar o acesso, o que o torna guia no evento de acesso ao acervo como um todo.

Nos casos em que apenas se consulta o livro no local, deve-se retirá-lo da estante e, após utilizá-lo, deve-se colocar no local indicado, sendo estantes e/ou mesas bem sinalizadas, para devolver o exemplar no lugar correto, mantendo a organização que permite a prática de letramento vinculada de consulta ao acervo sem em-

préstimo. Logo, a hierarquização é percebida, mas desta vez através da relação instituição-aluno, sendo a instituição a biblioteca, como aparelho de acesso à informação organizada e catalogada.

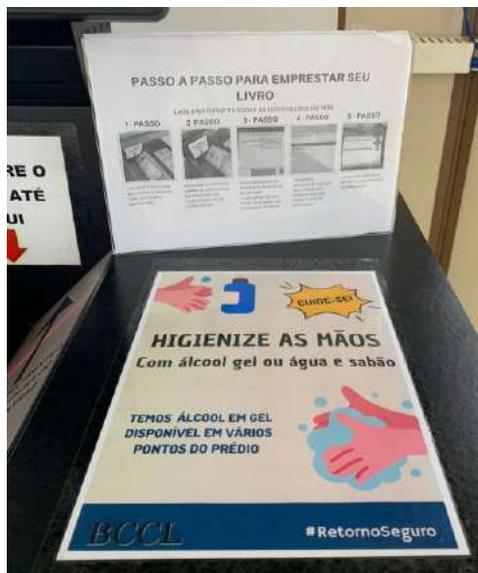


Figura 3.4: Manual de empréstimo de forma autônoma.
Fonte: Os Autores.

É importante ressaltar que a prática de consulta e retirada de livros não é realizada apenas por estudantes da graduação e pós-graduação, já que, de acordo com Vicentini (2007):

A BC, através de sua Coordenadoria, entende que a Biblioteca Universitária pode ultrapassar os limites do espaço acadêmico para promover a leitura, o acesso à informação e através desta, a democratização do conhecimento, fator decisivo para o pleno exercício da cidadania e inclusão social. (VICENTINI, 2007)

Ao entrevistar funcionários da biblioteca, inferiu-se que além dos estudantes, diversos grupos são abrangidos no acolhimento e possibilidade de utilização do ambiente: crianças, idosos, moradores de rua e o público geral.

Diversos funcionários da universidade, por exemplo, levam seus filhos ao local para que eles possam escolher livros. Do dia 1 de janeiro ao dia 5 de maio de 2022, os dados disponibilizados pelos funcionários da biblioteca indicam que 774 livros infantis foram retirados para empréstimo, evidenciando, assim, uma grande demanda por esse tipo de literatura.

Existe, ainda, um projeto vinculado à universidade chamado UniversIDADE, criado para proporcionar aos aposentados da Comunidade da Unicamp e de Campinas um modo de mantê-los ativos tanto física quanto mentalmente, estimulando atividades interdisciplinares e maior qualidade de vida. Esse contato com a universidade e com as atividades estimula a leitura na vida dos idosos que frequentam a biblioteca, onde há o contato constante com a leitura por meio do acesso a livros, internet e etc. Há hoje 106 alunos vinculados ao Programa UniversIDADE e estes retiraram 142 livros para empréstimo entre os dias 1 de janeiro e 5 de maio de 2022, ainda segundo os funcionários.

Além disso, uma funcionária da biblioteca afirmou que cerca de oito moradores de rua frequentam o local. Ao entrevistar um desses moradores, ele afirmou que o ambiente é muito adequado e que todos os habitantes da cidade deveriam conhecer o local. Ele se mostrou muito interessado em estudar, afirmando que lê sobre políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência, ao idoso e à mulher, utilizando os livros e computadores à disposição.

Assim, conclui-se que, de fato, a biblioteca é um local fundamental para promover a leitura e o acesso à informação, como constatado por Vicentini (2007). Contudo, ainda assim, é necessário ressaltar que o público geral não pode fazer empréstimo de livros. Em outras palavras, pessoas não vinculadas à universidade podem apenas consultar os livros no local, não podendo levá-los para casa. Contudo, existe um projeto da universidade a ser implementado para abrir parte do acervo, cerca de 20 mil itens, para a comunidade externa.

Portanto, ressalta-se que, nos dados referentes à quantidade de empréstimos de livros da Biblioteca Central, estão incluídos apenas aqueles vinculados de alguma forma à universidade. De acordo com dados do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), a biblioteca possui 54.825 usuários ativos cadastrados, dentre eles professores, funcionários e pesquisadores e, entre o dia 1 de janeiro e 5 de maio de 2022, 14.803 livros foram emprestados. Isso implica em uma taxa de empréstimo de 0,27 livro por pessoa.

Ainda assim, de acordo com a definição apresentada, pode-se concluir que a Biblioteca Central Cesar Lattes é uma agência de letramento, já que esse ambiente é um espaço sociodiscursivo, onde ocorrem eventos de letramentos regidos por práticas letradas construídas socialmente pelos sujeitos participantes da agência (SILVA; ARAÚJO, 2010, p. 318).

Considerações finais

Por fim, pode-se concluir que a pesquisa, que se constitui na observação do ambiente da Biblioteca Central Cesar Lattes, bem

como na compreensão e análise do modo como esse ambiente é utilizado pela comunidade acadêmica e diversos grupos da população geral, obteve resultados surpreendentes ao mostrar como o espaço da biblioteca supre demandas nas práticas de letramento de diversos cidadãos, tais como:

- graduandos e pós-graduandos;
- o corpo docente;
- funcionários da biblioteca;
- filhos de funcionários da biblioteca;
- idosos que participam do projeto universIDADE;
- moradores de rua;
- alunos e vestibulandos com deficiência;
- o público geral, que pode consultar livros no ambiente e utilizar os computadores.

Compreender que o papel da biblioteca se estendia para além do corpo discente e docente foi essencial, pois confirmou a hipótese de que as práticas de letramento são amplas e diversas, abrangendo muito além da concepção tradicional de leitura e escrita, o que pode incluir aqueles que não foram alfabetizados, aqueles que apresentam algum empecilho físico na realização clássica de tais tarefas etc., fazendo desse ambiente uma importante agência de letramento.

A consulta e/ou retirada de livros é, potencialmente, a prática de letramento mais relevante realizada na Biblioteca Central Cesar Lattes e, como visto ao longo da pesquisa, abrange um enorme contingente populacional, dado que, de acordo com Kontz e Gubbin (2012):

A biblioteca pública desempenha no escopo de suas finalidades diversas funções dentro da comunidade, relacionadas ao seu papel social, cultural, informativo e educativo. É o ponto de acesso principal e dinâmico da comunidade, estruturado para responder de modo proativo a uma multiplicidade de necessidades de informação que estão sempre em mudança. (KOONTZ; GUBBIN, 2012)

Notas

- ¹ O Programa UniversIDADE foi criado para proporcionar às pessoas da Comunidade da Unicamp e de Campinas, condições para a preparação do indivíduo em estágio pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria, de modo a mantê-las ativas tanto física quanto mentalmente, atendendo as necessidades de prevenção, estimulação e capacitação do desenvolvimento físico e emocional através de atividades interdisciplinares que buscam fomentar os diálogos relacionados à Longevidade e Qualidade de Vida. Mais informações em www.programa-universidade.unicamp.br/.

Capítulo 4

NÃO COMA NADA
QUE SUA AVÓ NÃO
RECONHECERIA
COMO COMIDA
MICHAEL POLLAN

Letramentos em uma feira livre

Cora Weeck Graudenz
Giovana de Oliveira Mello
Júlia Araujo Neto
Juliana Andreotti
Marcos Germano
Roberta Geovana Nunes Pereira

ABRINDO A CONVERSA

Quando visitamos ou passamos por uma feira livre, nem sempre lembramos ou percebemos que esse ambiente é um espaço rico em trocas e produções humanas, que abrangem não só o comércio social, mas também a cultura local. Na Universidade Estadual de Campinas, a UNICAMP, semanalmente há a instalação de uma feira de comidas e artesanatos que atende a variados gostos e preferências dos participantes da rotina acadêmica. Dentre as barracas da feira, há duas que se destacam, principalmente para o público vegetariano e vegano da universidade: a ReÚne e a VegWrap, que vendem pratos majoritariamente com vegetais e se comunicam de forma mais artesanal e acolhedora com seus clientes. Por exemplo, as instalações em si são decoradas, coloridas e contam com cardápios e cartazes escritos à mão e expostos na frente das barracas para os clientes consultarem. Isso faz com que os feirantes simbolizem a ideia de

manufatura, simplicidade e proximidade com seus compradores, moldando uma comunicação mais flexível e confortável no momento de compra e venda. Por esses motivos, então, aqui na minietnografia que segue, escolhemos analisar os letramentos nesse espaço específico da feira livre, canalizando nossa pesquisa, ainda, para o modo com que os cardápios vegetarianos intermediaram o funcionamento das barracas e embasam a relação estabelecida entre vendedor e comprador.

Durante o processo de pesquisa em campo, encontramos dificuldades e facilidades para coletarmos os dados. Acompanhar o ritmo das vendas ao mesmo tempo em que tentávamos observar as formas de comunicação entre compradores e vendedores foi um tanto desafiador por demandar agilidade e atenção, ainda mais que as interações se diversificaram principalmente entre aqueles que consultavam os cardápios e aqueles que só trocavam perguntas e respostas com os atendentes das barracas. Agora, também acabou sendo mais fácil comparar e observar esses comportamentos que se repetiram e foram recorrentes entre muitos clientes, como a necessidade de ler os cardápios, de perguntar sobre eles ou de dirigir-se diretamente aos feirantes e conversar para fazer um pedido.

O momento de observação das barracas e coleta de dados, mesmo que exigisse atenção e agilidade, eram agradáveis, uma vez que participávamos do ambiente da feira, o que acabava sendo uma forma de descontração para nós do grupo.

A minietnografia nos mostrou a ramificação dos usos da leitura e da escrita, tanto literais e gráficas quanto as de mundo e as dadas através da interação social. Essa pesquisa de campo des-

trinchou aquilo que ultrapassa o apenas ler e escrever, expondo o vínculo e a interdependência entre a linguagem e seus recursos de comunicação e as maneiras de manifestação social em um espaço público específico. O cardápio, como vimos, tem a função geral de informar os clientes sobre os pratos disponíveis na barraca e é posto como o objeto lido para fazê-los iniciar o processo de decisão de compra até concretizá-la. Contudo, percebemos que ele também transpassa aquilo que os feirantes defendem ideologicamente e aquilo que pregam como instituições de compra e venda capazes de interferirem no meio social em que estão. Isso pôde ser concluído a partir da observação das escolhas de cada barraca, em que se ramificam as relações sociais, o papel da escrita, as concepções e os valores que perpassaram a situação. Dessa forma, aprendemos que o letramento deixa de ser singular e exclusivo para a leitura e escrita objetiva de opções de refeições e passa a ser plural por abordar o que está por trás do diretamente exposto, exigindo o entendimento de como é escrito, por que é assim escrito, para quem é escrito, por onde é escrito e para quem é escrito. Por assim dizer, as opções estilísticas, lexicais, gráficas, formais e composicionais dos cardápios das duas barraquinhas não foram aleatórias ou dadas à toa; ambas se posicionam e se situam como agentes do comércio que repassam ideologias junto de seus produtos.

Nessa pesquisa, o leitor entenderá aquilo que engloba os letramentos e verá uma análise das práticas e das cenas de letramento envolvidas na relação entre feirante e cliente a partir de cardápios no ambiente de uma feira livre da UNICAMP. Esta descrição foi feita a partir da observação das barracas e de seu funcio-

namentos de forma externa, sem interferir no contato entre funcionários e clientes, sendo que demonstra como o letramento atribuído à análise de cardápios impacta nos pedidos de cada cliente.

O PLANEJAMENTO

1. Qual o espaço social selecionado pelo grupo para a realização do trabalho de campo?

O espaço selecionado foi a feira da UNICAMP, mais especificamente as barrquinhas Veg Wrap Fresh Food e ReÚne, Comida e Cultura. A feira e as barracas acontecem na praça entre os Ciclos Básicos I e II às quartas e quintas-feiras. Há estandes principalmente de alimentos, como pastel, tapioca, massas, doces e comidas típicas, mas também há venda de objetos artesanais como bolsas e tapetes. Nas barracas escolhidas, vendem-se refeições feitas com ingredientes selecionados e naturais, como verduras, legumes e cereais. Na ReÚne, são feitos pratos com legumes e proteínas, já na Veg Wrap são vendidos wraps recheados com verduras, legumes e proteínas também. As duas ficam uma ao lado da outra e perto de mesas com bancos. São cobertas com lona e não são muito grandes, tendo o balcão de atendimento e a estrutura de cozinhar logo atrás.

2. Por que esse espaço foi escolhido?

Esse espaço foi escolhido por não ser óbvio ao pensar-se onde a leitura e a escrita são usadas e por onde se revelam. As barracas da feira também são um lugar de conectividade e de troca entre

sujeitos diferentes, envolvendo muitas pessoas e sendo possível observar as variações de comunicação e de interação que desponham disso. Imaginamos ser interessante analisar como os pedidos são feitos, repassados, vendidos e comprados, por exemplo. Assim, percebemos uma conexão entre a leitura, a escrita e a oralidade.

3. O espaço escolhido é de fácil acesso para o seu grupo?

Sim, é de fácil acesso, já que fica dentro da universidade e pode ser visitado em horários flexíveis para o grupo de acordo com o funcionamento do espaço. Como todos do grupo frequentam o campus e estão por lá às quartas e quintas-feiras, é possível ir às barracas escolhidas no horário de almoço, ou seja, entre às 12h e às 14h.

4. Algum(ns) dos membros do grupo já frequenta(m) esse espaço?

Todos do grupo já frequentam a feira por conta de sua localização e de seus horários de funcionamento, mas nem todos já compraram das barracas escolhidas pelo grupo. A escolha foi feita em conjunto a partir de observações dos integrantes que já consomem das barraquinhas em questão e que interessaram a todos.

5. Em qual semana o grupo pretende fazer a coleta de dados?

Pretendemos fazer a coleta nas quartas-feiras dias 13/04/22 e 20/04/22, e, caso seja necessário, na quarta e na quinta-feira da última semana de abril, nos dias 27 e 28).

6. Há alguma hipótese sobre o papel das práticas de escrita e leitura nesse espaço?

Com uma breve observação preliminar das barraquinhas Veg Wrap Fresh Food e ReÚne, Comida e Cultura presentes na feira percebe-se que a escrita e a leitura medeiam a compra e venda dos pratos oferecidos e também o lançamento dos pedidos para o preparo na cozinha. Nas duas barraquinhas há cardápios com escritos e símbolos pendurados para que os clientes vejam quais as opções do dia e seus preços. Os cardápios sozinhos não fornecem todas as informações, sendo essencial a intervenção do atendente que aproveita para convencer que consumam no seu estabelecimento. Depois os pedidos são anotados manualmente ou em uma maquininha e lançados para a cozinha. Há diferenças em como isso acontece. No Veg Wrap, há um varal que os pedidos são pendurados e quem os executa somente lê as comandas. No ReÚne, mesmo com a comanda por escrito, os clientes verbalizam para os chapeiros qual o prato escolhido.

7. O grupo imagina quais eventos de letramento ocorrem nesse espaço?

A leitura do cardápio é um evento de letramento crucial. É possível observar só uma barraquinha, mas o contraste entre as duas, que estão lado a lado e atendem um mesmo público (vegetarianos, veganos e quem gosta dessas opções), é interessante. A disposição do cardápio, o tamanho da letra, o que ele comunica, o que ele não comunica, as dúvidas que ficam que fazem com que seja preciso conversar com o atendente interferem na agilidade e na prestação do serviço, bem como a anotação dos pedidos em comandas. É possível interpelar tanto clientes, quanto os profissionais envolvidos sobre as duas situações.

8. Quais instrumentos de coleta de dados vocês pretendem utilizar para o trabalho de campo (ex. notas de campo, entrevistas, análise de documentos)?

Pretendemos utilizar notas escritas a partir das observações, fotografias tanto do ambiente quanto dos instrumentos de trabalho e possivelmente entrevistas no local.

9. Vocês pretendem abordar algum dos participantes para a realização do trabalho? Ou pretendem apenas observar as interações sociais de modo amplo?

Visamos observar as interações sociais de modo amplo para absorver e analisar a realidade em questão. Depois de tirarmos nossas conclusões sobre isso, iremos fazer abordagens com os atendentes dos comércios e seus clientes. Por meio da entrevista é possível verificar com os consumidores se apenas os cardápios escritos dispostos são suficientes para a compressão ou se é necessária uma troca verbal para totalizar a experiência. Dialogando com os vendedores, podemos verificar se as interações influenciadas pela escrita afetam positivamente o seguimento do atendimento, e caso sim, se há um planejamento ou é não proposital.

A PESQUISA

A pesquisa apresentada é uma minidescrição etnográfica, que possui como objetivo analisar as práticas e as cenas de letramento envolvidas na relação entre feirante e cliente, a partir de

cardápios no ambiente de uma feira livre da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foram observadas especificamente as barracas VegWrap e ReÚne, com foco no modo com que seus cardápios vegetarianos, como objeto de letramento no contexto, intermedeiam seus funcionamentos e embasam a relação estabelecida entre vendedor e comprador.

Esta descrição demonstra como o letramento — “estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2009, p. 18) — atribuído à análise de cardápios, impacta nos pedidos de cada cliente. Quanto à parte metodológica, os pesquisadores realizaram a observação das barracas e de seus funcionamentos de forma externa, sem interferir no contato entre funcionários e clientes. Ademais, a descrição relata como o cardápio é exposto com várias intenções, sendo dirigidos a públicos-alvo específicos.

Este relatório está disposto em seis partes. Nesta introdução, apresentou-se o evento de letramento observado e analisado e um resumo do que vai ser descrito. Na segunda seção, toda a fundamentação teórica usada de base para a escrita e a observação é exposta e, na terceira, a metodologia realizada no decorrer da pesquisa e uma descrição do local estudado são indicadas. Depois, há a parte mais densa da etnografia, a descrição do evento com a análise dos dados coletados, em que são detalhados: a feira e as barracas analisadas, os objetos ali presentes, as interações entre compradores e vendedores, a interdependência entre clientes, cardápio e a execução dos pedidos e como as práticas de letramentos, então, estão ali cometidas. Por fim, apresentam-se as conclusões obtidas através das considerações finais e as referências.

A etnografia aqui decorrente partiu de teorias linguísticas, sociológicas e antropológicas para serem colocadas em prática. Foram estudadas e buscadas as acepções e as abordagens sobre letramentos, leitura e escrita como práticas sociais e sua atuação nos ambientes de feiras livres.

Em primeiro plano, o letramento é um conceito que surge com seu significado atual durante o final do século XX, entre especialistas das áreas de Educação e Ciências Linguísticas. A premissa que envolve o conceito de letramento vai para além do “representar o ato de dominar a tecnologia — o sistema alfabético-ortográfico — do ler e escrever” (SOARES, 2022). Letramento tem sua definição tal como a tradução do termo inglês *literacy*: “o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever” (SOARES, 2009, p. 17). Implícita nesse conceito está a ideia de que “a escrita traz consequências sociais, culturais, [...] quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (SOARES, 2009, p. 17). Aqui, as práticas de ler e escrever não existem somente como materiais descritos com símbolos alfabéticos (letras) baseados em uma ortografia, mas quaisquer que tenham o papel de transmitir uma informação, com algum propósito: os “[eventos de letramento] variam desde analisar o preço de uma mercadoria na feira ou retirar dinheiro no caixa automático até a escrita ou leitura de um tratado, enciclopédia ou romance” (ROJO; MOURA, 2019, p. 18).

Desmembram-se de tais acepções, então, os conceitos de “evento de letramento” e “práticas de letramento”. Primeiramen-

te, Heath (1983) propôs que os ditos eventos de letramento seriam situações em que a escrita está integrada às interações dos seus participantes, fazendo com que um sujeito ou um grupo comumente realize uma sequência de ações pautadas na leitura e na escrita, podendo ser concretamente observados e percebidos, mas não necessariamente compreendidos por qualquer indivíduo de fora do ambiente em que é dado o evento. Por isso, cada evento se apresentaria de uma forma distinta, obedecendo às regras de seus contextos de ocorrência e seguindo seus chamados “agentes de letramento”, ou seja, seus participantes ativos que usam o ler e o escrever, manifestando as funções que a língua e a linguagem podem assumir em diferentes meios de comunicação e interação. Para complementar e ramificar isso, há a definição de “práticas de letramento”. De acordo com Street (2003), as práticas letradas seriam os modos de interação dos indivíduos com a leitura e a escrita na vida cotidiana, sendo estes alfabetizados ou não. Diferentemente e até dentro do conceito de “evento de letramento”, as práticas estariam atreladas a entender e absorver os significados da leitura e da escrita em determinado cenário por ter sido um sujeito treinado nas suas convenções e regras, compreendendo e internalizando seus comportamentos e suas condições de existência. Desta forma, as práticas englobariam não só o evento, mas sim aquilo que o é intrínseco e ainda mais amplo para concretizá-lo.

Através disso, a pesquisa aqui discorrida valeu-se da percepção e visualização dos eventos de letramento no mundo do comércio. No caso das barracas das feiras, há o evento descritivo em foco: intermédio de cardápios para realizar compra e venda.

Quanto às práticas de letramento nisso envolvidas, analisam-se as intenções, funções e organizações dos cardápios em questão para atender ao seu público-alvo e repassar as informações que o compõem. Não o bastante, sobre a feira e suas barracas, pode-se dizer que estas devem ser compreendidas, também, como espaços de trocas e produções culturais e populares, onde trabalhadores e trabalhadoras criam e recriam, em suas práticas cotidianas, diferentes saberes a respeito das formas de conversa, de escrita e de interação entre diferentes pessoas. Sendo assim, o evento de letramento selecionado para estudo e suas decorrentes práticas vão para além da análise linguística e abrangem os âmbitos sociais e culturais do meio, tendo a leitura e a escrita do ser humano como suas bases.

Logo, esta pesquisa de campo destrinchou aquilo que ultrapassa o simples ler e escrever, expondo o vínculo e a interdependência entre a linguagem e seus recursos de comunicação e as maneiras de manifestação social em um espaço público específico.

Metodologia

O presente trabalho aproxima seu método de pesquisa com o de uma minidescrição etnográfica. De acordo com Lopes (2004, p. 50), a etnografia é o “procedimento teórico-prático adotado em pesquisas sociais”. A autora também explica que através deste método é possível descrever uma sociedade e seus acontecimentos (considerando seus contextos) e, partindo desta visualização, pode-se extrair e diferenciar regras de traços do grupo social. Uma abordagem etnográfica ativa é de alta complexidade e extensão,

e visto que este trabalho se limita a um único evento de letramento, utiliza-se “minidescrição etnográfica” como seu gênero.

Os pesquisadores foram observadores e observadores-participantes ao acompanharem as atividades de duas barracas em uma feira da UNICAMP. Foi observada a interação de clientes com cardápios e a mediação dos feirantes. O evento de letramento escolhido para a análise é a leitura do(s) cardápio(s) e uma posterior tomada de decisão (em comprar ou não).

O estudo aconteceu na feira localizada na praça do Ciclo Básico da universidade. Todas quartas e quintas-feiras da semana (com exceção dos feriados), barraquinhas são montadas para a venda e consumo de diversos tipos de alimentos, comidas, bebidas e doces. Esse espaço possui grande fluxo de transeuntes e a feirinha serve como alternativa ao que será servido no restaurante universitário.

Os pesquisadores foram individualmente e/ou em duplas e trios à feira e observaram o funcionamento das barracas. Esta divisão dos observadores foi escolhida para ser possível analisar e comparar o que era concluído segundo uma só pessoa e segundo duas ou mais, pontuando as diferenças e influências entre essa disposição de observação. Isto deixou evidente como a ida a campo em grupo é mais eficaz e rica para o estudo, pois várias informações e percepções são compartilhadas e discutidas, concretizando e moldando uma análise de dados mais sólida. Foram feitas duas visitas ao campo, ocorridas nos dias 19 de abril de 2022, terça-feira, por três observadores e entre às 12 horas e às 14 horas, e 27 de abril de 2022, por uma observadora e entre a mesma faixa de horário. Eles observaram e anotaram como os

cardápios estavam dispostos, como os clientes os liam (e se os liam), como pediam e interagiam com os feirantes partindo ou não do cardápio e como estes respondiam, armazenavam e preparavam os pedidos. Os clientes vistos eram, em sua maioria, jovens discentes da universidade, mas havia, também, funcionários (identificados com crachá, uniforme ou pela conversa) e visitantes que consomem na feira.

Nas duas observações, os pesquisadores também realizaram pedidos nas barracas para entrarem em contato com os cardápios e experienciarem o aquele evento de letramento.

As anotações de campo pautadas na observação externa e na inserção dos observadores no evento foram escolhidas para servir de base para discussão e elaboração de possíveis conclusões do que fora visto, utilizando e comparando os conceitos de autores, pesquisadores e teóricos desse ramo de pesquisa e estudo para formular e defender as ideias em análise.

Descrição e análise dos dados

Com base no exposto, questiona-se o quê, de fato, está acontecendo no evento de letramento escolhido; quem, quando, como e porque há o que há e ocorre o que ocorre no evento. Disso, ramificam-se as relações sociais, o papel da escrita, as concepções e os valores que perpassaram a situação. Por isso, é essencial descrever e analisar os dados observados no evento de letramento em questão.

Primeiramente, a localização das barracas favorece as inte-

rações e intenções entre os participantes do evento de letramento pesquisado porque os clientes podem visitar uma barracinha e logo em seguida irem para a outra do lado, podendo comparar seus cardápios e assim decidir onde vão querer pedir sua refeição.

Dentro desse contexto estão os funcionários das barracinhas e seus clientes, que se configuram como participantes do evento e das práticas de letramento, em face de desenrolarem a compra e a venda a partir da leitura e da escrita de cada cardápio. Tendo, portanto, agentes de letramento nesse meio junto do uso de um objeto específico de letramento, assume-se que o cardápio feirante se dá como o gênero de texto alvo dessa etnografia. Assim, foram observadas sua posição no local, seu conteúdo gráfico e formação, sua composição e suas formas de interpretação. Primeiro, as duas barracas dispõem seus cardápios da mesma forma: ficam pendurados em frente às bancadas e em folhas grandes, dispostos para que os clientes possam vê-los ao passar em frente aos estandes. O cardápio, é importante ressaltar, tem a função geral de informar os clientes sobre os pratos disponíveis na barraca e é posto como o objeto de leitura para iniciar o processo de decisão de compra até concretizá-la. Além disso, constatou-se como o cardápio também transpassa aquilo que os feirantes defendem ideologicamente e aquilo que pregam como instituições de compra e venda capazes de interferirem no meio social em que estão. Isso pôde ser concluído a partir da observação das escolhas de cada barraca: ambas produzem seus materiais escritos, como o cardápio, de forma manual e artesanal, o que aponta a opção dos feirantes em não mecanizar e automatizar suas estruturas; também, as duas optam por atender um público

majoritariamente adepto ao veganismo ou ao vegetarianismo e, logo, mostram como o mercado se insere e manuseia os ideais da vida social para poder continuar vendendo e respondendo às demandas dos compradores. Com isso, os cardápios se encarregam de materializar essa ponte de compartilhamento ideológico entre quem vende e quem compra. Portanto, aqui o letramento deixa de ser singular e exclusivo para a leitura e escrita objetiva de opções de refeições e passa a ser plural por abordar o que está por trás do diretamente exposto, exigindo o entendimento de como é escrito, por que é assim escrito, para quem é escrito, por onde é escrito e para quem é escrito. Assim, o letramento num todo se apresentaria como:

não-linear, multidimensional, ilimitado, [...] com múltiplas funções, com múltiplos objetivos, condicionados por — e dependentes de — múltiplas situações e múltiplos contextos. (SOARES, 2003, p. 95)

Por isso, é preciso atentar-se a todo o contexto em que o objeto de letramento se coloca, questionando e tentando interpretar suas intenções e suas diferentes ideias fornecidas através das suas situações de produção e dos seus usos. Não há como engessar ou tornar linear e limitado o processo de letramento, já que ele se ramifica e se reinterpreta a partir das várias questões e interpretações que pode assumir, bem como abordou Soares (2004).

Ainda sobre o que os cardápios são capazes de comunicar, ao comparar as barraquinhas em foco, notou-se que o cardápio da ReÚne é escrito à mão e toda semana alterado, porque os ingredientes dos pratos são modificados e recombina-

temente. Isso remete a como esse estabelecimento preza pelo artesanal, tanto na identidade visual de mercado quanto na preparação de suas refeições, que, como analisado através do cardápio, contam com ingredientes pré-selecionados e preparados no



Figuras 3.1 e 3.2: Comparação entre os cardápios da barraca ReÚne tiradas em duas semanas diferentes. Fotos: Os Autores.

momento do pedido. Nessa perspectiva, a prática de letramento mediada pelo gênero cardápio fornece não só o que a barraca está vendendo, mas também aquilo que ideologicamente ela prega e quer repassar à clientela no quesito alimentação. A escolha lexical, por exemplo, é específica para o público a quem se dirige, fazendo com que os clientes se identifiquem com os princípios expostos e vendidos, aproximando comprador e vendedor até por um esquema de marketing ideológico construído pelo cardápio.



Figuras 3.3 e 3.4: Cardápios da barraca VegWrap.

Fotos: Os Autores.

Quanto à barraca VegWrap, o cardápio é escrito utilizando a caligrafia do estilo *lettering* (letras e palavras desenhadas), ou seja, também não é digitalizado, mas, diferentemente da ReÚne, seus pratos têm sempre os mesmos ingredientes oferecidos. Isso pode simbolizar a preocupação dos feirantes da VegWrap em manterem a ideia de estabilidade, simplicidade e proximidade do vendedor com seus compradores. Aqui, novamente, a manifestação do letramento em cardápio infere ideais de mercado e de trabalho defendidos pelos participantes do evento em questão, conectando escrita e valores sócio-humanos.

Nos conceitos de Street (2003), isso se definiria como parte de um “modelo ideológico” dos letramentos, porque práticas como esta da VegWrap, e também como as de aplicação do cardápio da ReÚne “[são] empregadas em um contexto social e ideológico, que dá significado às próprias palavras, sentenças e textos com os quais o aprendiz se vê envolvido.” (STREET, 2003, p. 9)

Por assim dizer, as opções estilísticas, lexicais, gráficas, formais e composicionais dos cardápios das duas barraquinhas não são aleatórias: ambas se posicionam e se situam como agentes do comércio que repassam ideologias junto de seus produtos, moldando o “modelo ideológico” de Street (2003).

Percebeu-se que a barraca VegWrap, apesar de ter ilustrações dos alimentos ao lado dos nomes dos pratos, tem um cardápio de mais difícil entendimento por parte do público, já que possui nomes de preparos estrangeiros e não comumente conhecidos, como “falafel” e “tikki-patti”. Também é possível interpretar os desenhos de diferentes maneiras, como entender que a ilustração de um grão de arroz é algum legume ou, inclusive, não entender a que ingrediente cada desenho se refere. Agora, a barraca ReÚne possui um cardápio mais claro, com o nome dos próprios alimentos dispostos; mesmo modificando semanalmente, os clientes conseguem entender quais legumes e verduras estão disponíveis para pedir no dia. Tendo isso em vista, notou-se que, quando o cardápio tende a ser mais autoexplicativo como o da ReÚne, o cliente não vê necessidade em contatar o atendente antes de fazer seu pedido, tornando a experiência de compra e venda mais rápida.

Foi observada, por fim, uma relação de poder entre os participantes neste evento específico de letramento. A disponibilização do cardápio por parte dos feirantes mostra o que eles têm a oferecer e, conseqüentemente, o que os clientes podem escolher pedir. A forma com que o cardápio é lido e recebido, então, hierarquiza e direciona o funcionamento e as vendas das barracas. Os funcionários são aqueles que podem tanto criar, quanto distribuir e analisar materiais escritos para conduzir as interações

no cenário e, a partir do que for pedido pelos clientes, podem reconfigurar os cardápios para aprimorar seu trabalho. Dessa forma, as interações são conduzidas e há um encaminhamento das etapas da prática. Uma continuidade ao uso da leitura e da escrita também é dada, já que são os fatores que direcionam a produção dos pedidos feitos pelos clientes; a preparação e a organização interna da barraquinha dependem da escrita e da respectiva leitura do cardápio e, conseqüentemente, dos pedidos por parte dos funcionários. Sem essas práticas de leitura e escrita, o evento de letramento não seria concretizado e o funcionamento e a finalização do processo seriam dificultados e atrasados.

Enfim, o analisado e descrito até aqui demonstraram como cada evento de letramento se processa de forma distinta, apresentando regras específicas que podem ser observadas a partir de seus contextos de ocorrência, dos objetivos que propõem e das finalidades que cumprem, integrando também os papéis dos agentes de letramento que estiverem envolvidos (BARTON; HAMILTON, 1998). Portanto, o que os cardápios representaram nessa etnografia com certeza se ressignifica e se readapta em outros cenários, com outras práticas de letramento e junto de outros participantes e atuantes do evento, comprovando como existem letramentos múltiplos no cotidiano, e não um letramento único e exclusivo ou passível de normatização e padronização social.

Considerações finais

Esta pesquisa consistiu em entender e analisar as práticas de letramento envolvidas em um ambiente de feira livre, pautando-

-se na observação do objeto de pesquisa e na coleta de dados. O trabalho buscou observar como a leitura e escrita, nesse caso, presentes em cardápios, são capazes de direcionar a compra e venda em uma barraca de alimentação disposta em uma feira livre na universidade pública, e como diferentes maneiras de apresentar esse cardápio influenciam na escolha do cliente sobre qual estabelecimento escolher e como realizar o pedido.

Após a análise dos dados, compreensão da descrição e metodologia e entendimento das teorias por trás do trabalho, foi concluído que o gênero cardápio é capaz de direcionar um evento de letramento efetuando várias práticas através das possíveis diferentes interações, sendo elemento-chave para concretização do letramento nesse meio, mediante leitura e escrita ou conversação. Também foi observado que as práticas de letramento estão presentes em diversos contextos e ambientes, sendo encontradas em relações interpessoais cotidianas. É possível inferir que a leitura e a escrita fazem parte do evento de letramento mesmo quando não diretamente presentes, como no vocabulário (em relação a comida e nomes desconhecidos aos consumidores) e nos diálogos que são realizados com os vendedores para eventual esclarecimento de dúvidas.

Capítulo 5



Letramentos em um museu

Bruna Rolim
Natália Ordine
Carla Diaz
Izadora Alcatrão
Carolina Moreira
Marina Bittencourt

ABRINDO A CONVERSA

 Museu Exploratório de Ciências da Universidade Estadual de Campinas foi proposto formalmente pela instituição em 2005, com a proposta de “ser um espaço cultural interativo, de livre aprendizado e lazer, disseminando a cultura científica através da valorização da convivência e da inclusão social” (SUGIMOTO, 2009). O projeto arquitetônico do museu, distintivo e importante para a explicação de seu funcionamento, foi oficializado em 2009, propondo, como parte de sua filosofia, explicitar contrastes da natureza e do universo, especialmente ao evidenciar “a magnífica relação existente entre Homem, Ciência e Natureza” (CORSI; HIRANO; NISHIMURA, 2009).

O museu foi inaugurado em 2007 e, desde então, tem sido um espaço conhecido pela comunidade universitária especialmente pelo seu observatório, nomeado Praça Espaço-Tempo, e pelos eventos promovidos, muitos deles voltados ao público infanto-

-juvenil. O espaço do museu fica distante do que é considerado o centro do campus universitário, e seu acesso se dá através do transporte circular disponibilizado gratuitamente ou de carro, sendo o trajeto a pé desaconselhado devido à distância.

No site do museu (<https://www.mc.unicamp.br/>), podemos observar na seção “equipe” que há um conselho e uma equipe de coordenadores e monitores. Estes últimos ocupam vagas disponibilizadas por meio de processos seletivos para bolsistas de graduação. Também, há a descrição de sua missão no site, sendo o seu foco estimular a curiosidade sobre fenômenos naturais e promover a busca de conhecimento científico. Nesse sentido, o que o museu oferece ao seu público está de acordo com o que Marandino (2002, p. 11) analisa sobre museus de ciências:

os museus de ciências vêm sendo lócus importante das investigações no campo do Ensino de Ciências e vários trabalhos vêm procurando discutir os aspectos educativos desenvolvidos nestes espaços, propondo abordagens para a práxis educativa nos museus em geral e nos de ciências em particular. Além disso, nota-se por um lado, a ampliação do trabalho de formação de educadores e monitores de museus, algumas vezes desenvolvidos em articulação com as licenciaturas. (MARANDINO, 2002, p. 11)

A escolha deste museu como espaço propício para pesquisa etnográfica educativa se justifica porque sua natureza é proporcionar aprendizagem e conhecimento científico para todos que participam do espaço (equipe de trabalho e visitantes), extrapolando os moldes tradicionais de ensino/aprendizagem da sala de

aula. As oficinas realizadas pelo museu, veiculadas pelas redes sociais, foram fontes primárias de observação.

Encontramos semelhanças entre as práticas das oficinas e as práticas de ensino-aprendizagem formalizadas na escola. As hipóteses levantadas pelo grupo foram enriquecidas teoricamente com o material bibliográfico da disciplina¹ que propôs este trabalho. No final, as pesquisadoras produziram um relatório final.

Num segundo momento, depois da coleta de dados, a equipe se deparou com uma segunda possibilidade de análise, paralela à inicial, que diz respeito aos desafios que o museu enfrenta diante das transformações provocadas pelas novas concepções de ensino e modalidades de comunicação — e, conseqüentemente, de divulgação — e a urgência desse e de outros museus, bem como de instituições de divulgação científica em geral, em se adaptarem, mesmo vivenciando um momento de estagnação de investimentos, quando não de precarização pelas esferas responsáveis por sua manutenção e ampliação (LANDIM, 2011; CANTISANI PADUA et al., 2021; DUBRULL & DECCACHE-MAIA, 2021).

O PLANEJAMENTO

1. Qual o espaço social selecionado pelo grupo para a realização do trabalho de campo?

O grupo optou por um museu ou por uma reunião da Associação de Repúblicas da Unicamp.

2. Por que esse espaço foi escolhido?

O museu foi escolhido por ser, normalmente, um ambiente de

livre acesso; portanto, poderemos ter contato com diversos tipos de práticas de letramento. Já a reunião, além de ser de fácil acesso, traz um questionamento interessante: como os jovens alunos da Unicamp, que moram em repúblicas, se organizam?

3. O espaço escolhido é de fácil acesso para o seu grupo?

Sim. Ambos são de fácil acesso.

4. Algum(ns) dos membros do grupo já frequenta(m) esse espaço?

Não.

5. Em qual semana o grupo pretende fazer a coleta de dados?

Durante as próximas duas semanas².

6. Há alguma hipótese sobre o papel das práticas de escrita e leitura nesse espaço?

Ainda não foram elaboradas hipóteses em relação aos museus. Sobre as reuniões, o grupo acredita que o papel das práticas de leitura e escrita naquele espaço estejam relacionadas à organização do ambiente.

7. O grupo imagina quais eventos de letramento ocorrem nesse espaço?

Ainda não há suposições.

8. Quais instrumentos de coleta de dados vocês pretendem utilizar para o trabalho de campo (ex. notas de campo, entrevistas, análise de documentos)?

Notas de campo e análise de documentos.

9. Vocês pretendem abordar algum dos participantes para a realização do trabalho? Ou pretendem apenas observar as interações sociais de modo amplo?

No museu, o grupo pretende abordar todos os que participam do cotidiano do museu. Entretanto, caso o local escolhido seja a reunião, o grupo irá apenas observar as interações sociais de modo amplo.

A PESQUISA

Fundamentação Teórica

Esta pesquisa de campo foi baseada no conceito de *letramento* e, para evidenciá-lo, o grupo realizou uma *pesquisa etnográfica*. Antes de nos aprofundar as discussões, é preciso entender o conceito de letramento e o que é uma pesquisa etnográfica.

Baseando-nos nos estudos de Soares (2016), em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros*, destacamos que:

Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser (como, por exemplo, em *innocency*, a qualidade ou condição de ser inocente). No Webster's Dictionary, *literacy* tem a acepção de “the condition of being literate”, a condição de ser literate, e literate é definido como “educated; especially able to read and write”, educado, especialmente, capaz de ler e escrever. Ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita

traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 2016, p. 18)

Em síntese: alfabetizar-se e se envolver nas práticas sociais de leitura e escrita tem efeitos sobre o sujeito, alterando seu estado ou condição em aspectos diversos. Ao descrever o uso da palavra no Brasil, Soares (2009) ainda explica que a lógica se mantém: une-se o termo *letra* com o sufixo *-mento*, que sinaliza o resultado de uma ação. Dessa forma, *letramento* é o efeito da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Contudo, não se pode confundir letramento com alfabetização. Para explicitar essa diferença, utilizaremos como base a maneira como são feitas as pesquisas em ambas as áreas e, brevemente, uma pesquisa realizada nos Estados Unidos. No âmbito da *alfabetização*, busca-se pelo número de alfabetizados e analfabetos por recortes sociais, seja por etnia, econômicos, sexo, entre outros fatores, ou para o número de crianças que a escola consegue levar à aprendizagem da leitura e da escrita, na série inicial. Já a área de pesquisas de *letramento* busca identificar os usos e as práticas sociais de leitura e escrita em um determinado grupo social (por exemplo, comunidades de nível socioeconômico desfavorecido). Para explicitar tal questão, utilizaremos como exemplo um estudo feito em território estadunidense, nos anos 1980, entre jovens de 21 a 25 anos, que tinha como objetivo utilizar instrumentos que avaliassem a habilidade do grupo de ler e com-

prender textos em prosa, como editoriais, e extrair e localizar informações de gráficos, entre outros. O intuito não era saber se essas pessoas sabiam ler e escrever (ou seja, se eram *alfabetizadas*), mas se elas possuíam a capacidade de fazer o uso de diferentes materiais escritos, ou seja, das práticas sociais da leitura, entre um determinado grupo social (exemplo de *letramento*).

Tendo isso em vista, nota-se que a escola não é o único ambiente que promove o letramento. Em análises feitas por Brian Street (2014) em seu livro *Letramentos sociais* (capítulo 5), o autor apresenta outras formas de adquirir tal conhecimento, tirando o foco de seu conceito dominante associado ao ambiente estudantil e introduzindo uma vertente cultural, adquirida, por exemplo, através de funções afetivas e expressivas, que incorporam a oralidade e a escrita (como em cartas). Com esses dois estudos, é possível interpretar que letramentos envolvem subjetividades, experiências, valores e ideologias, derivados de práticas, tais como leituras orais de narrativas.

Para observar esses fatores, é preciso realizar uma *pesquisa etnográfica*. Este tipo de trabalho consiste na observação comportamental de um determinado grupo, em um espaço desejado, com o objetivo de entender como funcionam as relações naquele meio e como os fatores a serem analisados influenciam ali. Usualmente, essas pesquisas exigem a análise de uma extensa linha do tempo, para que se consiga compreender com exatidão as conexões e as influências naquele meio.

Por fim, também é necessário compreender a noção de *evento de letramento*. Baseado nos estudos de Shirley Heath, a primeira pessoa a utilizar este termo em pesquisas, diferenciamos evento

de práticas de letramento. Os eventos estariam associados à parte palpável, concreta, “visível” do estudo. Já as práticas seriam aquilo que pode ser inferível a partir dos eventos, como as crenças e as percepções. Exemplificando, na perspectiva do nosso trabalho, evento seria aquilo que foi observado no museu, enquanto as práticas, o que foi concluído baseado nessas observações.

Metodologia

Interessa-nos analisar etnograficamente as práticas de letramento durante a montagem das oficinas do Museu Exploratório de Ciências da Unicamp a partir do olhar dos monitores que ali trabalham. O evento de letramento aqui analisado é o momento em que os monitores se reúnem para organizar a oficina. A nossa perspectiva parte do princípio de que os letramentos são “convenções culturais mais do que produtos do meio escrito em si mesmo” (STREET, 2014, p. 125). Logo, podemos dizer que são fenômenos sociais, podendo ser construídos em diferentes contextos, lugares e, portanto, são diversos: não se limitam apenas ao ambiente escolar.

A coleta de dados ocorreu no museu em dois dias seguidos, nos momentos de reunião dos monitores e durou aproximadamente 40 minutos. Durante a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: notas de campo dos pesquisadores e entrevistas com monitores das oficinas. Vale ressaltar que as notas de campo não tinham um formato específico.

Os pesquisadores que participaram da coleta anotaram livremente o que lhes pareceu interessante durante sua visita: algum

detalhe contextual que agregasse à análise ou fato específico de prática de letramento. Foram elaboradas três notas de campo.

As entrevistas com os monitores apresentaram uma natureza semiestruturada: havia um breve roteiro com perguntas que foram alteradas de acordo com o andamento dado pelo entrevistado. Realizamos duas entrevistas. A seguir, incluímos o roteiro básico da entrevista aplicado pelos pesquisadores:

- Dados individuais (nome, idade e ocupação/curso de graduação).
- O que te motivou a trabalhar aqui?
- Qual a sua ocupação?
- Enquanto trabalha aqui, quais são as suas interações com materiais escritos?

Os monitores são bolsistas do Programa BAS-SAE (Bolsa Auxílio-Social do Serviço de Apoio ao Estudante), possuem entre 20 e 25 anos de idade e são de diferentes cursos de graduação da Unicamp.

As crianças que participam das oficinas têm entre 6 e 14 anos, ou seja, estão no Ensino Fundamental. As oficinas presenciais podem ser agendadas para turmas de escolas públicas ou privadas. As atividades são adaptadas e direcionadas para turmas escolares específicas ou grupos exclusivos, dependendo das faixas etárias e níveis de conhecimentos básicos.

Esperávamos encontrar funcionários do museu fazendo uso do celular, com acesso digital a e-mails e demais documentos digitais, mas não foi bem isso que encontramos. Embora houvesse computadores no espaço de trabalho, era visível — armários aber-

tos semibagunçados com materiais artísticos — que os estagiários estavam fazendo mais uso de tesouras, cartolinas, colas, canetas hidrográficas e lápis de cor, apesar de alegarem que também utilizam aplicativos de mensagens. Os monitores preparavam a oficina e estavam terminando de produzir manualmente ecoesferas e crachás para as crianças. As ecoesferas seriam utilizadas durante a oficina; já os crachás tinham um objetivo muito específico: criar uma ideia de pertencimento através de um Clube para fazer com que os visitantes se sentissem parte daquele espaço e retornassem ao museu. Com isso, nota-se um problema que incomodava o grupo de monitores: a não continuidade das visitas.

Em um trecho da entrevista, o Monitor A destaca o trabalho manual dos monitores para a criação dos cartõezinhos de cartolina, assim como, a justificativa por trás dessa produção:

Entrevistador — Outra curiosidade, os crachás são para as crianças?

Monitor A — É, eu estava tentando fazer. Essa oficina de hoje é tipo um *clube*, então vai ter esse primeiro encontro e vai ter o segundo encontro. A gente ainda está organizando a data e eu queria *fazer cartõezinhos para elas*. A gente queria dar uma, como se fosse um clube mesmo, como se fizesse parte de algo.

Entrevistadora — O conceito de clube também é interessante.

Monitor A — *A gente quer que elas voltem*, a gente quer esse clube... porque às vezes a pessoa vem, faz a oficina e vai embora. E a gente não sabe o que aconteceu

depois com a criança, *a gente quer que as pessoas se sintam parte, que elas voltem.*

A partir desse exemplo, observamos que os monitores se organizaram e passaram a utilizar materiais artísticos — utilizados, tipicamente, em contexto de letramento pré-escolar. Em outras palavras, os monitores parecem fazer uso de um letramento da época de sua pré-escola, em que eles aprenderam a colar, desenhar, pintar, escrever e ler em cartolinas.

Também, encontramos nas entrevistas dos monitores uma relação letramento-oralidade, destacada em itálico.

Entrevistador — Tem uma estrutura como uma forma de Ritual?

Monitor A — Primeiro a gente se apresenta um pouco, cada um fala um pouco de si, porque acho que é legal as crianças saberem também o que a gente faz. A gente fala um pouco com os pais também, porque a gente fica esperando chegar bastante gente, então a gente fica conversando um pouco, pergunta para eles se participaram do museu online e aí depois a gente faz uma parte mais teórica. *Gostamos mais que eles respondam para a gente, o que vocês sabem sobre isso? A gente não quer dar uma aula.* Durante a prática a gente vai perguntando, porque eles acham que cada parte é importante.

O monitor A deixa claro que não pretende dar aula — entende-se aula aqui no sentido expositivo/monólogo escolarizado

—, mas deseja uma troca de experiências (uma relação mais horizontalizada) com as crianças durante a oficina. Para ele, essa troca se daria através de pergunta-resposta: monitores fazem perguntas a fim de provocar a reflexão e gerar curiosidade, partindo de experimentos propostos durante as atividades. Nesse sentido, nota-se uma “mescla” de meios orais e letrados — como um *continuum* “oralidade-letramento” — observado em diversos processos de letramento em que os participantes empregam estratégias discursivas tanto orais como letradas enquanto interagem, seja em casa, na escola, ou em museus experimentais científicos (STREET, 2014, p. 130).

Descrição e análise dos dados

Durante a coleta de dados e entrevistas, foram levantadas as relações das atividades do museu com as práticas de letramento, de forma que pudemos inferir e analisar tais práticas de acordo com os conceitos próprios da área. É importante ressaltar que o evento de letramento em questão foi a organização e preparação dos monitores e estagiários para as oficinas — incluindo um evento na véspera no primeiro dia de coleta, onde percebemos e inferimos relações e práticas entre os participantes.

Os monitores e estagiários em questão são de diversas áreas de formação (Filosofia, Educação Física etc.). Dessa forma, o trabalho no museu exige um esforço intelectual além da carga horária prática envolvendo práticas de leitura e escrita, pois eles devem estudar, esquematizar e roteirizar os conteúdos para as oficinas, sendo que, pressupomos, eles precisam ter noções prévias

da prática, já que passam por um processo seletivo. Daí surgem eventos de letramento que lembram o escolar — a escrita de roteiros para atender as demandas de práticas inferidas como a explicação didática e eventuais resoluções de dúvidas das crianças. Seguindo essa mesma linha teórica, as oficinas e seu público funcionam como agentes de letramento para os funcionários e o museu como uma agência de letramento para todos os envolvidos nas atividades.

Dos dados coletados à análise que propomos, passando pelas hipóteses estabelecidas primariamente, pode-se colocar o fato de um museu, que se ocupa da divulgação científica e proporciona atividades abertas de investigação científica, ter tamanha demanda de eventos para o público infanto-juvenil, com amparo material e metodológico comuns ao ambiente escolar. Ainda que seja desejável a apresentação das ciências da natureza a esse público, é também oportuno que uma universidade prestigiada como a Unicamp disponibilize o espaço de um museu para tal, como evidenciado por um dos monitores entrevistados:

[...] o museu ser esse espaço da Unicamp voltado a levar a Ciência para crianças e jovens, né, de fora da Unicamp, de uma forma que essas crianças e jovens entrem em contato por si próprias com a Ciência, né. Eles colocam a mão na massa, seja nas coisas da praça ali, né, ou nas oficinas que a gente faz online, presencialmente. [Trecho da entrevista com os monitores do museu]

Os dados que observamos encontram explicações que são amparadas pela teoria de Street (2014, p. 129), quando o autor

versa sobre a pedagogização do letramento, e como reverberação dos saberes compartilhados em ciências naturais, por exemplo.

Para a comunidade universitária (considerando as particularidades da Unicamp e seus arredores, sendo uma universidade que concentra quase todas as suas áreas acadêmicas e funções num único campus), especialmente entre funcionários, docentes e integrantes da comunidade que tenham filhos ou crianças próximas, o museu é tido como um importante espaço de recreação, com programas de eventos como “Férias no Museu” e “Fim de semana no museu” — como observado em relatos que ouvimos em momentos dedicados ou não à pesquisa, como o comentário virtual abaixo:

Legal este lugar a (jovem, filha de uma funcionária da área da saúde) ia nas férias no museu, um projeto mui-to bom para crianças e adolescentes... Ela amava [...]. [Comentário de um usuário do Google Maps na página da localização do museu]

É importante notar que, aos olhos do público, a missão descrita pelo museu é adequada às expectativas da comunidade e, portanto, cumprida: as atividades ali promovidas têm caráter simultaneamente de lazer e de ensino. E a cultura de ensino formal da proposta pode ser evidenciada na organização do espaço destinado ao trabalho dos monitores das atividades, que encontra semelhanças tanto com as salas de professores, comuns às escolas (com uma mesa de trabalho e reunião ao centro, cercada de materiais destinados às atividades), como com salas de aula (com armários cheios de materiais próprios para criação artísticas, co-

mo potes de cola, lápis e canetas para colorir, tinta guache etc.).

Essa pedagogização das ciências naturais dentro do espaço do museu pode ser evidenciada pelo constante uso de materiais de criação, materiais e exposições gráficas, verbais ou não, distribuição espacial e roteiro das atividades — em grande parte, investigativas — de acordo com aquilo que já é conhecido nas escolas. Nas observações, os espaços e utensílios dedicados à organização, ao trabalho e à interação com o público são semelhantes ao que é visto em escolas, especialmente quando consideramos a cultura escolar material e espacial experienciada na educação básica e nos anos iniciais do ensino fundamental (VIDAL, 2009). Ainda é notável que as propostas de atividades do museu versam sobre temas que, muito comumente, são abordados sem tanta profundidade na escola. Isso parece estabelecer uma forte conexão com as expectativas que a comunidade tem sobre o trabalho do museu, de ser capaz de inserir as crianças e adolescentes em atividades de investigação científica que, supostamente, têm função complementar daquilo que é trabalhado na escola.

Também, parece haver uma troca de experiências entre o que é vivenciado no museu e o que é tido como uma rotina escolar esperada, já que o que é produzido no museu e na universidade — em termos de pesquisas sobre educação em ciências naturais, letramentos, divulgação científica, desenvolvimento e outras áreas apropriadas ao caso — é considerado como um saber atualizado e voltado à excelência. O que se observa no museu, em suas atividades e oficinas, está muito próximo de uma concepção de ensino que visa estabelecer um desenvolvimento pleno para a ciência, a tecnologia, a vida em sociedade e conhecimentos sobre o ambien-

te (difundida pelo acrônimo CTSA³), conectando todas essas esferas no currículo escolar e, conseqüentemente, nos locais que são influenciados pela pedagogização.

Nas entrevistas, a equipe do museu demonstrou expectativa de continuidade de presença das crianças nas atividades propostas, como sugerido por uma das monitoras entrevistadas:

É, eu estava tentando fazer... Essa oficina de hoje é tipo um clube, então vai ter esse primeiro encontro vai ter o segundo encontro, a gente ainda tá organizando a data, e eu queria fazer cartõezinhos para eles. A gente queria dar uma, como se fosse um clube mesmo, como se fizesse parte de algo. [...] A gente quer que elas voltem, a gente quer esse clube porque às vezes a pessoa vem, faz a oficina e vai embora e a gente não sabe o que aconteceu depois com a criança, a gente quer que as pessoas se sintam parte, que elas voltem. [Trecho da entrevista com os monitores do museu]

Isso pode ser evidenciado pela elaboração de crachás de identificação, possivelmente esperando até que a atividade das ecoesferas fosse trabalhada com uma turma constante, ou um clube. Esse outro ponto também demonstra similaridade entre a proposta de trabalho do museu e de organização e currículos próprios às escolas, geralmente baseados em narrativas de conhecimento.

Nota-se que os crachás e as ecoesferas são produções/atividades que revelam a semelhança entre a proposta de trabalho do museu e a organização/currículo das escolas, geralmente baseados em narrativas de conhecimento.



Figuras 5.1: Crachás de identificação sendo elaborados.
Fotos: Os Autores.

Considerações finais

Com base nos dados e informações coletadas, nossas conclusões se dividem em duas categorias: a respeito do evento de letramento — a preparação da oficina — e a respeito das relações estabelecidas a partir desse letramento e seus efeitos.

No que diz respeito à preparação da oficina, as práticas de leitura e escrita dos roteiros, da comunicação entre os monitores e da confecção dos crachás e cartazes ocupam espaço de destaque. É importante que monitores e estagiários estejam informados e instruídos sobre as atividades e práticas que serão aplicadas na oficina para que seu efeito seja efetivo nos visitantes.

Os roteiros, ainda que não transcritos formalmente, dão aos monitores e estagiários um direcionamento para que a oficina alcance seus objetivos — despertar a curiosidade científica nos

alunos. A comunicação entre monitores das oficinas e seus supervisores precisa ser clara e bem compreendida por todos os envolvidos, só assim a oficina ocorrerá da forma planejada e nenhum detalhe passará despercebido. Os cartazes, visualmente chamativos e com títulos em diversas cores, apresentavam e explicavam as ecoesferas. Assim, temos práticas de leitura e escrita que envolvem a todos que frequentam o museu e são pontos-chave para o estabelecimento desse evento de letramento.

Outro ponto pertinente corresponde às relações estabelecidas e aos efeitos desse letramento, cabe-nos tratar: os crachás, que são confeccionados com o intuito de incluir as crianças numa espécie de clube, apresentam registros verbais e não verbais que precisam ser bem planejados e interpretados por elas para que os objetivos sejam alcançados. Sendo bem sucedido, parte dos créditos deve-se aos processos de letramento adquiridos pelos monitores em sua pré-escola, com habilidades artísticas; as ecoesferas, apesar de não se associarem à cultura escrita, são formas que atraem os jovens, sendo indicadas por cartazes escritos. Dessa forma, mesmo que implícita ou indiretamente, as práticas de leitura e escrita acabam intermediando as relações estabelecidas antes, durante e depois das oficinas.

O evento de letramento em questão, isto é, a preparação para a oficina, é não só um evento de letramento por si só, mas garante que outros existam e faz intermédio entre o conhecimento dos monitores e os alunos, servindo como conector e se tornando essencial para que a oficina, onde o conhecimento é de fato transmitido, ocorra de forma organizada e que nenhum detalhe se perca.

Notas

- ¹ Disciplina “Letramentos: teoria e prática”, ministrada pela Profa. Dra. Márcia Mendonça, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, 1º semestre de 2022.
- ² A coleta de dados, conforme planejamento da disciplina de Letramentos: teoria e prática, foi realizada na última semana de abril e na primeira semana de maio de 2022.
- ³ CTSA é um movimento interdisciplinar, ligado a uma formação cidadã, que se preocupa com fatores sociais e ambientais nas ciências e tecnologia.



Capítulo 6



Letramentos em um ensaio de viola

Giovanna Victória de Souza
Izabella Pessato
Julia Castro de Barros
Karen Beatriz Aguiar Sousa
Lais Brusamarello de Souto
Mariana Lins Wolmer

ABRINDO A CONVERSA

 trabalho a seguir é uma minidescrição etnográfica que aborda, sob o viés dos estudos dos letramentos, o ensaio de viola dos graduandos em Música do Instituto de Artes da Unicamp; nesse caso, especificamente sob o viés dos letramentos musicais em um contexto de ensino. Esse ambiente foi escolhido com o objetivo de sair do eixo da língua propriamente dita para a proposta da pesquisa, aproveitando que a música instrumental também possui uma forma de representação padronizada e registrada em material escrito: a partitura, que foi o principal foco de nossa análise.

No processo da pesquisa, a primeira e absolutamente fundamental etapa foi a seleção do espaço de interação para a realização da minietnografia. De início, optamos por um local dentro da própria universidade pela oportunidade de explorar e conhecer melhor a comunidade acadêmica. Além disso, a localização

privilegiada do Instituto de Artes — ao lado do Instituto de Estudos da Linguagem — facilitou os processos logísticos e os encontros do grupo de pesquisa. Em seguida, quando visitamos pela primeira vez o ensaio, antes de realmente ter certeza da escolha do ambiente, percebemos que a relação que o professor e os alunos de Música mantinham com a partitura abria espaço para uma interessante investigação a partir da perspectiva dos letramentos. Assim, ao longo do trabalho, apoiamos-nos em relevantes teóricos dessa área de estudo para expandir a visada dos letramentos até o âmbito da música, testando a aplicabilidade de conceitos já estabelecidos, especialmente o de *práticas de letramento* no contexto selecionado.

Por um lado, ao escolher uma área tão distinta de nossa formação para análise, tivemos que entender certos conceitos e práticas do universo do ensino e execução da música instrumental erudita com os quais não estávamos familiarizadas, sempre buscando organizar tais conhecimentos técnicos de forma que a minietnografia fosse de fácil compreensão para os leitores. Entretanto, apesar desse desafio, os integrantes do ensaio foram muito receptivos e solícitos conosco, realizando contribuições essenciais para o desenvolvimento da pesquisa através das conversas que tivemos e principalmente das entrevistas fornecidas.

A experiência de presenciar os ensaios e conhecer mais sobre a área de música foi gratificante. Além disso, ao explorar as interfaces existentes entre tal área e os estudos da linguagem, percebemos que a minietnografia foi uma oportunidade enriquecedora, não apenas para a formação como pesquisador, mas também em nossa formação como indivíduos, compreendendo o ensino

formal de música e suas particularidades como interação social.

O trabalho nos proporcionou também aprendizados significativos relacionados aos processos de pesquisa dentro da universidade. Como ingressantes na graduação, foi uma oportunidade ímpar desenvolver nossas habilidades de escrita acadêmica e conhecer a estruturação de um trabalho científico. Ademais, pudemos ter um vislumbre do que significa atuar como pesquisador, participando dos diversos estágios do processo e aprendendo a lidar com as diferentes etapas, os prazos e as documentações de autorização necessárias em um trabalho do gênero.

Na versão finalizada da minidescrição etnográfica, apresentada a seguir, o leitor poderá acompanhar a descrição do ensaio de viola e das interações sociais que ocorrem entre seus participantes, especialmente entre os alunos e o professor, tendo na partitura um importante mediador das relações interpessoais no espaço analisado. Além disso, as entrevistas, material de extrema relevância para a realização da análise, oferecem um panorama do ensino de música no meio acadêmico e revelam mais sobre o cotidiano de um músico em formação e de um docente da área.

O PLANEJAMENTO

1. Qual o espaço social selecionado pelo grupo para a realização do trabalho de campo?

O ensaio de violas do Departamento de Música da Unicamp, que ocorre nas segundas-feiras, das 10 às 12 horas, no auditório do prédio do Instituto de Artes.

2. Por que esse espaço foi escolhido?

O espaço foi escolhido a partir da curiosidade do grupo em relação a como se dão as práticas de letramentos em ambientes de ensino de música, além da localização favorável para a realização da pesquisa.

3. O espaço escolhido é de fácil acesso para o seu grupo?

Sim, o prédio do Instituto de Artes fica ao lado do Instituto de Estudos da Linguagem e o ensaio ocorre em um horário em que as integrantes do grupo estão livres. Ademais, o grupo obteve autorização do professor responsável para assistir aos ensaios.

4. Algum(ns) dos membros do grupo já frequenta(m) esse espaço?

O grupo já foi assistir a um dos ensaios para auxiliar a escolha do espaço, mas nenhuma das integrantes havia frequentado o local antes.

5. Em qual semana o grupo pretende fazer a coleta de dados?

O grupo planeja coletar os dados no dia 25 de abril de 2022, uma segunda-feira).

6. Há alguma hipótese sobre o papel das práticas de escrita e leitura nesse espaço?

O grupo acredita que a leitura das partituras seja o ponto de partida para os ensaios, sendo utilizada durante todo o evento e norteando a interação com a música em si.

7. O grupo imagina quais eventos de letramento ocorrem nesse espaço?

Além da leitura das partituras, imaginamos que há também uma relação com as instruções do professor, que incluem um vocabulário muito específico e requerem o exercício de um letramento prévio, porém contínuo, no âmbito da música.

8. Quais instrumentos de coleta de dados vocês pretendem utilizar para o trabalho de campo (ex. notas de campo, entrevistas, análise de documentos)?

Pretendemos realizar notas de campo, fotografar as práticas envolvidas, analisar as partituras e entrevistar alguns participantes.

9. Vocês pretendem abordar algum dos participantes para a realização do trabalho? Ou pretendem apenas observar as interações sociais de modo amplo?

Pretendemos não apenas observar o ensaio como espectadoras, mas também conversar com os alunos e com o professor, se possível, realizando entrevistas com perguntas planejadas com alguns participantes específicos.

A PESQUISA

O presente trabalho faz parte da disciplina *Letramentos: teoria e prática* do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual de Campinas, ministrada ao longo do primeiro semestre de 2022. Resultante de uma pesquisa de campo, este relatório

consiste em uma minidescrição etnográfica do ensaio de viola do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp, pretendendo descrever e analisar as práticas de letramento encontradas em tal ambiente a fim de elucidar como a leitura e a escrita medeiam as relações sociais nesse espaço de aprendizado.

O estudo teve como principal objetivo investigar como se dão as práticas de letramento nos âmbitos de ensino e ensaio formais da música a nível acadêmico, com foco principal no papel das partituras nesses processos. A partir de paralelos traçados entre a leitura e a interpretação das partituras e a leitura e a interpretação da língua escrita, busca-se ampliar a visão acerca das variadas práticas de letramento, visando também a democratização de informações sobre o assunto.

Além da presente introdução, o relatório é constituído por quatro outras seções. Na fundamentação teórica, são esclarecidas as definições dos conceitos que nortearam o trabalho, como o de *letramento* e o de *práticas de letramento*. Na metodologia, são explicitadas as formas de coleta de dados utilizadas ao longo da pesquisa de campo. Na descrição e análise de dados, as informações obtidas são expostas e comentadas a fundo. Por fim, as considerações finais contêm as conclusões e resultados obtidos pelo grupo a partir da pesquisa.

Fundamentação Teórica

Letramentos: traçando definições

A leitura e a escrita estão presentes nas relações interpessoais desde os primórdios da humanidade. Com o passar do tempo,

os elos permeados por estas duas ações se expandiram e estão presentes nas mais diversas tarefas do cotidiano. Em inúmeras situações, apropriamo-nos da leitura e da escrita para resolver problemas, nos comunicar em diversas instâncias e registrar momentos ou informações importantes. Partindo das investigações de Soares (1998, p. 18), podemos entender o letramento como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Ao compreender o letramento como as habilidades de leitura e escrita demandadas nas práticas sociais, também entendemos como tais capacidades e condutas podem estar presentes nos mais diversos contextos, incluindo o musical.

Também é de grande importância elucidar o surgimento do conceito de *letramento*. De acordo com Soares (2004), as concepções apresentadas de letramento afloraram da necessidade de caracterizar determinadas condutas e mecanismos na área de leitura e escrita, além das concepções antes existentes, como a alfabetização, que focava essencialmente no domínio do sistema alfabético e ortográfico da norma culta.

Outros pontos de importância no domínio do conceito de letramento são as definições de *evento de letramento* e *prática de letramento*. Heath (1982) estabelece como evento de letramento ocasiões diversas onde fragmentos de escrita incorporam-se nas relações e nos processos interpretativos dos participantes. Já a definição de prática de letramento é abordada por Street (2014) de forma ainda mais amplificada, abarcando os eventos de letramento e os estendendo por comportamentos, contextualizações

e produções populares, envolvendo igualmente as concepções ideológicas que os indivíduos participantes possuem.

Com tais conceituações em mente, abordaremos brevemente a seguir teorias significativas para o estudo e definição dos letramentos musicais, além de desenvolver as similaridades existentes entre língua e música.

Compondo o letramento musical

Inicialmente, é fundamental compreender a dimensão dos letramentos. Por serem parte presente do cotidiano de inúmeras sociedades ao redor do globo, os eventos e práticas de letramento estão aplicados nos mais diferentes campos do conhecimento e das habilidades humanas, como pontuam Bagno e Rangel (2005):

O conceito de letramento vem se mostrando tão produtivo que seu uso tem sido ampliado para referir-se ao domínio das diversas funções sociais e das habilidades de uma pessoa em outros campos culturalmente estratégicos, além do campo da leitura/escrita de textos propriamente ditos. Fala-se, então, por exemplo, do letramento digital — as práticas sociais relativas ao uso das tecnologias da informática — e mesmo do letramento matemático. (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 70)

Dessa forma, conforme levantado por Silva (2018), surge a necessidade de classificar competências e práticas sociais na área musical que extrapolam a sistematização tradicional da música, que frequentemente visa abstrações, repetições e repertórios tradicionalistas, preterindo os processos de relação social e o ensino de música como parte da formação humana. Silva (2018) traça,

ainda, um paralelo entre a alfabetização como apreensão do código que compõe um sistema de escrita e o aprendizado de música tradicional como apreensão dos códigos que compõem uma partitura. Assim, se há uma noção de letramento que descreve como a leitura e escrita se dão nas situações sociais para além da decodificação “mecânica”, haveria também uma noção de letramento musical que fizesse o mesmo com a leitura de partituras.

Nos letramentos musicais, procura-se a compreensão daquilo que é executado — a significação do som, a capacidade de interpretar a música em seus diferentes contextos e oferecer ao músico a capacidade de conviver com as inúmeras práticas musicais existentes na sociedade.

Ademais, para integrar ainda mais a concepção dos letramentos musicais, é fundamental perceber criações musicais como um gênero textual e como uma das diferentes formas de linguagem existentes na sociedade. Segundo Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros do discurso são tipos de enunciados orais e escritos que possuem três elementos fundamentais: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Tais elementos indissociáveis podem ser encontrados na música da seguinte forma:

Conteúdo temático	Possui um vasto leque de temáticas, passando por distintos pontos de vista, contextos e correntes de pensamento.
Estilo	Ocorre a utilização de recursos linguísticos expressivos (como figuras de linguagem) com liberdade. A língua é explorada de maneira variável a fim de construir novas significações.

Construção composicional	Possui composição complexa, tanto oral quanto escrita, apoiando-se essencialmente no ritmo. Também podem trabalhar com métricas fixas e rimas regulares.
--------------------------	--

Tabela 5.1: Características principais do gênero música.

Fonte: As autoras, com base nos estudos de Bakhtin (2003) e Bakhtin/Volóchinov (1992).

As peças musicais instrumentais também podem ser enxergadas como um gênero textual em que os três elementos constitutivos propostos por Bakhtin (2003) encontram-se de maneira indissolúvel, conforme explicitado na tabela abaixo:

Conteúdo temático	Possui um vasto leque de temáticas, passando por distintos pontos de vista, contextos e correntes de pensamento que podem ser diversamente interpretadas e evocar diferentes efeitos de sentido no ouvinte.
Estilo	O músico pode realizar diferentes interpretações da sonoridade durante a performance.
Construção composicional	O material sonoro é estruturado seguindo padrões e regras que são concretizadas na notação musical através de signos de significado fixo e convencionado.

Tabela 5.2: Características principais do gênero “música instrumental”.

Fonte: As autoras, com base nos estudos de Bakhtin (2003), Bakhtin/Volóchinov (1992) e Brandão (2017).

Portanto, com base nas reflexões expostas, passamos a compreender especificamente as ligações entre música e linguagem,

a existência de criações musicais como um gênero textual e a importância do letramento musical, que consiste na interpretação da musicalidade em contextos distintos, englobando a convivência com as inúmeras práticas musicais existentes na sociedade que “ultrapassem o domínio do sistema de escrita musical tradicional” (SILVA, 2018, p. 8). A partir desses princípios base, podemos abordar a seguir a variabilidade dos letramentos e a base teórica da etnografia, metodologia fundamental para a construção deste trabalho.

A socioantropologia do letramento e a importância da etnografia

Dada a variabilidade dos letramentos dentro das inúmeras realidades existentes no conjunto social humano, passamos a reconhecer que as práticas sociais de leitura e escrita variam de acordo com o contexto social e cultural. Desse modo, o letramento é “um conceito que parte de uma visada socioantropológica” (ROJO; MOURA, 2019, p. 16).

Entendendo os letramentos como conceito socioantropológico, é necessário descrever as ocorrências através da visão dos próprios participantes, a fim de que se possa entender integralmente os diversos eventos e práticas de letramento existentes em um determinado grupo. Este é o ponto crucial da etnografia que é, basicamente, o registro descritivo da cultura e costumes de um determinado grupo social. Ao imergir em um contexto para registrá-lo através do prisma de seus participantes, o pesquisador evita abordagens de viés etnocêntrico e desrespeitoso. Através da coleta de múltiplos dados, observações e suposições, os pesquisadores das ciências humanas podem ter acesso a uma ampla va-

riedade de fenômenos e circunstâncias que confirmam ou negam hipóteses com mais precisão.

Diante das bases teóricas aqui apresentadas, não restam dúvidas acerca dos distintos tipos de letramentos que medeiam as relações entre indivíduos, da necessidade de existência do gênero textual música e dos letramentos musicais como forma de expandir os horizontes no ensino de música e da importância do trabalho etnográfico para as pesquisas na área dos letramentos. Assim poderemos, como corpo social, entender que todos somos letrados em alguma instância e como as mais variadas práticas de leitura e escrita constroem a sociedade de maneira fundamental.

Metodologia

O espaço escolhido para a pesquisa de campo foi o ensaio das violas dos graduandos de Música da Unicamp, que ocorre semanalmente por cerca de duas horas no auditório do prédio do Instituto de Artes (IA). Para que a investigação pudesse ser feita, obtivemos permissão do professor responsável para assistir aos ensaios, com a finalidade do trabalho explicada formalmente por meio de uma carta de apresentação. Ao todo, estivemos presentes em três ensaios ao longo de um mês para a coleta de dados. Os métodos utilizados para tal coleta foram notas de campo, registros fotográficos do ambiente, das partituras e realização de entrevistas com os participantes.

As notas de campo foram elaboradas à medida que os ensaios aconteciam, com base na observação das atividades a partir da posição de plateia. Objetivamos registrar, primordialmente, co-

mo a leitura das partituras influencia nas interações na atividade em questão, visando subsidiar o entendimento acerca das práticas de letramento em contextos de ensino formal da música, especificamente do instrumento viola. Também durante os ensaios, foram feitas fotografias do ambiente para auxiliar na descrição precisa do espaço, e de folhas de partituras utilizadas, com permissão dos participantes, para futura análise das anotações feitas nelas.

Em seguida, marcamos entrevistas individuais com dois participantes: um aluno do quarto ano do curso e o professor, para que pudéssemos obter a perspectiva de duas posições diferentes dentro da dinâmica do ensaio. As entrevistas ocorreram fora do horário dos ensaios e possuíam roteiros prévios desenvolvidos por nós, porém com possibilidade de adaptação de acordo com o andamento da conversa com os participantes. As entrevistas foram inicialmente gravadas, totalizando cerca de vinte minutos de duração cada, e mais tarde transcritas para viabilizar a análise dos depoimentos. Por meio desse método, verificou-se um entendimento mais aprofundado das práticas observadas, obtendo-se respostas fundamentais para realização da minidescrição etnográfica a partir da percepção dos dois participantes.

Após a coleta dos dados julgados necessários, com base principalmente nas fotografias e nas notas de campo, foi elaborada uma descrição do local e das atividades observadas, com o intuito de proporcionar uma visualização clara dos ensaios. Em seguida, a análise dos dados foi realizada a partir da complementação entre as informações registradas nas notas de campo e as informações obtidas nas entrevistas, relacionando-as também com o ar-

cabouço teórico que guiou o estudo, com o intuito de entender a lógica interna dos ensaios com um enfoque na interação com as partituras, o material escrito.

Descrição e análise dos dados

Nesta seção, desenvolvemos de fato uma descrição com viés etnográfico da situação investigada, buscando traçar um perfil do espaço, das atividades, dos indivíduos e das relações encontradas dentro dela. Simultaneamente, pretendemos analisar, a partir da perspectiva do letramento musical, de que formas específicas as interações com a partitura se dão, e em que níveis esse material escrito serve de ponto de partida, apoio ou norte para os processos de aprendizado, formação e socialização observados.

O ambiente

No andar térreo do prédio do Instituto de Artes, fica o auditório onde ocorrem os ensaios de viola. É um cômodo amplo, de pé direito alto e com aspecto de teatro, aparentemente planejado para de fato sediar apresentações musicais ou de outras formas artísticas, com um pequeno público presente. É constituído por fileiras de assentos, onde ficariam os membros da plateia, e pelo palco, espaço no qual os alunos e o professor se acomodam durante a maior parte do ensaio.

Antes do horário de início da atividade, os alunos circulam pelas cadeiras da plateia, onde apoiam as caixas de suas violas, e fazem seus preparativos. Presenciamos, antes de um dos ensaios, um momento em que alguns alunos tocavam, cada um ao mesmo



Figura 6.1: Assentos da plateia no auditório.

Fonte: As Autoras.

tempo, obras ou trechos distintos, aparentemente indiferentes ao som causado pelos demais. Contudo, quando chega o horário de início da aula e entra em cena a figura do professor, a turma se assenta em uma configuração específica. Em cima do palco, cadeiras são organizadas em um semicírculo voltado para a plateia, onde sentarão os alunos, e é posicionado um banco alto de madeira no centro, onde o professor sentará de frente para os alunos e de costas para a plateia. Dentro do semicírculo, entre cada dupla de cadeiras, é colocada uma estante — objeto em que se apoiam as partituras — para ser compartilhada, em geral, por dois alunos; ao todo, são nove cadeiras e cinco estantes dispostas dessa maneira. Também é posicionada uma estante de partitura à frente do banco do professor, que será utilizada apenas por ele, completando a configuração visual das instalações do ensaio.



Figura 6.2: Visão do palco, com os alunos sentados em semicírculo e professor no meio. **Fonte:** As Autoras.

Ao contrário do modelo utilizado em orquestras tradicionais, em que os músicos são dispostos em fileiras que indicam certa escalação (os da frente seriam aqueles com nível mais avançado e os do fundo os menos avançados), foi escolhida uma configuração que não implica hierarquia, como explicou o professor na entrevista que realizamos:

Aqui nessa situação, até no primeiro ensaio, eles estavam sentados primeira estante com duas cadeiras, depois segunda estante, terceira, quarta. Mas pra essa proposta eu falei, não, vamos fazer um semicírculo, todo é mundo igual, teoricamente.

Entretanto, curiosamente, pôde ser identificada uma outra forma de hierarquização, ou pelo menos de ordenação, na configuração desses ensaios, a princípio invisível para um observador

não familiarizado com a turma: ao todo, é constituída por nove alunos do 1º ao 4º ano da graduação em Música, e foi apontado pelo professor que eles passaram a sentar, sem que isso fosse uma instrução ou, aparentemente, um combinado explícito, na ordem dos anos de ingresso — os alunos mais antigos do curso em uma extremidade do semicírculo e os mais novos na outra.

O ensaio

Ao longo das visitas, observamos três momentos diferentes que ocorrem sob esse “guarda-chuva” *ensaio de viola*. Um deles é o ensaio para a orquestra, em preparação para a junção dos diferentes naipes (grupos de cada instrumento) planejada para ocorrer no semestre seguinte. O outro é o ensaio de um repertório específico para quartetos de viola. O terceiro, que só presenciamos na última visita, é uma situação de avaliação em que um aluno toca individualmente uma obra no palco enquanto os demais assistem da plateia; logo em seguida, os espectadores momentâneos são instruídos a comentar um aspecto da performance do colega que gostariam de elogiar e outro que poderia ser melhor trabalhado. Para os fins deste estudo, focaremos — porém sem necessariamente nos limitarmos a ele — no momento de ensaio para a orquestra, no qual a interação coletiva com as partituras guiada pelo professor é ponto de partida para a execução da música no contexto.

De início, é relevante ressaltar que, dentro desse modelo de ensaio, identificamos uma espécie de mescla entre ensaio e aula, em que transparece não apenas o foco na qualidade da performance em si, mas também uma preocupação didática com a formação

dos alunos como músicos. O professor, que caracteriza o momento como um “ensaio dirigido”, elabora:

É híbrido, porque é um ensaio, né, mas em que eu tô passando o conteúdo, não é simplesmente um ensaio. [...] Eu aproveito o momento pra passar conhecimentos e, assim, eu tenho bastante experiência de tocar em orquestra, então eu procuro repassar dicas e coisas pra quando eles forem tocar em orquestra, saberem como se comportar, como estudar...

Logo, fica evidente que, mesmo o conhecimento da leitura de partituras e a habilidade prévia com o instrumento sendo requisitos para o ingresso no curso, essas capacidades não exauram as competências necessárias para a execução da música em determinados contextos sociais. Analogamente, de acordo com Rojo e Moura (2019, p. 16-17), uma pessoa considerada alfabetizada — no sentido de ser capaz de decodificar o sistema de escrita — não possui, necessariamente, uma fluência nas práticas de todas as esferas sociais que envolvem leitura e escrita. O letramento musical, assim como o letramento vinculado à língua, mostra-se um processo contínuo, que requer experiências palpáveis. Dentro da organização de nossa sociedade, muitas dessas experiências são mediadas por instituições que ao longo da história consagram práticas específicas, tornando-as oficiais ou tradicionais.

Das três etapas de ensaio citadas, a voltada para a orquestra é justamente a que requer maior padronização e sincronia dos alunos, permitindo, conseqüentemente, uma menor liberdade individual do músico para o funcionamento do coletivo. De forma geral, no momento do ensaio, é esperado que os alunos já tenham

familiaridade com o repertório que será utilizado, combinado previamente. Assim, as instruções do professor são baseadas no pressuposto de que aquele material escrito compartilhado já é conhecido por todos em algum nível. A partir das partituras, quase que constantemente o foco da visão dos alunos, eles interpretam e tocam os trechos indicados, sempre direcionados pelo professor, que na maioria dos momentos toca junto. Nota-se aqui, de forma bastante marcada, a transformação da linguagem corporal dos músicos nesses momentos: enquanto tocam, tomam uma postura mais rígida para posicionar a viola e o arco¹ da maneira apropriada; quando terminam, imediatamente relaxam novamente, quase que em sincronia.

Seguindo adiante na análise das práticas de leitura encontradas, constatamos que a partitura, como representação gráfica convencionalizada das peças musicais, não é capaz de expressar todos os aspectos possíveis da performance (assim como os sistemas de escrita não registram todas as nuances da língua falada, paralelo que será explorado mais a fundo à frente). Assim, dá-se abertura para que cada músico interprete os elementos à sua maneira.

Em contrapartida, o foco na preparação para a orquestra pressupõe a sincronia e a padronização dos instrumentos. Logo, para resolver essa contradição, o ensaio é permeado por diversas pausas em que são realizados pequenos “acordos” em relação a qual seria a melhor maneira de tocar um trecho em particular da peça musical representada na partitura, revelando uma interação ativa com as informações do material escrito. Tais instruções são normalmente dadas pelo professor, e a partir disso os alunos fazem anotações nas partituras e tiram dúvidas. A repetição da exe-

cução de trechos para o treino de algum aspecto específico também é comum. São nesses momentos que transparecem com mais força o caráter didático presente no ensaio e o uso de termos específicos da teoria musical.

Além da leitura da partitura por meio da execução com o instrumento, é utilizado com frequência nos ensaios um exercício chamado de leitura rítmica. Nessa modalidade de leitura, os participantes marcam com a voz (repetindo uma única sílaba, como “pa”) e/ou com a batida dos pés no chão apenas o ritmo da peça, sem indicação de notas específicas. Segundo o aluno entrevistado, tal exercício tem o objetivo de “guardar o som pra aplicar ele no instrumento” quando os participantes encontram dificuldade no aspecto rítmico da performance musical, visto que, para Cooper e Meyer (1963 *apud* Loyola Filho, 2016):

[O] ritmo é mais do que uma mera sequência de proporções de duração, mas sim, a interação íntima e intrínseca da organização temporal com todos os outros processos e forças formadores da música, organizando e sendo organizado por eles. (LOYOLA FILHO, 2016, p. 9)

A seguir, é relevante apontar que, em nossa segunda visita, o ensaio foi ministrado não pelo professor (que não estava presente no dia), mas pelo monitor PAD², e foram percebidas algumas mudanças na dinâmica da aula.

Segundo o site da Pró-reitoria de Graduação da Unicamp, um dos objetivos de tal programa de monitoria é que os alunos “conte[m] com a assistência de um interlocutor mais próximo

dele[s].” Logo, mesmo que nessa ocasião o monitor tenha ocupado o local no espaço normalmente reservado ao professor — o banco no meio do semicírculo — e assumido a função de coordenar o ensaio, a proximidade da faixa etária e o compartilhamento da posição de graduando possivelmente contribuíram para diminuir a verticalidade nas relações. Na ocasião, identificamos uma forma um pouco diferente de interatividade, em que o monitor frequentemente pedia ajuda dos demais colegas, perguntando como eles executariam determinado elemento da música e se mudariam alguma coisa na forma de tocar.

Por fim, de forma geral, tanto nos ensaios ministrados pelo professor quanto no ministrado pelo monitor, as atividades são baseadas em uma interpretação coletiva do texto da partitura, liderada por uma figura de certa autoridade, mas que depende da colaboração de todo para funcionar. Portanto, os alunos já possuem necessariamente um letramento prévio dentro da teoria musical e da leitura de partituras, porém precisam também da aptidão para a continuidade da aquisição desse letramento aplicado a uma situação social específica — o ensaio para a orquestra de uma universidade.

As intervenções nas partituras

Mesmo no nível “mecânico”, material, a interação com as partituras não se resume apenas à apreensão visual e à execução das obras por meio da viola; ao longo dos ensaios, os participantes frequentemente utilizam instrumentos de escrita, primordialmente o lápis grafite, para fazer intervenções no papel. Essas anota-

ções servem para indicar aspectos que não se encontram representados na partitura com a qual estão trabalhando, como os dedilhados — os dedos a serem utilizados, denotados por meio de números — e as arcadas — a direção que o arco da viola deve tomar, um “V” denota arcada crescente (arco vai de baixo para cima) e um símbolo em formato de mesa denota arcada decrescente (arco vai de cima para baixo). Devido ao caráter padronizado da orquestra, as intervenções são feitas a partir dos “acordos” de tocar de determinada maneira, que ocorrem no momento da aula, muitas vezes decididos só depois de algumas tentati-

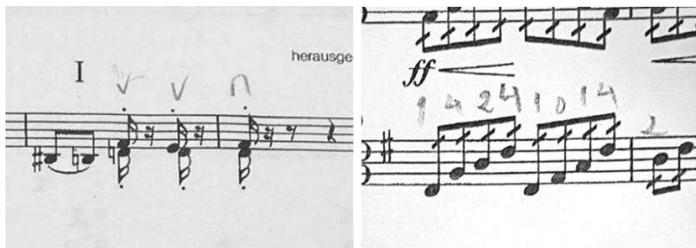


Figura 5.3 e 5.4: Respectivamente, indicação de uma arcada e de um dedilhado a lápis em uma partitura. **Fonte:** As Autoras.

vas de execução. Há momentos em que anotações são realizadas de forma “automática” pelos alunos após alguma observação do professor, sem que eles sejam explicitamente instruídos a registrar aquilo, o que demonstra familiaridade com tal procedimento.

Ocorre também de os participantes utilizarem o lápis grafite para “riscar” ligaduras — linhas curvadas que, na viola, indicam a realização de determinadas notas em um único movimento do arco. Segundo o aluno entrevistado, há situações em que algumas notas aparecem originalmente ligadas, “mas talvez seja melhor

desligá-las.” Essa escolha de alterar algo na versão escrita demonstra que um músico, ou um grupo de músicos, pode escolher não apenas acrescentar ao texto, mas também “discordar” dele, e isso só é possível se os envolvidos possuírem um entendimento e uma sensibilidade acerca do que constitui a música que vai além da representação gráfica.



Figura 5.5: Ligadura riscada a lápis na partitura do professor.
Fonte: As Autoras.

Ainda de acordo com o aluno entrevistado, as intervenções nas partituras podem também ser feitas em momentos de estudo individual: “quando eu vou estudar os trechos mais difíceis da orquestra, geralmente eu deixo eles marcados, aí eu me concentro neles.” Já quando trabalham com a música de câmara — composta por um grupo pequeno de instrumentos que, em geral, têm uma dinâmica diferente da orquestra —, o aluno conta também que as anotações são úteis para indicar os momentos em que deve parar ou voltar a tocar, visto que os músicos tocam partes diferentes nessa modalidade.

Assim, evidencia-se que as anotações pessoais são peça-chave na interação com a partitura, fornecendo informações que não

estão presentes nas versões originais das peças. Tal recurso revela que a relação com o material escrito não é apenas de leitura e execução por meio do instrumento: há também a produção e a alteração desses textos a partir das necessidades surgidas nas situações sociais, em que são criados acordos e convenções acerca daquilo que está sendo lido em conjunto e que precisam ser registrados.

Língua e música

Bagno (2007, p. 54) descreve os sistemas de escrita humanos como uma “*tentativa* de representação gráfica, pictórica e convencional da língua falada” (grifo do autor), pois “não existe nenhuma ortografia em nenhuma língua do mundo que consiga reproduzir a fala com fidelidade.” A princípio, quando pensamos na partitura, imaginamos que pudesse apresentar limitações parecidas justamente por ser uma tecnologia de *representação* internacionalmente padronizada da música, e não a música em si. Ao longo das observações dos ensaios e das entrevistas com os participantes, tal suposição ganhou força.

Apesar de essencial para o registro das composições e para a execução da música — vale ressaltar que, antes dos aparelhos de gravação, o papel era a única maneira, além da memória, de guardar e difundir essas obras —, “a partitura não representa cem por cento a música”, nas palavras do aluno entrevistado. Ele dá um exemplo:

Às vezes tem compositores que pegam coisa da música popular e incorporam tudo aquilo numa orquestra, numa com-

posição orquestral, só que você não consegue trazer aquele suingue ou aquele ritmo característico, que se você for tentar escrever na partitura e tocar conforme tá na partitura, o ritmo vai sair diferente. Mas se você, pensando na música popular, “nossa, aquela música é um samba que ele incorporou”, aí você pensando em produzir, pelo ouvido, fica melhor.

Da mesma maneira que as inflexões e variações da linguagem falada não podem ser representadas plenamente pelo sistema de escrita convencional, a reprodução de obras do jeito que ocorre nas partituras não conta com recursos para reproduzir o todo da performance de um músico. O professor responsável pelos ensaios afirma, inclusive, que “essa preocupação excessiva com o código, com o decodificar o que tá no papel, às vezes cria um bloqueio, né? A pessoa: ‘ah, eu toquei as notas’, mas a música tem muito mais do que aquelas notas.”

A partir desses apontamentos, supomos que a ideia equivocada encontrada no senso comum de que a linguagem escrita, gramatical e ortograficamente “correta”, seria a única versão verdadeira e digna da língua (BAGNO, 2007, p. 40), e todo o resto, apenas tentativas de imitação falhas, seria transponível, até certo ponto, para o universo da música. Em relação a isso, surgiu ao longo da entrevista com o professor a discussão acerca dos diferentes métodos de ensino da música. O docente afirmou que:

Tem um método interessante [...] (em que) é tudo auditivo. Primeiro a criança ouve, ouve, ouve: memoriza aquilo. E aí depois ela vai descobrir como que faz aquele som, daquilo que ela já tem na cabeça, e depois ela vai aprender a ler.

Porque ao contrário... Imagina você botar uma criança, a criança aprende a falar primeiro. Ela não aprende a falar lendo o alfabeto.

Logo, constata-se que o método tradicional em que se aprende a tocar simultaneamente à leitura do código desde o princípio não é o único caminho possível, e é inclusive questionado a partir de alguns pontos de vista. Além disso, percebe-se que, assim como nas línguas faladas, ser alfabetizado na leitura do código escrito não é algo necessário para ter fluência na fala, ou, no caso, na execução da música, como explicita o professor: “tem músicos excelentes que não leem música, não leem partitura. Mas eles desenvolvem muito mais a memória e a relação entre o imaginar uma coisa e produzir aquele som.”

Entretanto, ao fim das análises realizadas, conclui-se que a leitura e a interação com as partituras é, sim, uma atividade central e constante ao longo dos ensaios, visto que, para o propósito do *ensino acadêmico de música erudita*, nesse caso com o foco na preparação para uma orquestra, o conhecimento acerca dos códigos de representação musical é uma exigência. Como afirmam Rojo e Moura (2019, p. 16), a alfabetização no sistema de escrita da língua é imprescindível “para participar de práticas letradas de *certas esferas valorizadas*” (grifo nosso) — nota-se que algo similar ocorre no âmbito da música.

Dessa forma, o contínuo letramento musical, materializado nas práticas de leitura (e escrita) observadas, é o que norteia o andamento dos ensaios, possibilitando a execução da e a discussão sobre a música na situação social específica de ensino formal

e coletivo em uma universidade. Entende-se que, ao mesmo tempo que essencial, a partitura é uma forma de representação inevitavelmente limitada. Contudo, são justamente suas limitações que tornam necessárias as relações mediadas por ela, pautadas na interação tanto *com* o material escrito quanto *sobre* ele, configurando então as práticas de letramento.

Considerações finais

O presente estudo foi realizado com o intuito de analisar como as práticas de letramento ocorrem no ambiente de ensino formal de música, sendo o espaço específico escolhido um ensaio de violas dentro de um curso de graduação na Unicamp. Com isso em mente, partimos de ideias utilizadas em peso nas áreas de estudo da linguagem e da educação para investigar o papel da partitura como material escrito, e como ele interfere nas interações sociais no ambiente, buscando uma perspectiva socioantropológica dos processos em foco.

O método de pesquisa de campo aplicado segue, em escala reduzida, a linha da etnografia. Desse modo, a coleta de dados foi possível por meio da imersão, como observadoras, no espaço e no tempo em que os eventos analisados ocorrem, permitindo a realização de notas de campo e registros fotográficos que serviram como norte para a descrição apresentada. Ademais, para que fossem levadas em consideração também as perspectivas dos próprios participantes, foram gravadas entrevistas com o professor e com um dos alunos, que elucidaram questões essenciais anteriormente não perceptíveis apenas pela observação.

Em relação à análise, é importante frisar que as comparações traçadas entre a língua falada e a música não visam estabelecer uma equiparação ou paralelo direto entre as duas formas de expressão, seja a nível estrutural ou de papel social, visto que se constroem e são utilizadas de maneiras fundamentalmente distintas. Busca-se, entretanto, explorar o fato de ambas possuírem sistemas amplamente padronizados de representação gráfica. Logo, partimos dessa similaridade para mobilizar conceitos relacionados aos estudos da linguagem, a fim de descobrir que aspectos do ensino e da execução da música podem ser revelados a partir da noção de letramentos.

Ao fim da pesquisa e da análise dos dados, essa comparação provou-se útil para, em primeiro lugar, constatar que, assim como um sistema de escrita, as partituras possuem um sistema complexo de códigos convencionados, exigindo um letramento específico para que possam ser entendidas. Em segundo lugar, e o mais importante para o presente estudo, constatou-se também que a pura decodificação das partituras não é suficiente para que um músico execute uma peça, principalmente em uma situação de coletividade em que o texto está constantemente sendo interpretado, discutido e até mesmo alterado em conjunto. Nos ensaios, os alunos aprendem a tocar de determinadas maneiras, mas também a agir de determinadas maneiras em relação ao material escrito e ao ambiente — a disposição dos assentos e das estantes, o manuseio do instrumento, a hierarquização dos participantes, as anotações a lápis são todos elementos que integram a prática de letramento que orbita a leitura de partituras na situação investigada.

A partir de todas as considerações traçadas, o estudo se mostra relevante para ampliar a compreensão dos letramentos para além da língua em si, englobando outras formas de expressão e comunicação que utilizam códigos sistematizados de representação (como faz a música), visto que, apesar de diferentes da língua humana falada, possuem processos muito similares de interação com o material escrito. Ademais, a perspectiva etnográfica, partindo de uma situação concreta e específica para assim construir conclusões acerca do tópico, foi importante para situar o conhecimento não apenas no nível teórico, mas também no da vida social de fato, essencial para que o estudo possa somar a um conceito de base inerentemente socioantropológica como é o de letramentos.

Notas

- ¹ Dispositivo de madeira com um fio acoplado que faz fricção com as cordas do instrumento para produzir o som.
- ² Sigla para o Programa de Apoio Didático da Unicamp, em que alunos de graduação exercem função de monitoria em uma disciplina de sua área.

Capítulo 7



Letramentos em um laboratório

Ana Caroline Damasceno dos Santos
Isabella Freitas Cazuny dos Santos
Noemy Ingrid de Castro
Thomás Moura Regueira
Vittoria Ali Stabile Chahin

ABRINDO A CONVERSA

Foi realizada uma breve pesquisa de campo para observar como as práticas cotidianas de letramentos ocorrem no Laboratório de Fisiologia Molecular de Plantas - LaFiMP, como é citado ao longo do texto, um espaço voltado às pesquisas acadêmicas localizado na Unicamp.

O interesse pela temática começou quando, no início da disciplina *Letramentos: teoria e prática*, foi solicitada a realização de uma minidescrição etnográfica como um dos trabalhos avaliativos. Entre a equipe, foi questionado como as práticas de leitura e escrita estão inseridas em um ambiente de ciências biológicas, que aparenta ser direcionado a experiências práticas.

Desse modo, o trabalho intenciona averiguar de que modo as práticas de leitura e escrita permeiam as interações entre os indivíduos, as relações com o espaço e artefatos científicos presentes e, também, de que forma os papéis sociais dos pesquisadores interferem nos registros escritos.

Ao decorrer da coleta de dados, foi descoberto um elemento relevante: o Caderno-Ata. O artefato, utilizado por todos os pesquisadores — desde os graduandos até doutorandos —, dispõe de anotações que podem variar de acordo com a “hierarquia” dos estudantes. Com a finalidade de ser acessível para a reprodução dos projetos, os Cadernos-Ata contém legendas — símbolos distintos para representar processos e componentes.

Nos próximos tópicos, serão apresentados o projeto inicial, fundamentação teórica, metodologia, descrição dos dados e as considerações finais. Sendo assim, alguns conceitos relevantes para o que foi considerado como “práticas sociais de letramentos” serão explicados e aplicados nos dados coletados através do método adotado.

O PLANEJAMENTO

1. Qual o espaço social selecionado pelo grupo para a realização do trabalho de campo?

Lafimp (Laboratório de Fisiologia Molecular de Plantas) da Universidade Estadual de Campinas.

2. Por que esse espaço foi escolhido?

É um espaço em que a escrita/leitura ficam mais em segundo plano e é um espaço que tem vários eventos de letramentos que não são notados no cotidiano.

3. O espaço escolhido é de fácil acesso para o seu grupo?

Sim, temos os contatos dos pesquisadores do laboratório e autorização da professora responsável.

4. Algum(ns) dos membros do grupo já frequenta(m) esse espaço?

Apenas um dos membros já conhece o local.

5. Em qual semana o grupo pretende fazer a coleta de dados?
A semana do dia 24 a 30 de abril de 2022.

6. Há alguma hipótese sobre o papel das práticas de escrita e leitura nesse espaço?

Sim, em como eles fazem os relatórios de pesquisa, anotações, os códigos utilizados para identificação e classificação dos experimentos e como esses documentos permeiam as relações sociais entre os participantes do laboratório (pesquisadores e docentes).

7. O grupo imagina quais eventos de letramento ocorrem nesse espaço?

Vide resposta anterior.

8. Quais instrumentos de coleta de dados vocês pretendem utilizar para o trabalho de campo (ex. notas de campo, entrevistas, análise de documentos)?

Entrevistas.

9. Vocês pretendem abordar algum dos participantes para a realização do trabalho? Ou pretendem apenas observar as interações sociais de modo amplo?

Sim, pretendemos abordar os participantes com entrevistas semi-estruturadas, além das observações.

A PESQUISA

Fundamentação Teórica

Antes de entrar na definição da palavra “letramento”, é necessário falar um pouco sobre como surgiu o termo. Anteriormente, existia o termo em inglês *literacy*, que até hoje é usado para se referir ao “estado ou condição que assume aquele que aprendeu a ler e a escrever” (SOARES, 2009). No Brasil, trabalhava-se apenas com “alfabetização”, porém, este conceito está relacionado apenas ao domínio da “tecnologia da linguagem”, ou seja, distinguir e identificar letras ou palavras, mas sem apropriar-se delas. Tfouni (1988) foi quem fez essa distinção entre “alfabetização” e “letramento”.

Soares (2009) continuou trabalhando a formulação do conceito de letramento e, a partir de *literacy* do inglês, chegou à conclusão de que *letramento* estaria mais relacionado ao resultado do aprendizado da leitura e da escrita, seja de um indivíduo ou grupo social. A apropriação da leitura e da escrita geraria uma mudança de “estado” ou “condição” aos envolvidos, com consequências em aspectos sociais, psíquicos, culturais, linguísticos, cognitivos e até econômicos.

Como bem traz a autora:

Literacy: “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.” Implícito neste conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que esteja inserida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la. (SOARES, 2009)

Com isso, saber ler e escrever vai além de só decodificar palavras escritas por meio de um sistema; é uma prática que se relaciona a todas as práticas sociais exigidas continuamente na sociedade, como saber escrever um bilhete, compreender textos em prosa, reportagens, poemas ou até mesmo localizar informações em mapas, gráficos, tabelas etc.

Todos os exemplos citados acima são referentes a habilidades relacionadas a determinados níveis de letramento. Ainda para Soares (2009), é importante salientar que apesar de os letramentos poderem ser medidos em níveis, o mesmo não é possível para a alfabetização. Uma pessoa analfabeta (que não domina a tecnologia para ler e escrever) pode muito bem apresentar certo grau de letramento, como se interessar por ouvir leituras de uma notícia ou carta por uma pessoa alfabetizada, por exemplo, porque ser letrado envolve as práticas sociais de uso da leitura e da escrita.

Definido o conceito de letramento, o que mais nos interessa é o letramento como fenômeno social responsável por definir identidades, estabelecer relações de hierarquia na sociedade e como instrumento de ideologia. Essa perspectiva foi estudada por Street (2014) por meio de pesquisas bibliográficas com viés antropológico e por estudos etnográficos em escolas dos Estados Unidos.

O autor compartilha da mesma perspectiva que Soares (2009) sobre os letramentos serem muito além de algo ligado à educação formal ou “letramento escolar”. Ele acrescenta que fora as questões técnicas e habilidades de aprendizagem, os letramentos podem estar associados a níveis profundos de significado e crença cultural. Cada grupo social é responsável por atribuir diferentes significados e usos aos letramentos.

Para entender da forma mais completa possível esses diversos significados dos letramentos em um determinado contexto de um grupo social, é necessário fazer uma pesquisa etnográfica, que consiste em ir até o local, entrevistar pessoas e colher informações e dados sobre as práticas de letramentos ali presentes. Blommaert (2006) diz que a etnografia tem o potencial de desafiar visões consagradas, não apenas da linguagem, mas do capital simbólico na sociedade. Assim, a análise desses diferentes dados possibilita entender o impacto da leitura e da escrita na trajetória do grupo social onde é feito o estudo, como afirma Fiad (2017).

Dentro desta pesquisa, o *corpus* do estudo é um tipo de letramento que pode ser definido como “letramento acadêmico”, ligado à concepção mais frequente do termo (educação formal), que são os cadernos-ata. Lillis (2008) identifica que o principal objetivo da pesquisa para escrita acadêmica ainda é o texto escrito, pois existe uma tradição longa e variada de abordagens com foco no texto, na retórica e em diferentes modelos linguísticos para gêneros diversos.

Apesar de ser algo ligado à tradição educacional, o ambiente de pesquisa acadêmico-científico ainda pode ser classificado como um grupo social que faz uso próprio dos letramentos segundo convenções, como afirma a perspectiva teórica de Street. Por meio da escrita, se constroem as relações sociais e se exercem os instrumentos de controle no ambiente. É o que nos afirma Fiad (2017):

A escrita, na verdade, acaba sendo um dos filtros mais fortes na instituição acadêmica, dado o seu valor social e o uso

que dela é feito nas relações hierárquicas entre estudantes e professores, entre pesquisadores e seus avaliadores. (FIAD, 2017)

Metodologia

As metodologias utilizadas na realização desta pesquisa se constituíram de pesquisa bibliográfica, observação participante, notas de campo e realização de entrevistas semiestruturadas com pesquisadores do LaFiMP e com a professora Dra. S.¹, uma das orientadoras do laboratório de pós-graduação em fisiologia molecular de plantas. Todas elas se voltam para a realização de uma etnografia sobre os diferentes letramentos utilizados no ambiente.

A observação participante e as notas de campo foram realizadas apenas com o mestrando L. em fator da disponibilidade de tempo, sendo feitas juntamente com a entrevista no dia 15 de abril de 2022 em um intervalo de tempo de cerca de três horas. As entrevistas foram feitas por meio de gravação de voz, a qual foi transcrita.

Além dessa visita ao laboratório para fazer a observação com as notas de campo de L., foram feitas mais duas outras visitas ao LaFiMP: uma no dia 27 de abril de 2022 apenas para entrevistar a profa. Dra. S. e outra, no dia seguinte, para entrevistar o pós-doutorando V. e a graduanda da Iniciação Científica, G. Esta última visita foi feita com a presença e colaboração de todos os participantes do grupo e foram feitos registros fotográficos do ambiente, dos registros escritos nos diversos locais, dos protocolos de pesquisa impressos e dos cadernos de anotações dos pes-

quisadores. As visitas duraram, em média, meia hora, o tempo para fazer as entrevistas e tirar fotos.

Na parte de pesquisa bibliográfica foram utilizadas para a análise principalmente as concepções de letramentos apresentadas por Street (2014) e Soares (2009).

Descrição e análise dos dados

O cenário

O LaFiMP está localizado no subsolo do Instituto de Biologia da Unicamp e é acessado por meio de um longo corredor que abriga outras salas. O acesso ao subsolo é controlado por meio da liberação da tranca da porta com uso do cartão universitário. Recomenda-se que apenas duas pessoas de fora da comunidade entrem por vez para evitar possíveis acidentes e não bloquear a livre circulação dentro do espaço. Ao entrar no laboratório, na primeira sala a ser vista, encontram-se computadores utilizados pelos pesquisadores para fins de pesquisa e elaboração de relatórios, ao lado de dispositivos pessoais, como laptops, organizados em duas fileiras ao longo das paredes de uma sala retangular. Há um quadro branco na parede esquerda que serve como calendário para os frequentadores do LaFiMP, possuindo um cronograma mensal com datas importantes como reuniões e aniversários de pesquisadores marcados.

Na parede do lado direito, próximo ao teto, encontra-se uma extensa prateleira, sobre a qual residem muitos cadernos de anotações, que pertencem aos atuais e antigos pesquisadores do laboratório. Esses cadernos não dispostos de forma organizada.



Figura 6.1: Cadernos de anotações do LAFiMP.
Fonte: Os autores.

Em ambos os lados do espaço dos computadores, existem salas utilizadas para a realização de experimentos, preenchidas por equipamentos e máquinas necessárias. Em alguns equipamentos, como a balança, existem instruções de uso específicas coladas na própria máquina ou em uma superfície próxima a ela. Na grande maioria do laboratório, folhas de orientações sobre o uso do espaço estão coladas pelas paredes, além de recados informais escritos pelos próprios pesquisadores, e alguns cartazes contêm mensagens específicas sobre o manuseio de cada artefato.



Figura 6.2: Cartaz de orientação de uso de equipamentos no LAFiMP.
Fonte: Os autores.

Considerando os estudos de Street (2014), observamos que os letramentos são conceitos além daqueles tratados dentro do ambiente escolar, possuindo diversas formas e usos diferentes para cada comunidade. Dentro do laboratório LaFiMP, é possível observar como a linguagem específica para a área de pesquisa tratada dentro do espaço e também a linguagem científica geral que encobre os protocolos de segurança estão presentes no ambiente por meio de diversos formatos, como cartazes ou notas adesivas.

É interessante notar como o registro das datas de aniversário dos pesquisadores em um cronograma contribui para a caracterização do espaço do laboratório como um ambiente de respeito e de boas relações entre os seus frequentadores, mas que ainda possui um alto grau de formalidade, refletindo como a escrita e os letramentos são mecanismos poderosos de manutenção de relações hierárquicas.

Os artefatos de leitura e escrita

A escrita está presente na maior parte do ambiente. Os participantes do laboratório se comunicam a partir de “post-its”, avisos nos quadros, calendário contendo datas de aniversários, reuniões, feriados e também datas para manutenção dos objetos de pesquisa, como, por exemplo: regar as plantas, observar tal elemento, coleta de dados, entre outros.

Há pôsteres de avisos colados nas paredes que contém as normas do laboratório, contendo regras de vestimenta, hábitos e também recomendações para a utilização daquele espaço de uma maneira segura. Tudo isso faz parte de um Guia de conduta nos laboratórios do Instituto de Biologia da Unicamp “resumido” para

maior acesso visual. Nas paredes também são colados avisos impressos em papel com as tarefas rotineiras, como organizar bancadas, esvaziar potes de descarte, encher regularmente pissetas e borrifadores das áreas de bioquímica. As instruções contêm suas especificações de quantidade, modo etc.

Novamente nas paredes, perto dos equipamentos químicos/biológicos, são anexadas folhas de papel com instruções de análise, algumas inclusive em inglês, espalhadas pelo recinto. Também se encontram “post-its” com frases no imperativo, tal como: “O último a sair tranque a porta!”, “Abriu? Guarde aqui!”. Nos próprios equipamentos há a presença de notas adesivas, feitas pelos usuários, com orientações de manuseio, de limpeza e cuidado com os instrumentos. A maioria das notas traz frases curtas e informais.

Entretanto, o maior meio de comunicação entre os usuários do LaFiMP são os Cadernos-Ata, que se distribuem em prateleiras de fácil acesso a todos e, deste modo, estudantes, pesquisadores, orientadores e docentes podem utilizá-lo para consulta de protocolos, dados e pesquisa de todos aqueles que passaram por aquele laboratório. Este é, de fato, o principal evento de letramento que vamos investigar.

Os participantes

Os participantes envolvidos na prática de letramento dos cadernos são os próprios pesquisadores do LaFiMP, incluindo desde graduandos até estudantes de pós-doutorado. Cada participante possui seu próprio caderno e tem um certo grau de autonomia quando se trata dos registros que são feitos, a exceção dos graduandos da Iniciação Científica, que possuem um maior acompanha-

mento de seus registros nos cadernos pelos professores orientadores do laboratório.

Entre os participantes, existe uma relação de colegas de trabalho (pesquisador/pesquisador), com a presença do fator da senioridade que se torna aparente em algumas situações e etapas de pesquisa que requerem uma maior experiência com termos técnicos e procedimentos, mas que não cria um ambiente hostil e de oposição entre os pesquisadores.

Todos os pesquisadores têm a obrigação de criar materiais escritos para seus cadernos, sendo a ação requerida pelo laboratório para uma supervisão do andamento das pesquisas. Como os registros em caderno servem, dentre outros objetivos, para possibilitar a reprodução de experimentos por outros pesquisadores, a sua consulta e análise é livre para qualquer participante. Quando procurando por algum tópico específico, porém, é necessário ter conhecimento prévio sobre o pesquisador do LaFiMP que já registrou e realizou o experimento desejado.

O uso dos cadernos dentro do laboratório, então, não tem seu acesso restrito a nenhum dos participantes, mas ainda caracterizam relações hierárquicas (STREET, 2014), quando pertencem aos estudantes da Iniciação Científica e são acompanhados pelos professores orientadores, que requerem anotações para possivelmente consultar no futuro, como dito em uma das entrevistas: “só uma breve anotação, não precisa ser algo muito elaborado. Então, se a orientadora quiser ver, ela pode ver [...]”

As práticas de letramento

O laboratório é repleto de práticas de letramento, nas quais

a escrita é um forte laço de comunicação entre seus participantes, que utilizam desta tecnologia para dialogar, como, por exemplo, através de “post-its”, cartazes, pôsteres, folhas impressas, elementos esses que estabelecem uma norma, um guia e também um ambiente colaborativo de respeito e integração entre os seus usuários.

O Caderno-Ata, elemento já mencionado anteriormente, constrói um sistema único daquele ambiente, uma tradição, onde cada estudante recebe seu próprio. Entretanto, em suas anotações, observa-se essa percepção de cooperação, pois são feitas para não ser entendidas apenas por quem as escrevem, mas sim para qualquer um que o utilize para consulta. Isso pode ser observado com gráficos e análises feitas, visto que, mesmo cada um tendo seus próprios códigos (podendo variar entre mais simples ou mais complexos), há sempre a presença de uma legenda para gerar a interpretação correta dos dados.

Este caderno é utilizado até o final da estadia do aluno na instituição e é necessária sua utilização diária, com um relatório informal direcionado ao orientador descrevendo o que foi feito no laboratório, mesmo com coisas simples como “ajudei no experimento de tal pessoa”. Também são registrados protocolos considerados importantes, aqueles que seus proprietários julgam de maior relevância para uma consulta mais rápida (normalmente que serão utilizados em mais experimentos). Esses protocolos são de extrema importância, dado que cada experimento necessita de um protocolo para ser efetuado. Com a recorrência, eles podem ser encontrados em atas de outros estudantes ou disponibilizados pelos próprios docentes.

Além disso, os sujeitos fazem observações de experimento, anotam os resultados, erros e acertos, e tudo que acharem necessário, assim como dados para consulta na hora, como: quantidade, peso, recomendações, entre outros. Isso ajuda para saber o que pode ser feito, caso não sejam os propósitos esperados. Posteriormente, as anotações são conferidas pelo orientador.

O Caderno-Ata é um artefato-conceito que prevalece naquele ambiente, onde nem mesmo as novas tecnologias, como aplicativos de anotações, Google Drive ou notas de celular conseguem substituir.

Considerações finais

Foram identificadas no desenvolvimento do trabalho diversas formas de letramento, tanto formais como informais, científicas e não científicas, em português e em outros idiomas, tendo como objetivo informar, orientar e reger, mas, sobretudo, preservar o histórico das atividades realizadas no laboratório, que constituem um conjunto de informações de uso coletivo. Destaca-se, entre elas, apesar de toda tecnologia disponível, o Caderno-Ata como um instrumento individual de registro de atividades dos pesquisadores, que tanto pela praticidade de transporte aos diversos locais de pesquisa e quanto pela tradição de funcionalidade e compartilhamento entre os pesquisadores, tem sido mantido há anos como meio de registro e consulta.

Como a maioria dos estudantes ainda prefere usar o Caderno-Ata, conclui-se que é possível que seja em razão do valor “sentimental” que emprega, dado que desperta uma sensação de per-

tencimento, de fazer parte daquele espaço e de sua história que se desenvolve. Por meio desse artefato, a escrita tornou-se uma tradição, uma comunicação entre todos aqueles que já passaram por aquele ambiente, afirmando, assim, a teoria de Street (2014), que defende que cada grupo social molda os usos e significados de letramento, que pode estar associado a estas tradições.

Percebe-se ainda na pesquisa o profundo sentido de Soares (2009) quando afirma que o “letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever”, pois, embora a maioria das instruções observadas não sejam para leigos, mas direcionada aos usuários do laboratório, é eminente o intuito colaborativo e de desenvolvimento.

Notas

- ¹ Usaremos aqui as funções e iniciais dos nomes dos participantes a fim de preservar suas identidades.

Capítulo 8



Letramentos em um sebo

Amani Musstafa Zoghbi
Lucas Padula D'avila
Luiza Batista Melo da Silva
Victor Teixeira Turatti

ABRINDO A CONVERSA

Um grupo selecionou como espaço social para a realização da pesquisa minietnográfica o sebo Valise de Cronópio, localizado em Barão Geraldo, distrito onde se encontra um dos campi da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A escolha visava facilitar a acessibilidade dos integrantes do grupo ao local, proporcionando praticidade para o desenvolvimento da pesquisa. Um dos integrantes do grupo, que já frequentava o espaço, sugeriu a escolha deste ambiente e o grupo discutiu as vantagens e as possibilidades de abordagem que a pesquisa proporcionaria. Uma das questões desencadeadoras para o interesse no sebo consistia na pouca atenção que julgávamos haver em relação a esses espaços: há sobre eles poucas pesquisas etnográficas, que parecem dedicar maior relevância às grandes livrarias. A questão-chave que suscitou a curiosidade do grupo foi analisar, como evento de letramento, a compra de um livro, de um disco, de um CD, ou de qualquer outro item presente no sebo.

O grupo não teve dificuldades para realizar uma entrevista com o proprietário do sebo; por isso, foram definidos, de modo

tranquilo e rápido, uma data e um horário. As dificuldades surgiram no momento em que, durante a visita ao sebo, o grupo não encontrou pessoas no espaço para entrevistar. No dia, apareceram somente duas pessoas no estabelecimento: a primeira buscava vender um livro; já a segunda buscava informações. Nenhuma delas realmente utilizou o espaço. Por isso, sentimos a necessidade de criar um formulário na plataforma Google dedicado a frequentadores de sebos de Barão Geraldo, a fim de entendermos como se configura a relação desses frequentadores com esse tipo de espaço e como operam as possíveis práticas de leitura proporcionadas por ele. O formulário contou com seis perguntas, incluindo “Por que você vai ao sebo?” e “Qual sebo você frequenta em Barão Geraldo?”.

Posto isso, o nosso percurso metodológico se configurou em um *corpus* constituído pelas fotografias do ambiente, notas de campo, observações coletadas no sebo Valise de Cronópio, pela entrevista realizada com o proprietário do sebo e pelas respostas ao formulário construído pelo grupo. As dificuldades metodológicas encontradas inicialmente preocuparam bastante o grupo, mas ao fim do processo de análise revelaram-se muito produtivas. Este talvez tenha sido um de nossos aprendizados mais significativos na confecção da minietnografia: compreender o fazer científico como um gesto dialético, passível de ser destrinchado, contestado e reanalisado. O *corpus* constitutivo da pesquisa é muito extenso e renderia outras muitas análises e desconfianças. Na breve descrição etnográfica realizada, sabíamos que não conseguiríamos esgotá-lo e destrinchá-lo em sua totalidade. Por isso, julgamos valiosas algumas conclusões às quais chegamos. Mais

do que o livro em si, ou qualquer outro item passível de ser comprado e consumido, o sebo, enquanto espaço, também opera como mediador de importantes relações sociais. No espaço, o frequentador constrói vínculos com as obras que folheia, lê, investiga, proporcionando identificação e acolhimento com o ambiente.

Os sebos são convencionalmente associados a um espaço de compra e consumo de produtos usados, trazendo consigo um pressuposto cristalizado de que o espaço ofereceria vantagens econômicas. Claro, comparado às livrarias convencionais, um sebo é muito mais vantajoso economicamente. No entanto, quando questionamos, neste espaço, um possível evento de letramento, a compra de um produto se revelou não só pouco vinculada a um ideal de consumo, mas sim — e bem mais — à experiência de frequentadores no espaço de imersão social e cultural proporcionado pelo sebo. O leitor certamente se aproximará, durante a leitura da pesquisa, de dados e relatos preciosos, repensando e questionando a forma como compreende este espaço ainda tão negligenciado.

○ PLANEJAMENTO

1. Qual o espaço social selecionado pelo grupo para a realização do trabalho de campo?

O grupo selecionou como espaço social para a realização do trabalho o sebo Valise de Cronópio, localizado em Barão Geraldo, distrito onde se encontra o campus da Unicamp.

2. Por que esse espaço foi escolhido?

Essa escolha visa facilitar a acessibilidade dos integrantes do gru-

po ao local, proporcionando praticidade para o desenvolvimento do trabalho. Além disso, uma das questões desencadeadoras para o interesse em um sebo consiste na pouca atenção que julgamos haver em relação a esses espaços: há sobre eles poucas pesquisas etnográficas, que parecem dedicar maior relevância às grandes livrarias.

3. O espaço escolhido é de fácil acesso para o seu grupo?

Um dos integrantes do grupo, que frequenta o espaço, sugeriu a escolha deste ambiente, e o grupo discutiu as vantagens e as possibilidades de abordagem que a pesquisa proporcionaria.

4. Algum(ns) dos membros do grupo já frequenta(m) esse espaço?

Apenas um dos membros já conhece o local.

5. Em qual semana o grupo pretende fazer a coleta de dados?

O grupo pretende realizar a coleta de dados entre os dias 18 e 26 de abril de 2022, considerando a chegada do feriado de Páscoa e de Tiradentes, além de eventuais compromissos de integrantes do grupo.

6. Há alguma hipótese sobre o papel das práticas de escrita e leitura nesse espaço?

Uma das hipóteses que move a pesquisa é investigar se o sebo em questão se configura como um ambiente de inserção em práticas de letramento, visto que oferece uma relativa democratização do acesso a livros e demais materiais.

7. O grupo imagina quais eventos de letramento ocorrem nesse espaço?

É um espaço em que a escrita/leitura ficam mais em segundo plano e é um espaço que tem vários eventos de letramentos que não são notados no cotidiano.

8. Quais instrumentos de coleta de dados vocês pretendem utilizar para o trabalho de campo (ex. notas de campo, entrevistas, análise de documentos)?

Planejamos descrever o ambiente do sebo, coletando fotos do local, com a devida permissão do proprietário.

9. Vocês pretendem abordar algum dos participantes para a realização do trabalho? Ou pretendem apenas observar as interações sociais de modo amplo?

Até o momento, nosso plano é entrevistar o proprietário do sebo, cuja formação é em Letras, e questioná-lo sobre sua relação com o espaço, e o que o motivou a criá-lo.

A PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida para a disciplina de *Letramentos: teoria e prática*, ministrada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, e tem como objetivo observar o evento de letramento de compra de materiais (desde livros, CDs, vinis, HQs, entre outros) no sebo Valise de Cronópio, estabelecimento escolhido devido à sua proximidade com a Unicamp, localizada no distrito campineiro de Barão Geraldo.

A metodologia utilizada inclui uma minidescrição etnográfica ou, em outras palavras, uma microanálise etnográfica, que não dispõe de regulamentos muito rígidos ou pré-determinados. Inicialmente, observamos o sebo a fim de capturar a relação entre o espaço e os alunos da Unicamp, tendo um interesse em como a mediação da leitura e da escrita ocorrem no ambiente. Além disso, entendemos que o sebo é um espaço de democratização do acesso a livros, visto que muitas vezes apresenta volumes com preços mais acessíveis, devido ao seu uso prévio. No desenvolvimento da pesquisa foram consideradas:

As categorias ou temas que escolhemos para observar não são necessariamente escolhidos previamente; na maioria das vezes esta escolha se dá a partir do desenvolvimento do trabalho de campo, a esse movimento da pesquisa chamamos hipóteses progressivas (HAMMERSLEY, 1983), pois a cada momento de reflexividade sobre o trabalho de desempenho no trabalho, modifica-se o caminhar e cria-se um movimento próprio aos dados e como de eles refletem as nossas questões. (MATTOS, 2011, p. 66)

Desse modo, as hipóteses progressivas foram se desenvolvendo e passamos a encarar o sebo mais do que como um espaço de democratização da leitura, mas também como um ambiente de práticas de letramentos. Há também os letramentos particulares ao seu próprio funcionamento interno, como pode ser notado, por exemplo, na catalogação dos itens e também na organização dos livros em exposição na loja.

Para fundamentar as bases teóricas desta pesquisa, mobilizamos os conceitos de *letramento* apresentados por Soares (2008),

Street (2014) e Rojo (2009), para que assim possamos compreender como a leitura e a escrita medeiam as relações nesse evento que ocorre coletiva e individualmente, partindo da desconfiança de que o sebo simbolizaria um espaço plural de vivências e também de imersão. Ainda que o sebo não seja tão democrático como uma biblioteca, cujos livros são de acesso público e gratuito, para universitários é muitas vezes interessante e importante que eles sejam de fato donos dos livros, permitindo que grifem, escrevam e façam marcações.

Uma das questões desencadeadoras para o interesse no sebo consiste na pouca atenção que julgamos haver em relação a esses espaços: há sobre eles poucas pesquisas etnográficas, que parecem dedicar maior relevância às grandes livrarias. Assim, é interessante que seja feita uma pesquisa sobre o funcionamento social desse espaço como um possibilitador de eventos de letramentos de acesso a várias camadas sociais.

Por fim, nos utilizaremos de fotos, notas de campo e uma entrevista com o proprietário, além de um formulário exclusivo para os alunos da Unicamp, o qual investigou a relação destes com o espaço de sebos para a análise dos eventos que ocorrem dentro desse ambiente de letramento.

Fundamentação Teórica

O conceito de *letramento* surge no Brasil no final da década de 1980 como um termo inserido nas áreas da educação e da linguística. Segundo Soares (2008), uma de suas primeiras ocorrências é na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguís-*

tica, de Mary Kato, em 1986. Inicialmente, o conceito de *letramento* ainda estava muito ligado ao de *alfabetismo*, termo este que, atualmente, costuma ser diferenciado por se vincular às capacidades cognitivas e competências linguísticas em um foco individual. A obra que inaugurou os novos estudos de letramento foi *Letramento: teoria e prática*, publicada em 1984 por Brian Street. Segundo Rojo (2009), Street propunha uma divisão nos estudos da área do letramento, com os seguintes enfoques: *autônomo*, que compreende o letramento a partir de uma perspectiva técnica, que não considera o contexto social; e o *ideológico*, que observa as práticas de letramento como não dissociáveis das estruturas de poder e estruturas culturais (assim é reconhecida a leitura e a escrita em diferentes contextos). Nesta pesquisa, optamos pela segunda acepção apresentada por Street.

A concepção de letramento se originou do termo *literacy*, que é, em poucas palavras, a versão do português europeu para a palavra de língua inglesa. Ademais, o vocábulo surge também de uma necessidade de separar os estudos acerca do impacto social da escrita dos estudos de alfabetização, que se direcionam ao uso e às práticas de escrita a partir de uma competência centrada mais na individualidade. O conceito *literacy* é definido da seguinte forma:

[...] literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 2008, p. 17)

Desse modo, o letramento não somente permeia a esfera escolar, mas também outros espaços sociais. Como aponta Kleiman (1995), citada por Rojo (2009, p. 78) “[...] já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes”. Assim, podemos apontar que as práticas de letramento são exercidas em diferentes contextos de nossa sociedade e vão se constituindo em nosso desenvolvimento de leitura e de escrita. Por isso, é possível que um indivíduo possa ser não escolarizado e analfabeto, e ainda assim conseguir participar de práticas de letramento.

Em nossa contemporaneidade, graças aos novos estudos de letramento, há um maior apontamento na heterogeneidade das práticas do uso e da escrita da língua/linguagem nas sociedades letradas, tendo um enfoque em um caráter sociocultural, ademais demonstrado nas práticas de letramento. A partir disso, ocorre um reconhecimento dos múltiplos letramentos, que problematiza os letramentos “dominantes” (organizações formais preveem agentes, por exemplo, os professores) e os “marginalizados” (autogerados, que têm relação com a vida cotidiana). Por meio desse debate, o conceito de letramento passa a ser plural: “letramentos”. Essa dicotomia trata categorias separadas, mas sempre interligadas:

O conceito de letramentos múltiplos é um conceito complexo e muitas vezes ambíguo, pois envolve, além da questão da multisssemiose ou multimodalidade das mídias digitais que lhe deu origem, pelo menos duas facetas: a multiplicidade de práticas de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a multiculturalidade, isto é, o fato de que di-

ferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente. (ROJO, 2009, p. 90)

Posto isso, por meio deste ideal de *letramento*, começamos a observar o evento de letramento em sebos. O *evento de letramento* é um termo adotado e definido por Heath (1982), e se refere a acontecimentos em que se utiliza geralmente um texto escrito, sendo este parte integrante dos processos de interação entre os indivíduos, ou seja, “toda vez em que um texto escrito for o mediador de uma atividade social, aí acontece um evento de letramento” (SANTOS, 2009, p. 4).

Metodologia

O nosso percurso metodológico se ampara num *corpus* constituído pelas fotografias, notas de campo e observações coletadas no sebo Valise de Cronópio, pela entrevista realizada com o proprietário do sebo e pelas respostas ao formulário construído pelo grupo. No dia 28 de abril de 2022, os integrantes se dirigiram ao sebo, momento no qual os primeiros itens foram coletados. A entrevista foi realizada neste mesmo dia, por um dos integrantes do grupo e durou cerca de trinta minutos. Algumas perguntas foram construídas e dirigidas ao proprietário, dando destaque a questões sobre a história do sebo, o seu funcionamento atual e o público que o frequenta. No cronograma de pesquisa, o grupo havia definido um pequeno conjunto de perguntas a serem feitas aos clientes do sebo que estivessem lá no momento da visita. Entretanto, durante as horas em que o grupo passou no

espaço, numa quinta-feira, no início do período da tarde, não houve entrada de clientes. Como era almejado pela pesquisa um questionamento quanto à relação dos clientes com o Sebo Valise de Cronópio para compreender a compra de um item enquanto um evento de letramento, o grupo sentiu a necessidade de construir um formulário dedicado a frequentadores de sebos de Barão Geraldo, a fim de entendermos como se configura a relação desses frequentadores com o espaço e como operam as possíveis práticas de leitura proporcionadas por ele.

O formulário foi criado e contou com seis perguntas, incluindo “Por que você vai ao sebo?” e “Qual sebo você frequenta em Barão Geraldo?”. Ao total, recebemos respostas de cinquenta e dois estudantes da Unicamp, de pelo menos quinze cursos diferentes, restringindo o acesso ao formulário via e-mail institucional. O formulário foi criado no dia 5 de maio de 2022 e foi fechado dez dias depois, no dia 15. Os integrantes dos grupos compartilharam e divulgaram o formulário em grupo de alunos da Unicamp no Whatsapp e no Facebook. Tanto a entrevista quanto o formulário foram desenhados buscando visualizar um evento de letramento, uma prática social ligada a práticas de leitura e escrita. A questão-chave que suscitou a curiosidade do grupo foi analisar, enquanto evento de letramento, a compra de um livro, de um disco, de um CD, ou de qualquer outro item presente no sebo. Julgamos aí também estar implicado, no gesto de procurar, folhear, analisar ou ler um item desejado.

Como será analisado e destrinchado na próxima seção, no momento de análise dos dados, o grupo, a partir dos materiais coletados, se surpreendeu com a relação dos frequentadores com

o espaço do sebo. Mais do que um ambiente destinado ao consumo (aqui entendemos “consumo” como um gesto de compra), o sebo se revelou, a partir das práticas de leitura que proporciona, um espaço de identificação, lazer e descoberta, contrariando a hipótese prevista de que a prática de leitura no sebo estaria necessariamente vinculada à compra de um produto).

Descrição e análise dos dados

O sebo Valise de Cronópio é dividido em diversos espaços com finalidades diferentes. O primeiro espaço com o qual alguém que visite o estabelecimento se depara consiste em um antiquário repleto de móveis de madeira, o qual, segundo o proprietário, se trata de madeira de demolição. Há também outras peças de artesanato, decoração e alguns brinquedos, que estão expostos para a venda. Em seguida, o visitante pode seguir para uma sala em que a entrada é marcada por um varal em que estão pendurados diversos folhetos de cordel e por uma placa avisando que é proibida a entrada com bolsas e mochilas. Há um carrinho com um papel colado a ele dizendo “Carrinho de organização”; há também uma mesinha de centro com alguns livros em exposição, além de uma cadeira de madeira com duas almofadas cobertas por um tecido. Nesta sala, há estantes de metal nas laterais, e que ao fundo também formam pequenos corredores, em que livros de diversos assuntos estão expostos. É possível assumir que há um público universitário que frequenta o sebo, não apenas por estar localizado próximo à Unicamp, mas também pelo fato de que muitos livros estão organizados de acordo com o sobrenome dos

autores, em ordem alfabética, dentro de suas respectivas seções, cujos nomes correspondem aos cursos da universidade.



Figura 7.1: Carrinho de organização no sebo.

Fonte: Os autores.

Os corredores são estreitos e é visível a presença de vários desenhos pendurados ao teto por linhas. Além desta sala, é possível acessar outra sala próxima à entrada, em que há um brechó. Nota-se ali a presença de uma estrutura para expor roupas em cabides e há ao fundo uma estante onde tecidos estão dispostos por cores. Do espaço em que o brechó se encontra, podemos acessar uma parte mais ao fundo, onde se pode notar uma cozinha que não está mais em atividade, visto que antes da pandemia o espaço também contava com um restaurante. Há um suporte para revistas sobre o fogão com várias edições antigas de revistas, além de um globo terrestre e quadros ao fundo. No espaço onde ficavam os clientes do restaurante, há duas mesas com algumas cadeiras, permitindo que alguém se sente e leia nelas. Nas laterais existem diversas estantes: ao lado esquerdo estão dispostas várias HQs, gibis e mangás organizadas de acordo com o título e nume-

ração da obra; em seguida temos diversas revistas antigas, tanto nacionais quanto internacionais.



Figura 7.2: Espaço destinado ao restaurante no sebo, hoje utilizado como espaço de leitura. **Fonte:** Os autores.

Além disso, há também uma seção com DVDs — organizados de acordo com gênero —, e também há uma seção para obras nacionais — de filmes e séries, incluindo alguns “boxes” com todas as temporadas de algumas séries. Acima das estantes também se encontram algumas decorações, como quadros e alguns cabides em formato de uma partitura musical, que também estão à venda. No lado direito, há uma geladeira com porta de vidro, onde se encontram três prateleiras com bebidas, e atrás dela há cartazes com propagandas. Em seguida há duas estantes de metal com obras da literatura infantil, o que é evidenciado pela presença de um adesivo de unicórnio. Há também uma estante contendo HQs e gibis, com destaque para obras nacionais como a “Turma da Mônica”. Há também uma seção de estantes com CDs organizados de acordo com o gênero musical, além de que

em uma das caixas existe uma etiqueta marcando que nela se encontram artistas internacionais, apesar de que eles também se encontram em caixas de com artistas nacionais. Ao lado dessas estantes, existe também uma seção com discos de vinil, organizados de maneira similar. É interessante notar em que uma dessas estantes se encontra uma seção de partituras, que estão organizadas de acordo com a situação cadastral.

Desta forma, acreditamos que a disposição dos móveis e dos livros se dá de tal maneira a permitir que o público do sebo possa encontrar com facilidade as seções pertinentes aos assuntos desejados durante a escolha dos livros, partindo da desconfiança de que esse público seja majoritariamente universitário, devido à localização do sebo nos arredores da Unicamp, além do ordenamento dos livros se dar pelo sobrenome dos autores, como é utilizado nas referências bibliográficas dentro da academia. A disposição dos móveis e dos livros também permite que, apesar do pouco espaço entre alguns dos corredores, o frequentador pode ler ou folhear algumas páginas do livro que deseja adquirir, podendo, aparentemente, utilizar das cadeiras que estão dispostas por diversas partes do ambiente. Além disso, no espaço dos fundos onde estão expostos livros menos voltados ao público universitário, como gibis, HQs, literatura infantil, revistas e CDs, estão disponíveis mesas que podem possibilitar que essa escolha aconteça com mais tranquilidade, visto que há um conforto maior para isso. Por fim, pode-se inferir que isso seja algo que o próprio proprietário espera que aconteça, visto que existe um carrinho para organização, em que os clientes que decidirem não levar um livro que retiraram da estante devem deixá-lo.

Durante a entrevista com o proprietário, que ocorreu no dia 28 de abril de 2022, assim que a entrevistadora chegou, ele estava catalogando novos livros, com três exemplares em suas mãos e um papel, enquanto conversava com um dos funcionários do sebo. Não havia nenhum cliente no espaço dos fundos, que estava reservado para a entrevista, visto que o proprietário já estava ciente de que ela aconteceria e escolheu esse local por ser menos movimentado e diminuir as chances de uma interrupção acontecer. Ele nos contou um pouco sobre o funcionamento do sebo, sua história e também sobre o público do sebo. Na entrevista, o dono nos conta sobre como o início do trabalho com o sebo começou com a venda de livros na saída do Restaurante Universitário da Unicamp:

Comecei a vender livros com um amigo em frente ao bandejão. Nós íamos para São Paulo, e comprávamos os livros em alguns sebos que haviam lá. Na época, a inflação era muito alta, então alguns livros, quando estavam há algum tempo no sebo, ficavam com um valor muito baixo. Nós aproveitávamos esses sebos que marcavam o valor em código, e possuíam uma tabelinha para marcar o valor. Nessa época, havia inflação de quarenta por cento, trinta por cento ao mês. Então nós íamos para São Paulo, comprávamos os livros e vendíamos lá no bandejão.

Ainda na entrevista, o proprietário apontou que as pessoas têm deixado de frequentar os sebos devido à praticidade da compra online, o que se intensificou com o passar do tempo e com a pandemia.

Quando nasceu a Estante Virtual, meados de 2007, 2008, pelos cadastros antigos que eu tenho, mas dos quais não lembro exatamente, em cinco, sete anos, já era cinquenta por cento presencial, cinquenta por cento online. A cada ano você perdia mais cliente presencial e ganhava online. A pandemia ajudou bastante a questão de as pessoas serem obrigadas a usar o comércio online, então as pessoas ficaram e estão cada vez mais habituadas.

No entanto, é interessante notar que no levantamento feito no formulário com os alunos da Unicamp, que teve um espaço amostral de 52 estudantes, identificamos que 92,3% dos participantes ainda frequentam sebos. Dado curioso, visto que no momento da coleta de dados em campo, notamos que o estabelecimento não recebeu clientes durante três horas, o que pode indicar que essas visitas não são tão recorrentes como costumavam ser, de acordo com os relatos do proprietário.

Além disso, é interessante como o proprietário relata algumas de suas experiências com clientes do sebo, contando, por exemplo, como acompanhou a trajetória de alguns clientes desde a infância até a vida adulta, revelando como o ambiente do sebo se relacionou com as práticas de leitura desses clientes e refletiu diferentes períodos da vida, e os letramentos que eram requeridos ou mais utilizados por eles durante um determinado período:

Não, é bem diversificado, até por conta da diversidade de itens que há na loja. Tive cliente que eu conhecia desde muito criança, e quando virava para a adolescência comprava a revista Playboy, super sexista. Mas, sei lá, foi uma fase. Aí esse moleque comprava revista Playboy. Depois de um tem-

po entra na universidade, faz, sei lá, sociologia, e esse moleque começa a comprar livros de sociologia, de filosofia. Depois de terminar a graduação, vai fazer pós lá fora. Eu tenho casos assim, que eu me lembro. Um foi pra França, hoje é professor universitário. Então você pega o percurso acadêmico da pessoa, mais que acadêmico, até antes da academia, o percurso intelectual da molecada. Hoje não é mais molecada, já tem mais de quarenta.

Também é interessante notar como a proximidade com a universidade se reflete com os livros que estão no sebo; assim, o proprietário trabalha com mais livros voltados para a vida acadêmica do que com outros livros, como ocorreria em sebos em outras partes da cidade. É o que o proprietário do sebo confirma:

Meu sebo é muito diferente de um sebo lá no centro de Campinas, porque lá o público é diversificado, como meu público era mais Unicamp, eu sempre fui mais voltado pra cursos acadêmicos...

Tanto a descrição do espaço quanto a percepção do proprietário sobre o público que frequenta o sebo nos auxiliam a interpretar o evento de letramento que escolhemos: a compra de um livro em um sebo, o que nos guia, a partir das respostas ao formulário, a novas interpretações. O motivo que mais nos chamou a atenção nas respostas dadas pelos alunos da Unicamp quando perguntados sobre por que visitam sebos consiste no fato de que elas não se resumiram apenas às vantagens financeiras de consumir produtos usados. Em outras palavras, alguns responderam que compram em sebos por conta dos valores reduzidos, mas ou-

tros muitos revelaram que visitam o sebo por conta da experiência no espaço. Nesse sentido, o sebo se constituiria não apenas como um ambiente de acesso a práticas de leitura, mas também como um espaço de socialização e de imersão. É interessante notar que alguns alunos apontaram que o sebo é muito mais “convitativo” e “receptivo” do que uma livraria convencional, o que nos levou a refletir sobre o sebo como mais do que um ambiente de consumo, mas como um ambiente de imersão em práticas de contato com leitura e cultura.

Nesse sentido, levar em conta as particularidades do espaço do Sebo Valise de Cronópio é muito importante. Diferentemente do Galpão de Livros, um outro grande sebo de Barão Geraldo, o Sebo Valise não possui apenas um estoque de livros à venda, mas, como descrevemos acima, dispõe também de discos, CDs, DVDs, roupas, móveis e máquinas antigas. Essa observação é ainda mais importante quando notamos que os alunos que responderam nos formulários que visitam o sebo pela experiência de imersão cultural e social no espaço também responderam que frequentam em Barão Geraldo apenas o Sebo Valise de Cronópio. Boa parte dos alunos que responderam que encaram o sebo apenas como um espaço para o consumo de livros mais baratos apontou o Galpão de Livros como o sebo que frequentam em Barão Geraldo, e não o Valise de Cronópio. Essa observação é fundamental para analisarmos nossa premissa inicial. Quando idealizamos a pesquisa, o grupo assumiu como evento principal de letramento a compra de um item, tal como um livro, por exemplo, no espaço de um sebo. Julgávamos que este seria o evento básico do funcionamento do espaço e que seus frequentadores consisti-

riam em um público muito específico. A entrevista com o proprietário revelou o contrário: o público que frequenta o Valise de Cronópio, ainda que se resume majoritariamente a estudantes universitários, é muito diversificado. Mas, mais do que isso, tal constatação, somada às justificativas dadas pelos frequentadores nas respostas do formulário, revela que é pouco o evento de letramento vinculado ao consumo/compra de livros, filmes, HQs, por exemplo, e mais a experiência de folheá-los, de ler suas contracapas e sinopses, de se perder pelo espaço do sebo realizando esse gesto de leitura repetidamente diante de diferentes materiais.

O *corpus* constitutivo da pesquisa é muito extenso e renderia outras muitas análises e desconfianças. Aqui, nesta breve descrição etnográfica, sabemos que não conseguiríamos esgotá-lo e destrinchá-lo em sua totalidade. Por isso, julgamos valiosas algumas conclusões às quais chegamos. Mais do que o livro em si, ou qualquer outro item passível de ser comprado e consumido, o sebo, enquanto espaço, também opera como mediador de importantes relações sociais. No espaço, o frequentador constrói vínculos com as obras que folheia, lê, investiga, proporcionando identificação e acolhimento com o ambiente.

Considerações finais

As reflexões mobilizadas em nossa investigação constituem um exercício dialético, passível de ser destrinchado, contestado e reanalisado, como é próprio do fazer científico. Em razão da inesgotabilidade do *corpus*, os tópicos que dele emanam também dificilmente poderiam ser esgotados, o que é natural em uma pes-

quisa científica: devemos colocar um ponto final cientes de que isso dificilmente encerra propriamente uma discussão. Os sebos são convencionalmente associados a um espaço de compra e consumo de produtos usados, trazendo consigo um pressuposto cristalizado de que o espaço ofereceria vantagens econômicas.

Claro, comparado às livrarias convencionais, o sebo é muito mais vantajoso economicamente. No entanto, quando questionamos, neste espaço, um possível evento de letramento, a compra de um produto se revelou muito pouco vinculada a um ideal de consumo, e mais — bem mais — à experiência de frequentadores no espaço de imersão social e cultural proporcionado pelo sebo. Essa experiência provavelmente também tem relação com um contato maior com a cultura escrita e com outras formas de mídia que proporciona o Sebo Valise de Cronópio, visto que possibilita, durante a escolha de um item, que o consumidor possa interagir ativamente com o livro, folheando-o, lendo pequenos trechos e até mesmo analisando o estado em que se encontra. Além disso, trata-se de um ambiente que pode proporcionar algum tipo de socialização durante o momento da escolha. Assim, algumas práticas de letramento ocorrem nesse momento de diferentes maneiras. Além do exercício da leitura para entender aquilo que está sendo comprado, é necessário usar diferentes tipos de letramentos em diferentes momentos, desde a escolha do livro, que requer o conhecimento de como navegar pelos tópicos e autores para chegar a itens relacionados àquele que se deseja, à leitura, ainda que de forma mais superficial, para checar se o produto é de fato relevante, incluindo a partir de um repertório de julgamento sobre o estado em que se encontra e o preço pelo qual está sendo vendido.

Esses breves panoramas apresentados aqui revelam como toda relação dos e entre os seres humanos é linguisticamente mediada, sendo a língua o elemento mais convencional em que toda a relação se estrutura, vive e se determina. Da mesma forma, as práticas e os eventos de letramento são perfeitamente capazes de construir relações de identificação e pertencimento com espaços e objetos.

Referências



ALVES, M.; SUAIDEN, E. Bibliotecas públicas e letramento informacional. *Em Questão*, v. 22, n. 1, p. 214-241, 2016.

AUGUSTO, J. et al. Perspectivas para o uso da pesquisa observacional em biblioteca universitária: um estudo na coleção de periódicos. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 15, n. 3, 2017.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAGNO, M.; RANGEL, E. Tarefas da educação linguística no Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARTON, D. et al. Photographing literacy practices. *Changing English Studies in Culture and Education*, Volume 1, 1994, p. 127-140.

BARTON, D.; HAMILTON, M. *Local literacies: reading and writing in one community*. London: Routledge, 1998.

BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIČ, R. (Eds.). *Situated literacies: reading and writing in context*. Londres e Nova York: Routledge, 2000.

BRANDÃO, K. Processos de refração e dialogismo na música instrumental brasileira. *Revista do Fórum Internacional de Estudos em Música e Dança*, UA Editora, v. 4, n. 4, p. 134-142, 2017.

BUNZEN, C. Os significados do letramento escolar como uma prática socio-cultural. In: VÓVIO, C. et al. (Org.). *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 99-120.

CANTISANI PADUA, M.; NAKANO, N.; VICENTINI JORENTE, M. Explorando projetos de inovação em comunicação museológica. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 44, n. 1, e3, apr. 2021.

CORSI, D.; HIRANO, D.; NISHIMURA, R. *Museu Exploratório de Ciências da UNICAMP*. 2009. Projeto arquitetônico. Disponível em:

<https://concursosdeprojeto.org/2009/08/17/museu-unicamp-01-chn/>. Acesso em: 21 maio 2022.

DUBRULL, D.; DECCACHE-MAIA, E. Processos de produção de exposições em um museu de ciências: o MAST como exemplo. *Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 23, 2021.

EMERSON, R.; FRETZ, R.; SHAW, L. *Writing ethnographic fieldnotes*. 2. ed. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2011.

FETTERMAN, D. *Ethnography: step by step*. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998.

FIAD, R. S. A escrita na universidade. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 357-369. 2a parte, 2011.

FISCHER, A. Letramentos acadêmicos: (re)contextualizações e sentidos. In: RIBEIRO, A. E.; VECCHIO, P. (Org.). *Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto Aula Aberta durante a pandemia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2020. p. 94-104.

GASQUE, K. Arcabouço conceitual do letramento informacional. *Ciência da Informação*, v. 39, p. 83-92, 2010.

HAMILTON, M. Expanding the new literacies studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIČ, R. *Situated literacies: reading and writing in context*. London/New York: Routledge, 2000.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. *Etnografia: princípios em prática*. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HEATH, S.; STREET, B. V. *On ethnography: approaches to languages and literacy research*. National Conference on Research in language and literacy. New York: Teachers College Columbia, 2008.

HEATH, S. El valor de la lectura de cuentos infantiles a la hora de dormir: habilidades narrativas en el hogar y en la escuela. In: ZAVALLA, V.; NIÑO-MURCIA, M.; AMES, P. *Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas e etnográficas*. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004, p. 143-169.

HEATH, S. *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. New York: Cambridge University, 1983.

HEATH, S. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. *Language in Society*, Cambridge University Press, v. 11/issue 1, p. 49-76, 1982.

KATO, M. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, n. 32, v. 53, p. 1-25, 2007.

KOONTZ, C.; GUBBIN, B. (Org.). *Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas*. Brasília: Briquet de Lemos, 2012.

LANDIM, M. Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo: adaptação aos novos tempos. *Estudos Avançados*, n. 25, v. 73, p. 205-216, 2011.

LEA, M.; STREET, B. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998.

LILLIS, T. Ethnography as method, methodology and “Deep Theorizing”. *Written Communication*, n. 25, v. 3, p. 353-388, jul. 2008.

LOPES, I. *Cenas de letramentos sociais*. 212 f. 2004. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

LOYOLA FILHO, L. *Um estudo sobre o desenvolvimento de leitura à primeira vista a partir do método O Passo*. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós Graduação em Música, Curitiba, 2016.

MARANDINO, M. *Tendências teóricas e metodológicas no ensino de Ciências*. São Paulo: USP, 2002.

MATTOS, C. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C.; CASTRO, P. (Org.). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente*. festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MORGAN-TRIMMER, S.; WOOD, F. Ethnographic methods for process evaluations of complex health behaviour interventions. *Trials*, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2016.

PAD - Programa de Apoio Pedagógico. Pró Reitoria de Graduação da Unicamp. Disponível em: <https://www.prg.unicamp.br/graduacao/pad/>. Acesso em: 12 maio de 2022.

PUPO, D.; BONILHA, F.; CARVALHO, S. Laboratório de acessibilidade: criação, implantação e inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais na Biblioteca Central da Unicamp. SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, v. 13, 2004.

RODRIGUES, D.; FISCHER, A. O discurso relatado na escrita de pesquisa: problematizações teóricas e didático-discursivas em práticas de letramentos acadêmicos. *Travessias Interativas*, v. 11, n. 24, p. 88-103, 2022.

ROJO, R. *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, F.; SOUZA MACHADO, L. O papel do bibliotecário de referência na construção do letramento informacional acadêmico: uma prática intersetorial e interdisciplinar. *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, v. 5, n. 2, p. 142-163, 2014.

SANTOS, J. Eventos e práticas de letramento: recortes de uma experiência na educação não-formal. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5, Rio Grande do Sul, 2009.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto de pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 99-112.

SILVA FILHO, V.; RODRIGUES, R. Letramento e construção de identidade na terceira idade: um estudo de caso. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 12, n. 2, p. 517-544, 2012.

SILVA, L.; ARAÚJO, D. Correlação entre carta-protesto e histórico de letramento do candidato: uma análise de redações do vestibular. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 10, n. 2, p. 315-338, maio/ago. 2010.

SILVA, R. A conceituação de letramento musical e sua aplicação na formação musical do educador: aquisição de competências musicais. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, n. 11, São Carlos, 2018.

SISTEMA de Bibliotecas da Unicamp. *Conheça o LAB*. 2022. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/sbu/laboratorio-de-acessibilidade/>. Acesso em: 13 maio 2022.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. (Org.). *Letramento no Brasil*: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003, p. 89-113.

SOARES, M. Letramento em verbete: o que é letramento? In: SOARES, M. *Letramento*: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 15-25.

SOARES, M. Letramento. *Glossário Ceale*. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento>. Acesso em: 25 maio 2022.

SOARES, M. *Letramento*: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Apresentado durante a Teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade', outubro de 2003.

STREET, B. *Cross-cultural approaches to literacy*. Cambridge: UK and New York: Cambridge University Press, 1993.

STREET, B. Introduction. In: STREET, B. *Literacy and development: ethnographic perspectives*. Eastbourn: Routledge, 2005. p. 1-18.

STREET, B. *Letramentos sociais*: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B. *Literacy in theory and practice*. New York: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. England: Longman Group Limited, 1995.

STREET, B. What's — new in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current issues in comparative education*, New York, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

STREET, B.; CASTANHEIRA, M. Práticas e eventos de letramento (verbete). In: FRADE, I.; COSTA VAL, M.; BREGUNCI, M. *Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: CEALE, 2014.

STREET, B.; LEFSTEIN, A. *Literacy: an advanced resource book for students*. Canada: Routledge, p. 193-199, 2007.

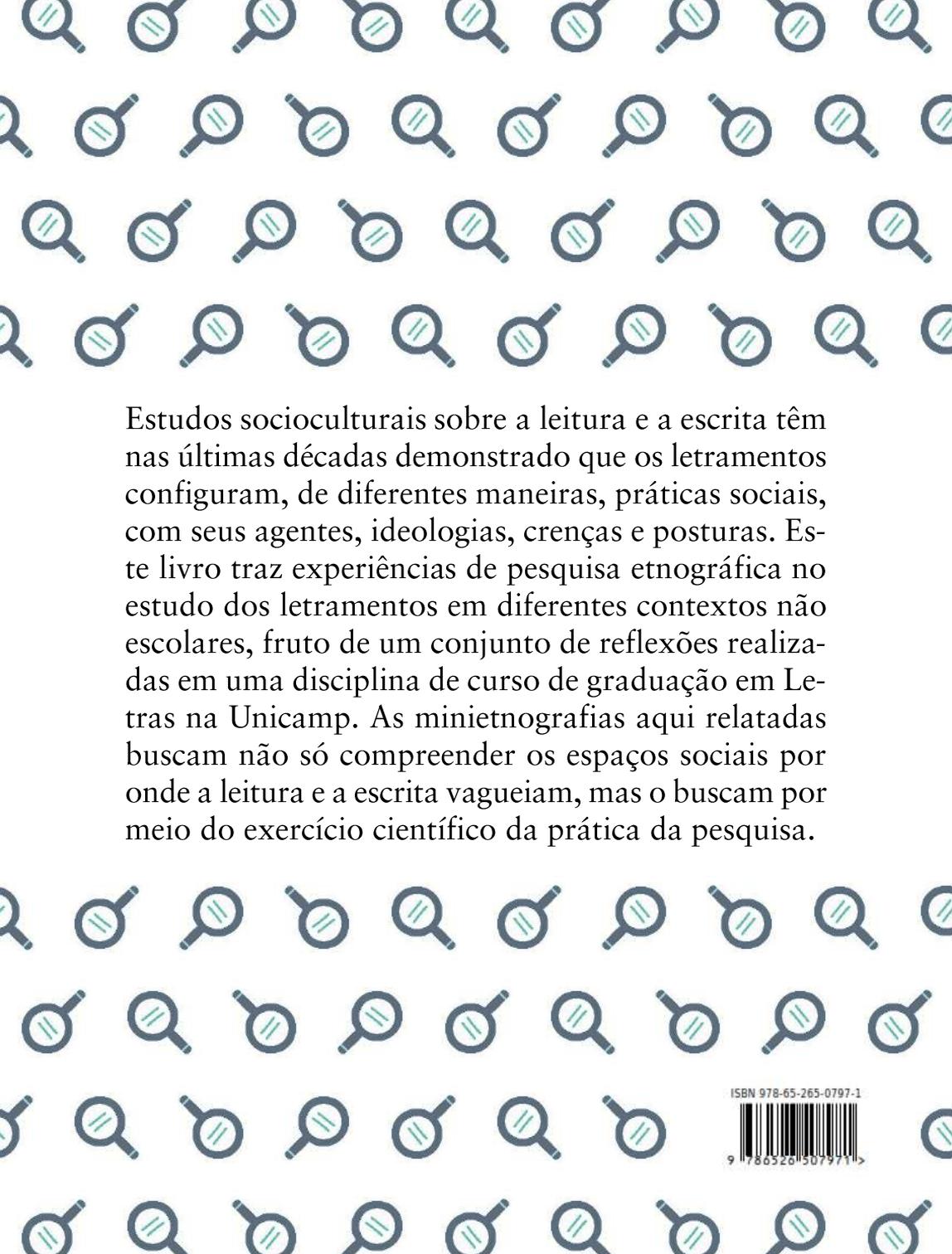
SUGIMOTO, L. O embrião do novo Museu de Ciências, para quem quiser conhecer. 2009. *Jornal da Unicamp*, Ano XXIII N° 436.

TFOUNI, L. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

VICENTINI, L. et al. O papel da biblioteca universitária no incentivo à leitura e promoção da cidadania. *Biblios*, v. 8, n. 27. 2007.

VIDAL, D. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. *Currículo Sem Fronteiras*, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 25-41, jan. 2009.





Estudos socioculturais sobre a leitura e a escrita têm nas últimas décadas demonstrado que os letramentos configuram, de diferentes maneiras, práticas sociais, com seus agentes, ideologias, crenças e posturas. Este livro traz experiências de pesquisa etnográfica no estudo dos letramentos em diferentes contextos não escolares, fruto de um conjunto de reflexões realizadas em uma disciplina de curso de graduação em Letras na Unicamp. As minietnografias aqui relatadas buscam não só compreender os espaços sociais por onde a leitura e a escrita vagueiam, mas o buscam por meio do exercício científico da prática da pesquisa.

ISBN 978-65-265-0797-1



9 786526 507971 >